



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LETRAS

(MESTRADO) VICTOR HUGO DOS SANTOS GABRIEL

**ENTRE CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES: UMA ANÁLISE
FOUCAULTIANA DE ENUNCIADOS SOBRE AS MASCULINIDADES NA
PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

MARINGÁ – PR

2024

VICTOR HUGO DOS SANTOS GABRIEL

**ENTRE CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES: UMA ANÁLISE
FOUCAULTIANA DE ENUNCIADOS SOBRE AS MASCULINIDADES NA
PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá,
como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em
Letras, área de concentração: **Estudos do Texto e do Discurso**.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luís Navarro Barbosa

MARINGÁ – PR

2024

G118e

Gabriel, Victor Hugo dos Santos

Entre continuidades e descontinuidades: uma análise foucaultiana de enunciados sobre as masculinidades na prática futebolística brasileira contemporânea / Victor Hugo dos Santos Gabriel. -- Maringá, PR, 2024.

137 f.: il., figs.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Língua Portuguesa, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.

CDD 23.ed. 401.41

Elaine Cristina Soares Lira - CRB-9/1202


VICTOR HUGO DOS SANTOS GABRIEL

**ENTRE CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES: UMA
ANÁLISE FOUCAULTIANA DE ENUNCIADOS SOBRE AS
MASCULINIDADES NA PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA
BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.**


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Linguísticos.**

Aprovado em Maringá, **25 de junho de 2024.**


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **PEDRO LUIS NAVARRO BARBOSA**
Data: 26/06/2024 11:34:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa
Presidente da Banca (UEM/PLE)

Documento assinado digitalmente
 **HELCIUS BATISTA PEREIRA**
Data: 25/06/2024 21:11:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Hélcio Batista Pereira
Membro Titular (UEM/PLE)

Documento assinado digitalmente
 **VANICE MARIA OLIVEIRA SARGENTINI**
Data: 25/06/2024 16:25:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Vanice Maria Oliveira Sargentini
Membro Titular Externo (UFSCAR – São Carlos/SP)

Dedicatória

Aos responsáveis pela minha formação básica escolar e pela minha formação acadêmica, por me ensinarem desde os conceitos mais básicos da vida até os mais complexos, por me apoiarem incondicionalmente, durante toda a minha vida, dedico essa pesquisa de dissertação a minha família, em específico a meu tio José Gabriel Junior, minha avó Janete dos Santos Gabriel, meu avô José Gabriel e a minha amada irmã Heloísa Gabriel Mazola. Um carinho mais do que especial e singular à minha mãe, Juliana Gabriel Mazola, meu exemplo de luta, resistência e de persistência. Sem vocês, esse trabalho e esse sonho jamais seriam possíveis. Que essa dedicatória seja mais um símbolo da nossa conquista conjunta e que ele abra portas para “voos” ainda mais longínquos.

Agradecimentos

Essencialmente, agradeço ao meu professor orientador, amigo pessoal, inspiração intelectual, profissional e acadêmica, Prof. Dr. Pedro Luís Navarro Barbosa, pela oportunidade do trabalho conjunto e pela trajetória parceira nos estudos discursivos foucaultianos. Muito obrigado por todo o apoio e compreensão nesse processo.

Um agradecimento especial ao Grupo Interinstitucional de Estudos Discursivos Foucaultianos (GIEF) pelas vastas contribuições a esse trabalho nas reuniões e discussões de segundas-feiras.

Aos meus professores da Educação Básica, que serviram de alicerce fundamental para toda a minha trajetória escolar até os rumos acadêmicos.

Aos meus docentes das Letras, repletos de conhecimento, em especial aos que me ministraram aulas durante a graduação e a pós-graduação na Universidade Estadual de Maringá, instituição que tanto amo e prezo.

Aos professores Hélcio Pereira e Vanice Sargentini por aceitarem fazer parte da banca dessa dissertação. Fica registrada a minha admiração. Um vasto agradecimento por serem inspiração nos meus rumos acadêmicos.

A minha amada Camylla Fernandes Vieira, pelo apoio nessa jornada, muitas vezes, desgastante. Muito obrigado por me ouvir, por ser meu porto-seguro diário e pela contribuição para além dos campos acadêmicos.

Ao Airton Junior, meu amigo das Letras, que, ao ouvir os meus breves desabafos, me acalmava e me reestabelecia a confiança de que tudo seria possível.

Às amigas de mestrado e da vida: Daiara Godoi e Izabelle Diniz pela companhia nas aulas e disciplinas, e por, gradativamente, nesse caminho da pós, compartilharem dos mesmos pensamentos e me acalentarem com vossas parcerias.

Aos amigos professores, Luiz Matheus Sanches, Marcelo Bento e Alex Boava, por me nutrirem de apoio emocional nos momentos em que precisava.

A todos aqueles que, de alguma maneira, indiretamente ou diretamente me apoiaram e torceram para que esse sonho pudesse se tornar realidade, a minha gratidão eterna.

*“Vida é noção que a gente completa seguida assim, mas só por
lei duma ideia falsa. Cada dia é um dia.”*

- Guimarães Rosa

Resumo

A produção de entendimentos outros sobre o conceito do "novo homem", como difundido pela mídia e perfis nas redes sociais, delineia um cenário de múltiplas práticas discursivas que anteriormente estavam ligadas a um padrão de comportamento masculino. Essas formas de masculinidade, consideradas novas por determinado segmento social, evidenciam a emergência histórica do enunciado e nos impulsiona a examinar as práticas sociais em que estamos imersos. Mesmo em um mundo neoliberal, capitalista e globalizado, em que o individualismo é predominante e a dinâmica entre sujeito e poder é enfatizada, ainda é possível que surjam configurações de masculinidade que se desviem da hegemonia estabelecida. Alguns enunciados midiáticos apresentados posteriormente demarcam esse rompimento. Nesse contexto, as mudanças que causam rupturas nos modos de enunciabilidade e visibilidade da masculinidade podem ser percebidas de uma perspectiva histórica, ao reconhecermos que o discurso é social e histórico. A justificativa para esse trabalho respalda-se na intenção de compreender como diferentes formas de masculinidades são enunciadas em um âmbito majoritariamente associado ao dispositivo do patriarcalismo do futebol no Brasil. Movidos por sermos pesquisadores do discurso e apreciadores do esporte, questionamos como as raízes de uma masculinidade tóxica são atreladas a práticas enunciativas que se mantêm ligadas ao tradicional e ao conservador e se haveria movimentos de resistência a esse modelo de homem. Compreender as descontinuidades dos enunciados relacionados à masculinidade, permite-nos aproximarmos de uma sociedade mais respeitosa e empática, uma vez que o entendimento desse processo de rupturas e permanências permite entender as raízes da manutenção e da dispersão. Dito isso, nosso objetivo geral é o de compreender as continuidades e descontinuidades presentes em um quadro enunciativo que comporta posições de sujeito relacionadas à experiência das masculinidades, extraídas de diferentes perfis midiáticos. Analisaremos como eventos e práticas discursivas contribuem para as relações de poder e conhecimento sobre as masculinidades, entendidas aqui como termos discursivos e práticas sociais. Os objetivos específicos são: analisar como as masculinidades se comportam como um enunciado rizomático no corpus sob investigação; realizar uma análise arqueológica do funcionamento do patriarcalismo no que tange à prática futebolística intrinsecamente conectada à masculinidade no Brasil; e compreender a relação poder-saber do patriarcado em formulação de condutas relacionadas ao choro no espaço do futebol brasileiro. Para percorrermos esse trajeto, basear-nos-emos nos estudos de Foucault (1969, 1970, 1975, 1979, 1984), Deleuze e Guattari (1986), Courtine (1981) Grós (2018), Gregolin (2002), Navarro (2018), e outros estudiosos do discurso.

Palavras-chave: Masculinidades. Foucault. Rizoma. Patriarcalismo. Condutas.

Abstract

The production of alternative understandings regarding the concept of the "new man," as disseminated by the media and profiles on social networks, outlines a scenario of diverse discursive practices that were previously linked to a pattern of masculine behavior. These forms of masculinity, considered new by certain social segments, highlight the historical emergence of discourse and impel us to examine the social practices in which we are immersed. Even in a neoliberal, capitalist, and globalized world, where individualism predominates and the dynamics between subject and power are emphasized, it is still possible for configurations of masculinity to emerge that deviate from the established hegemony. Some subsequent media statements mark this rupture. In this context, changes that cause ruptures in the modes of enunciability and visibility of masculinity can be perceived from a historical perspective, recognizing that discourse is social and historical. The justification for this work is based on the intention to understand how different forms of masculinities are articulated within a context predominantly associated with the patriarchy of soccer in Brazil. Driven by our roles as discourse researchers and sports enthusiasts, we question how the roots of toxic masculinity are tied to enunciative practices that remain linked to the traditional and conservative, and whether there are movements of resistance to this model of manhood. Understanding the discontinuities of discourses related to masculinity allows us to approach a more respectful and empathetic society, as understanding this process of ruptures and continuities enables us to understand the roots of maintenance and dispersion. With this in mind, our general objective is to understand the continuities and discontinuities present in an enunciative framework that encompasses subject positions related to the experience of masculinities, drawn from different media profiles. We will analyze how events and discursive practices contribute to power and knowledge relations regarding masculinities, understood here as discursive terms and social practices. The specific objectives are: to perceive that masculinities behave as a rhizomatic statement in the corpus under investigation, and their ramifications are discursively articulated in relationships concerning docility, affectivity (affection), sexuality, fatherhood, virility, violence, and effectiveness; to conduct an archaeological analysis of the functioning of patriarchy concerning the football practice intrinsically connected to masculinity in Brazil and to understand the power-knowledge relationship of patriarchy in formulating behaviors related to crying in the space of Brazilian soccer. To navigate this path, we will rely on the studies of Foucault, Deleuze e Guattari (1986), Courtine (1981) Grós (2018), Gregolin (2002), Navarro (2018) and other discourse authors.

Keywords: Masculinities. Foucault. Rhizome. Patriarchy. Conducts.

Sumário

| | |
|---|-----|
| 1. Introdução | 11 |
| 2. Masculinidades: enunciado, verdade e poder | 17 |
| 3. Por uma cartografia das masculinidades e seu aspecto rizomático no corpus sob investigação | 30 |
| 4. Uma análise arqueogenealógica foucaultiana do funcionamento do patriarcalismo no futebol brasileiro..... | 82 |
| 5. O poder-saber do patriarcado em formulação de condutas relacionadas ao choro, como expressão das emoções no futebol brasileiro..... | 111 |
| 6. Considerações finais:..... | 131 |
| 7. Referências | 135 |

1. Introdução

Devido a transformações sociais impulsionadas por uma perspectiva abrangente, os indivíduos são submetidos a diversos processos de subjetivação. Esses processos são constituídos por formações discursivas específicas e pela ordem dos discursos que se exercem por aqueles que participam das práticas discursivas. As chamadas “novas masculinidades” e a figura do “novo homem”, como a mídia tende a nomeá-los, embora não rompam completamente com o passado, introduzem outras maneiras de pensarmos as produções de efeitos poder-saber em relação a isso. Essas novas concepções são, supostamente, mais progressistas, inclusivas e menos preconceituosas.

Comunicação

Nova masculinidade: comunicando para homens em reconstrução

Inspiradas em discussões de gênero e novos comportamentos de consumo, marcas repensam a abordagem junto ao público masculino



-A +A 🗨️ 🌐

Publicidade

Fonte: <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/nova-masculinidade-como-comunicar-para-homens-em-desconstrucao>

Balizados pelo artigo, percebemos que algumas marcas têm repensado a forma como discursivizam os seus produtos para o público masculino. O surgimento desse “novo homem”, tal como exposto por alguns perfis midiáticos¹, rompe com tradições discursivas relacionadas à uma masculinidade “tóxica” e “hegemônica”. No entanto, a manutenção de discursos dessa masculinidade associada ao tradicional também encontra terreno fértil em um âmbito tão amplo e majoritariamente ligado ao patriarcalismo (entendido em nossa dissertação como um dispositivo): o futebol.

¹ Alguns perfis de redes sociais utilizam o termo “novo homem” para se referir às formas de masculinidades distintas da hegemonia. Algumas dessas fontes podem ser encontradas em: <https://www.instagram.com/novasmasculinidadesgrupo/> https://www.instagram.com/homens.em.conexao/?img_index=1

 El País Brasil

Ivan Jablonka: “O patriarcado nos envenena tanto quanto às mulheres”

Depois de 'Laëtitia – Ou o Fim dos homens', o escritor francês percorre a história da dominação masculina em 'Des Hommes Justes',...

6 de dez. de 2020



 Globo.com

Masculinidade em transformação: como o autocuidado ajuda a romper antigos padrões

Influenciadores, artistas e marcas de produtos de menicare, como a Dr. Jones, também vêm ajudando na mudança de estereótipos.

9 de jun. de 2023



 UOL Economia

O que é a "nova masculinidade", que virou tema de discussão no ambiente corporativo

Resumo da notícia - Especialistas afirmam que características ligadas à masculinidade tradicional, como a falta de comunicação e cooperação,...

16 de out. de 2020



 Jornal da USP

Por uma nova masculinidade. Por que os homens continuam a matar as mulheres?

Os homens indiscriminadamente decidem se as mulheres – que eles denominam “minha mulher” – têm o direito de viver ou morrer. É a máxima da...

10 de ago. de 2021



Fonte: Google Search

Em uma breve pesquisa sobre “novo homem”, encontramos quatro perfis midiáticos que enunciam a figura de uma “nova masculinidade” como um processo de contraponto à masculinidade hegemônica. Isso já está posto e discursivizado em enunciados midiáticos, mas nos cabe realizar o movimento de análise para compreendermos como a referida figura, quando relacionada ao futebol, encontra-se associada às discontinuidades e continuidades. Entre essas rupturas e permanências do discurso, é que nasce, fundamentalmente, o nosso percurso nessa dissertação. Ao analisarmos determinadas sequências enunciativas no que tange a diversos temas, compreendemos que os enunciados efetivamente ditos e escritos emergem e circulam entre discontinuidades e continuidades, relacionados a termos históricos associados ao

que é, muitas vezes, considerado “retrógrado” ou “progressista”. Portanto, ao discutirmos experiências relacionadas às masculinidades, é relevante considerar que “os conhecimentos que fragmentam e descentralizam a noção tradicional de masculinidade não são necessariamente um espírito evolutivo em relação às identidades, mas sim uma descontinuidade que confere significado à História” (NAVARRO, 2017, p. 2).

No contexto brasileiro, o futebol, esporte amplamente praticado e celebrado, historicamente esteve associado predominantemente à figura masculina. No entanto, a cisheteronormatividade, que permeia o cenário futebolístico, começa a ceder espaço para figuras que se aproximam do conceito de “novo homem”. No caso em análise, os perfis midiáticos demarcam uma abordagem diferente nas relações e nos discursos presentes na competição futebolística. Contudo, é importante reconhecer que existe uma linha tênue entre os processos que caracterizam uma mudança positiva nas masculinidades e aqueles que perpetuam formas tóxicas e prejudiciais. Compreender esses processos de descontinuidade e continuidade na sociedade nos permite perceber como o discurso se relaciona à subjetividade dos indivíduos durante essa transformação. As relações discursivas entre sujeitos passam por modificações sutis, mas significativas, que podem indicar mudanças sociais em processos históricos e culturais.

A justificativa para esse trabalho, portanto, respalda-se na intenção de compreender como diferentes formas de masculinidades são enunciadas em um âmbito majoritariamente associado ao dispositivo do patriarcalismo do futebol no Brasil. Movidos por sermos um pesquisador do discurso e um apreciador do esporte, questionamos como as raízes de uma masculinidade tóxica são atreladas a práticas enunciativas que se mantêm ligadas ao tradicional e ao conservador. Compreender as descontinuidades desse enunciado permite nos aproximarmos de uma sociedade mais respeitosa e empática, uma vez que ao entendermos arqueologicamente o processo, torna-se possível entender as raízes da manutenção e da dispersão. Somos, assim, impelidos por uma indagação: como as descontinuidades e continuidades são enunciadas na prática futebolística brasileira e quais seus efeitos sobre as experiências no âmbito das masculinidades?

Tendo em vista a problemática apresentada, a teoria que nos respaldará será: a concepção e abordagem teórica das formulações discursivas, enunciado, poder e verdade, ao nos respaldarmos nos estudos de Foucault (1969, 1970, 1975, 1979, 1984), Deleuze e Guattari (1986), Courtine (1981) Grós (2018), Gregolin (2002), Navarro (2018) e outros estudiosos do discurso.

Em relação à seleção do *corpus*, como trabalharemos com o conceito de rizoma, haja vista a sua multiplicidade, a sua interconexão e a sua não-linearidade dos sistemas de pensamento e da organização, não estabeleceremos nesse momento quais foram as ramificações encontradas em relação à masculinidade, uma vez que muitas destas surgem mediante a correlação de uma com a outra. Nesse sentido, traçar o percurso e flagrar tais continuidades e descontinuidades passa a ser uma trajetória mais precisa, já que as ramificações vão se conectando. Certamente, hoje, com a presença de uma infinidade de conteúdos que podem ser acessados e pesquisados, sequências enunciativas de diferentes perfis midiáticos podem se contrapor, já que com apenas uma pesquisa breve estamos diante de uma série de enunciados em relação a determinado tema. Daí, justificamos a escolha do trabalho com o conceito de rizoma, posto que os sujeitos enunciadore, sejam jornalistas ou jogadores discursivizam, concomitantemente, masculinidades que se aproximam da visão hegemônica (dominante e patriarcal) e podem, em alguns casos, aproximarem-se da visão “desconstruída” (associada ao cuidado de si e a reflexão da sua própria masculinidade).

Para traçar esse percurso, delimitamos o nosso objetivo, que é o de **identificar as continuidades e descontinuidades presentes em enunciados relacionados à masculinidade, produzidos pela prática futebolística brasileira contemporânea, selecionados de perfis midiáticos diversos a serem especificados, mais adiante**. Além disso, torna-se essencial estabelecermos os objetivos específicos, sendo estes: **investigar a noção de que as masculinidades se comportam como um enunciado rizomático no corpus sob investigação e suas ramificações; realizar uma análise arqueológica do funcionamento do patriarcalismo no que tange à prática futebolística intrinsecamente conectada à masculinidade no Brasil e flagrar a relação poder-saber do patriarcado em formulação de condutas relacionadas ao choro no espaço do futebol brasileiro**.

No que diz respeito às pesquisas desenvolvidas sobre a temática geral desta dissertação, realizarmos um levantamento do estado da arte na base de dados Scielo que destacou apenas quatro pesquisas voltadas ao trabalho com as masculinidades e o futebol, mas nenhuma é tão ampla quanto uma dissertação, como o artigo de Mendonça (2021) intitulado: “Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!” Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades”, que compreende que os cantos homofóbicos entoados pelas torcidas de futebol operam como dispositivos discursivos das masculinidades, bem como o artigo de Silvestrin apud

Vaz (2021) intitulado: Transmasculinidades no esporte: entre corpos e práticas dissonantes, que, de acordo com os próprios autores “percebemos que as equipes trans e LGBTI+ se configuram como espaço de sociabilidade, mas também de questionamento e construção de masculinidades dissidentes. Os corpos e corporalidades transmasculinas nos esportes apontam para as práticas esportivas dissonantes.” Temos ainda outros dois artigos, o primeiro intitulado “Masculinidades dissidentes na copa do mundo do jornal Folha de São Paulo”, de Silva apud Dullius (2020) que “toma as publicações da Folha de São Paulo como material empírico para analisar representações de masculinidades dissidentes em relação aos resultados esportivos da Seleção Brasileira na Copa do Mundo/2014. Metodologicamente, as representações de masculinidades não heterocentradas foram articuladas cronologicamente aos resultados dos jogos e analisadas com base nas abordagens pós estruturalistas de Gênero”, bem como o artigo de Bandeira (2010), denominado “Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol” que “analisou diferentes masculinidades nos estádios de futebol e ver de que forma elas se hierarquizam, mostrando como as ações dos torcedores, seus cânticos, suas vestimentas e faixas estão envolvidos nas construções das masculinidades desses sujeitos”. No entanto, nenhum desses artigos tem um enfoque foucaultiano (estudos discursivos) em relação ao tema. Dessa forma, acreditamos que essa dissertação tem uma relevância, além de social, no que tange às pesquisas foucaultianas do texto e do discurso, uma vez que é singular e pode abrir margens para ampliarmos essa discussão nesse ambiente majoritariamente respaldado pelo dispositivo da patriarcalidade, bem como ampliarmos o conceito de rizoma associado aos estudos foucaultianos, o que amplia um ganho teórico à área de estudo.

Além disso, compreendemos que há uma relevância a outras áreas do saber e outras áreas dos estudos linguísticos (e até mesmo literários), haja vista que as masculinidades estão presentes em nosso cotidiano e são enunciadas em diferentes meios, como narrativas literárias, documentos históricos, perfis midiáticos, entre outros. Dessa maneira, trabalharmos com um tema tão relevante é demasiadamente motivador, posto que as contribuições dessa dissertação não se limitam a um “ampliar o dito sobre as masculinidades no estudos discursivos foucaultianos”, mas também abrangem a importância social de compreendermos melhor o que é ser homem, os discursos hegemônicos e patriarcais que atravessam as masculinidades e de contribuirmos para uma melhor percepção e entendimento de um problema atual: a manutenção de uma masculinidade tóxica. Embora o nosso trabalho não seja o de qualificar isto, acreditamos

que por meio desse estudo, possamos tecer algumas reflexões progressistas (no termo do progresso social) em relação à concepção da(s) masculinidade(s).

Isso posto, o *corpus* fora selecionado com base em publicações midiáticas relacionadas às enunciações sobre masculinidades associadas à prática futebolística brasileira contemporânea (fim do século XX aos dias atuais, em 2024). Organizado em 23 sequências enunciativas (SE), em que valendo-nos do conceito de rizoma, reorganizamos em torno de temas e as suas relações com a masculinidade. A análise foucaultiana desses enunciados atravessa noções de como as masculinidades são expressas por meio de diferentes perspectivas, desde a exaltação da violência e da virilidade até à docilização e à perspectiva de gênero. Cada enunciado, por sua vez, carrega consigo relações de poder que se relacionam à percepção da masculinidade e reforçam ou desafiam os estereótipos tradicionais, aproximando-se dos termos de continuidade e descontinuidade.

A dissertação está dividida da seguinte forma: na primeira seção, fizemos uma introdução para delimitarmos a problemática, os objetivos, as abordagens teórico-metodológicas, o estado da arte e a justificativa em relação ao trabalho. Na segunda seção da dissertação, realizamos um percurso teórico-metodológico que serviu como um fundamento para trilharmos os movimentos de análise discursiva das sequências enunciativas, pautando-nos em três conceitos fundamentais foucaultianos: enunciado, formações discursivas e poder. Na terceira seção, articulamos a ideia de que as masculinidades se comportam como um enunciado rizomático. Na quarta seção, realizamos uma análise arqueológica do funcionamento do patriarcalismo no que tange à prática futebolística contemporânea intrinsecamente conectada à masculinidade no Brasil. Na quinta seção, compreendemos a relação poder-saber do patriarcado em formulação de condutas relacionadas ao choro no espaço do futebol brasileiro.

Dessa forma, abordaremos conceitos teóricos essenciais para o desenvolver das análises discursivas das sequências enunciativas. Dentre essas, encontrar-se-ão, respectivamente: as formulações discursivas, o enunciado, o poder e a produção de vontades de verdade.

2. Masculinidades: enunciado, verdade e poder

Na seção anterior estivemos diante do percurso discursivo relacionado às ideias que nos conduziram à essa pesquisa, bem como o estado da arte em relação ao tema e os objetivos centrais e específicos que fazem parte dessa dissertação e que guiaram as análises posteriores. Torna-se necessário, nesse momento, apresentarmos um percurso teórico-metodológico que serviu como um fundamento para trilharmos os movimentos de análise discursiva das sequências enunciativas. Pautamo-nos em três conceitos foucaultianos fundamentais, que nos serviram de alicerce e base: enunciado, formações discursivas e poder.

Na obra de Foucault (1969), a relação entre formações discursivas e discursos se configura para a compreensão da história e das práticas discursivas em diferentes contextos sociais. O conceito de formação discursiva transcende a mera linguagem, ao abranger um conjunto de enunciados que compartilham regras e regularidades específicas, entrelaçando-se com ideologias, ciências e teorias.

Essas formações discursivas funcionam como alicerces para os discursos que emergem em determinados momentos históricos, permeados por relações de poder, conhecimento e subjetividade presentes na sociedade. O filósofo argumenta que os discursos não são meras expressões de ideias ou verdades, mas sim perpassados por essas formações discursivas, que definem suas condições de existência e funcionamento.

Foucault, então, propõe uma análise histórica alternativa, abandonando a causalidade linear da história tradicional e focando nas rupturas, transformações e descontinuidades que marcam a “mudança” dos discursos ao longo do tempo. As instituições, processos sociais e econômicos são os pilares que dão origem a tipos específicos de discursos em diferentes épocas.

[...] determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferentes séries, que sistema vertical elas são suscetíveis de formar, qual é, de umas para outras, o jogo das correlações e das dominâncias; de que efeito podem ser os deslocamentos, as temporalidades diferentes, as diversas permanências; em que conjuntos distintos certos elementos podem figurar simultaneamente (Foucault, 1972, p. 18).

Assim, a relação entre formações discursivas e discursos é intrínseca à conexão entre linguagem, poder e história. As práticas discursivas, atravessadas por relações de

poder e conhecimento em contextos específicos, relacionam-se a fatores históricos e discursivos na sociedade. Por meio dessa análise é que podemos questionar as verdades estabelecidas pela hegemonia, na tarefa de vislumbrar outras perspectivas para a compreensão do mundo em que vivemos.

As regras de formação discursiva estão ligadas a um conjunto de regularidades e condições que se relacionam à constituição e à operação dos discursos dentro de uma formação discursiva específica. Essas regras incluem a organização interna dos enunciados, a interdependência entre eles, as normas que regem a produção e circulação dos discursos, bem como a capacidade de transformação ao longo do tempo. As regras de formação discursiva são essenciais para compreender como os discursos são estruturados e interpretados em diferentes contextos sociais e históricos, constituindo as relações de poder, conhecimento e práticas discursivas presentes na sociedade. Conforme ensina Foucault, essas relações de poder estabelecem:

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1969, p.136)

Para Deleuze (1986), as formações discursivas referem-se aos enunciados, às práticas linguísticas e aos sistemas de significação que estruturam o discurso e a comunicação, sendo essenciais para a produção e circulação de conhecimento, bem como, em nossa leitura, para a configuração de subjetividades em uma determinada ordem social.

Nessa perspectiva discursiva, destacamos o enunciado como uma unidade menor dentro de uma formação discursiva. Ele desempenha um papel fundamental nos discursos sobre masculinidades, especialmente quando produzido e disseminado pela mídia. Esses enunciados contribuem para a universalização e presença desses discursos nas diversas relações sociais. Na perspectiva de Foucault (1986), o enunciado transcende a mera linguagem e se manifesta como um acontecimento. Ele não é apenas uma frase gramatical, mas uma função de existência que cruza diferentes estruturas linguísticas. O enunciado não coincide com a proposição nem se limita ao ato de fala; ele vai além da intenção comunicativa. Essa complexidade torna o enunciado crucial nas análises dos discursos.

É importante ressaltar que os enunciados são produzidos e discursivizados pela mídia, contribuindo para parte da nossa compreensão coletiva sobre diversos temas, como as masculinidades por exemplo. Ao analisarmos os discursos, devemos considerar como esses enunciados contribuem para as vontades de verdade, objetificações e subjetivações dos indivíduos nas diversas relações sociais. Assim, para Foucault (1986), o enunciado é atravessado pela:

[...] potencialidade, mas isso não quer dizer, como já foi visto, que ele é a possibilidade de sentido mesmo que não implique numa frase, pois, por exemplo, 34 o teclado de uma máquina não é um enunciado; mas a série de letras – A, Z, E, R, T –, enumerada em um manual de datilografia, é o enunciado da ordem alfabética adotada pelas máquinas francesas. Eis-nos, pois, em presença de um certo número de conseqüências negativas: não se requer uma construção lingüística regular para formar um enunciado (...); mas não basta tampouco qualquer realização material de elementos lingüísticos, ou qualquer emergência de signos no tempo e no espaço, para que um enunciado apareça e passe a existir. O enunciado, portanto, não existe nem do mesmo modo que a língua (...), nem do mesmo modo que objetos quaisquer apresentados à percepção (Foucault, 1986, p.97).

Ao contrário do que a lógica tradicional sugere, o enunciado (correlacionado ao poder) não se define por elementos homogêneos como gênero, proposição ou ato de fala. O que confere unidade ao enunciado é a função enunciativa, um conceito proposto por Michel Foucault. Essa função transcende os limites das estruturas e unidades pré-estabelecidas, permitindo que o enunciado irrompa no tempo e no espaço, carregado de conteúdos concretos.

Gregolin (2002) sintetiza a função enunciativa como o " [...] fato de ele (o enunciado) ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado" (p. 2). Em outras palavras, o enunciado não existe em um vácuo, mas sim em um contexto específico, por um sujeito, um lugar, por regras sociais e históricas.

Para Sargentini e Fernandes (2022), embasados pelos pressupostos formulados em *A Arqueologia do Saber*,

O enunciado, na acepção foucaultiana, se diferencia de frase, proposição e ato de fala, caracterizando-se por ligar-se a outros enunciados e por ocorrer no exercício de uma função enunciativa. Assim é que os enunciados que compõem uma formação discursiva obedecem ao mesmo princípio de regularidade: determinação histórica,

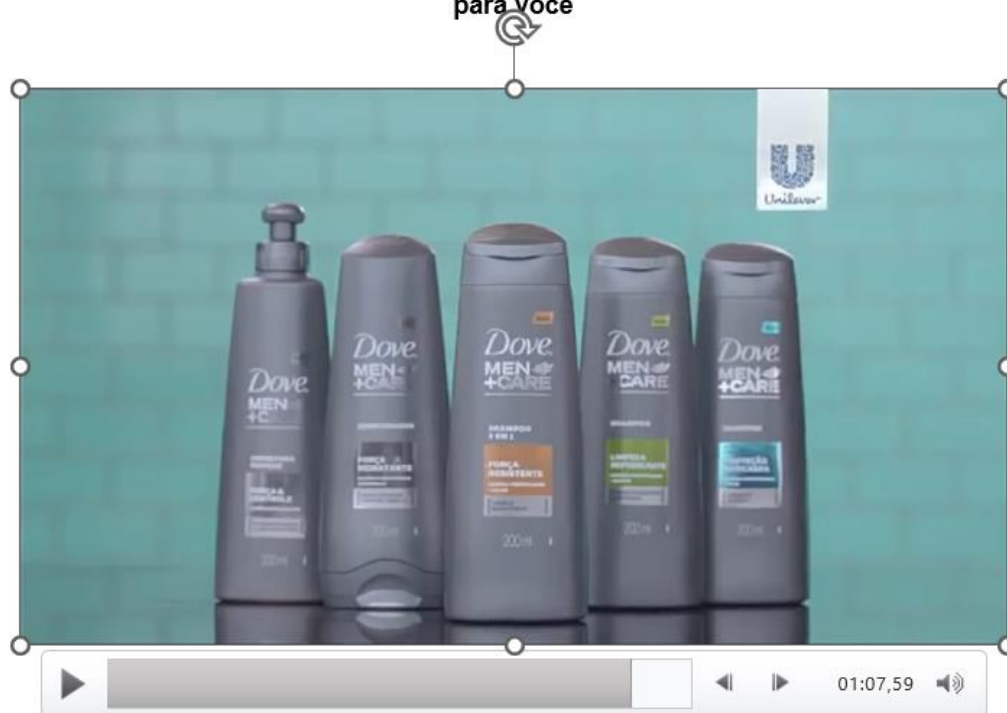
lugar social, campo associado, posição sujeito, enfim, constituem práticas discursivas no exercício da função enunciativa. (p. 62)

Nesse sentido, ressaltamos que, em nossa pesquisa, é de extrema importância compreender a teoria do enunciado para nos referirmos às masculinidades. Todos os princípios de determinação histórica, lugar social, campo associado e posição de sujeito estão presentes nas práticas discursivas nos exercícios das funções enunciativas das sequências analisadas. Nessa perspectiva, de acordo com Miller:

Para Foucault, o enunciado é a unidade fundamental da análise do discurso. Através da análise dos enunciados, podemos identificar as regras e os mecanismos que governam a produção do conhecimento e da verdade em uma determinada época ou cultura. (Miller, 2003, p. 5)

Assim, um enunciado sobre a masculinidade se conecta com uma rede de enunciados outros que perpassam continuidades e descontinuidades, formando rupturas e permanências no discurso sobre o que é ser homem, como podemos compreender a partir das sequências enunciativas que seguem:

SE1: Comercial 2014 – Dove: shampoo feminino não foi feito para você



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=L_A0_LX4z_I

SE2: Comercial 2022 – Dove: se importe menos, se cuide mais.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=O4cuFnvsL5g>

Na SE1, publicada em 2014, a campanha publicitária "Shampoo feminino não foi feito para você" reforça a dicotomia entre os gêneros, perpetuando a ideia de que produtos de higiene pessoal e estética são categoricamente masculinos (associados à virilidade) ou femininos² (associados à docilidade).

Em contraste, a campanha de 2022, "O que faz de um homem mais ou menos homem? Se importe menos, se cuide mais", apresenta uma ruptura com os estereótipos tradicionais associados ao patriarcalismo. Ao questionar o que define a masculinidade e incentivar o autocuidado, a campanha abre espaço para a desconstrução dessa "velha masculinidade" associada à "masculinidade tóxica" e para a enunciação de novas subjetividades masculinas. Termos como "cuidado", "cuidado de si", "mais ou menos homem" estão ligados ao modelo de masculinidade que destoa da engendradora e rompe com tradições "tóxicas".

² Apesar de não ter uma relação com a prática futebolística contemporânea, os enunciados analisados a partir dessas primeiras sequências enunciativas serão importantes para que possamos justificar a introdução de uma multiplicidade de enunciações possíveis em relação à masculinidade, constituindo o primeiro exemplo de descontinuidades e continuidades que atravessam esse enunciado rizomático.

Essa diferença de oito anos entre as publicações de uma mesma marca faz ressoar a teoria do enunciado foucaultiano das descontinuidades e continuidades, bem como nos ressalta a ideia de que este se exerce como um acontecimento. De acordo com Fernandes (2005);

Os discursos devem ser pensados em seus processos histórico-sociais de constituição. A unidade do discurso constitui-se por um conjunto de enunciados efetivamente produzidos na dispersão de acontecimentos discursivos, compreendidos como seqüências formuladas, cuja compreensão é possibilitada pela indagação seguinte, colocada por Foucault (1995, p. 31): como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar? (FERNANDES, 2005, p. 16)

O que torna possível a marca Dove enunciar, em duas propagandas, masculinidades distintas ou formas de concebê-las diferentes é o “mais” do discurso que só pode ser compreendido, em nossa concepção, por uma análise do poder.

Na perspectiva foucaultiana, o poder não é um objeto natural, mas sim uma prática social intrinsecamente ligada aos enunciados. Essa relação complexa entre poder e linguagem desafia e desafiou a noção tradicional de poder (da época), como algo que alguém detém como uma propriedade fixa. Por outro ponto, Foucault (1970) considera como o poder é exercido, distribuído e produzido em toda a estrutura social. Os enunciados, como unidades discursivas, desempenham um papel crucial nesse processo. Eles não apenas comunicam informações, mas também perpassam nossa compreensão coletiva e produzem as verdades das relações sociais. Além disso, o conhecimento em si é um objeto de poder, e o discurso funciona como uma forma de força capaz de sujeitar pessoas (subjetividade) e canalizar, até mesmo, emoções e razões. O poder é uma correlação de forças, um “jogo de lutas e afrontamentos” que se reproduz em todas as relações e em todas as instituições. Para Foucault:

[...] o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; [...] Onipresença do poder: não porque tenha privilégio de agrupar tudo sob a invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda a parte; não porque engloba tudo e sim porque provém de todos os lugares (FOUCAULT, 2005, p. 88).

Nos enunciados das masculinidades relacionados ao futebol, o poder torna-se algo essencial para teorizarmos, uma vez que as relações que se conectam estabelecem uma “ordem do discurso” (Foucault, 1971), formando um regime de verdade, sobretudo a vontade de verdade em uma oposição do que é “permitido” e do que não é. A nossa análise encabeça-se em compreendermos as condições que tornam possíveis determinados enunciados e distancia outros.

Assim, há de se destacar o conceito de regime de verdade, que varia em cada sociedade e define os tipos de discurso considerados “verdadeiros”. As regras para distinguir enunciados verdadeiros dos falsos, bem como as instâncias que sancionam esses enunciados, fazem parte desse regime. O poder, assim, está intrinsecamente ligado à produção e à regulamentação da verdade ou de uma vontade de verdade.

A “constituição” da verdade, muitas vezes respaldada por discursos como os da ciência, religião e família, pode levar à criação de hierarquias e oposições, à forma como vemos o mundo e a nós mesmos. Essa suposta “verdade absoluta”, muitas vezes baseada em normas e valores preestabelecidos, pode resultar em desigualdades e na marginalização de grupos minoritários. Ao estabelecer uma "verdade" única, discursos hegemônicos criam pares opostos e dicotômicos, como masculino/feminino, heterossexual/homossexual, forte/fraco, dominante/dominado, masculinidade forte/masculinidade frágil. Essa dicotomia ignora a fluidez e a diversidade da experiência humana, relegando aqueles que não se encaixam nessas categorias à margem da sociedade. Como destaca o filósofo:

[...] para assinalar simplesmente, não o próprio mecanismo da relação entre poder, direito e verdade, mas a intensidade da relação e sua constância, digamos isto: somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la. (Foucault, 1970, p. 29)

Deleuze (1988) argumenta que Foucault, em sua obra seminal "Vigiar e Punir", desafiou os dogmas do pensamento tradicional, assumindo o papel de principal teórico da contracultura no que tange à concepção do poder e das relações que o integram, desmantelou a visão tradicional do poder como algo centralizado e coercitivo, mas assumiu a noção da perpetuação pela sua natureza complexa e multifacetada. Essa nova

forma de se compreender o poder ressoa os mecanismos de controle e de dominação presentes na sociedade, ao questionarmos as “estruturas de poder” e não mais um poder único, centralizado.

A partir da análise e da interpretação das obras de Foucault, Deleuze elabora conceitos e abordagens originais em sua própria filosofia e incorpora as reflexões sobre o poder, as dinâmicas de força, os mecanismos de controle e as estratégias de subjetivação para estabelecer sua própria teoria do poder e do possível. Ele reconhece em Foucault uma análise profunda e inovadora das relações de poder na sociedade, o que o leva a repensar questões essenciais sobre política, subjetividade e resistência.

Na visão de Machado (2017), a essência dos estudos de Michel Foucault reside na interdependência intrínseca entre saber e poder. A relação de poder se estabelece a partir de um campo de saber, e, da mesma forma, todo saber gera novas dinâmicas de poder. Cada ponto de exercício do poder se configura, simultaneamente, como um local de produção de conhecimento. Para o autor:

a grande importância estratégica que as relações de poder disciplinares desempenham nas sociedades modernas depois do século XIX vem justamente do fato de elas não serem negativas, mas positivas, quando tiramos desses termos qualquer juízo de valor moral ou político e pensamos unicamente na tecnologia empregada. É então que surge uma das teses fundamentais da genealogia: o poder é produtor de individualidade. O indivíduo é uma produção do poder e do saber. (MACHADO, 2017, p. 6)

Esse poder disciplinar, portanto, “fabrica” o indivíduo. O poder se exerce sobre o corpo através da ação, do adestramento do gesto, da regulação do comportamento, da normatização do prazer e da interpretação do discurso. Com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar e hierarquizar tudo isso, surge pela primeira vez na história a figura singular e individualizada do homem - o "homem" como produto do poder. E, ao mesmo tempo, como objeto de saber. Quando relacionado às masculinidades, entendemos que esse enunciado associado ao poder é atravessado por essa concepção histórica e de uma constituição da verdade, no sentido de que este se exerce de uns para com outros. Dessa maneira, as ações dos homens e as suas relações estabelecem formas de se exercer o poder (do individual para o social).

Nessa configuração do poder presente em toda a sociedade, torna-se importante entendermos de que forma essa concepção distancia-se da compreensão do poder centralizado e singular. Para traçarmos esse caminho, ancoramo-nos em Deleuze, que

comenta alguns postulados contrariados por Foucault em “Vigiar e Punir” (1975), que nos servirão para os movimentos de análises das sequências enunciativas:

O Postulado da Propriedade, que propõe a noção de que o poder é uma "propriedade" de uma classe dominante que o conquistou e o detém. Para Foucault, sob a visão de Deleuze, o poder não é algo tangível que pode ser possuído como uma propriedade. Em vez disso, ele o define como um conjunto de estratégias materializadas em práticas, técnicas e disciplinas diversas e dispersas. Ou seja, o poder se manifesta por meio de uma rede complexa de ações, conhecimentos e normas que permeiam a sociedade.

O Postulado do Atributo ou da Essência: Deleuze lembra que, para Foucault, o poder não possui uma essência fixa e imutável. Ao contrário, ele o define como operatório, ou seja, em constante movimento e transformação. Essa característica o torna dinâmico e adaptável às diferentes realidades sociais. O poder não é um atributo individual ou de um grupo específico, mas sim uma relação de forças. Essa relação se manifesta em diversos âmbitos da vida social, desde as relações interpessoais até as estruturas institucionais. A relação de forças gera uma dinâmica de poder que envolve dominadores e dominados. Os dominadores ocupam posições estratégicas que lhes permitem exercer maior controle sobre os dominados.

O Postulado da Subordinação propõe que o poder, personificado no aparelho de Estado, está subordinado a um modo de produção ou, em última análise, à infraestrutura econômica. No entanto, de acordo com a leitura deleuziana, o poder não se limita a ser um reflexo da infraestrutura econômica ou do modo de produção. Ao contrário, ele o define como produção em si mesmo, ou seja, o poder é um elemento ativo e constitutivo das relações sociais. O poder não é algo externo à produção social, mas sim imanente a ela. Isso significa que o poder está presente em todos os aspectos da produção, desde as relações entre trabalhadores e patrões até as tecnologias utilizadas na produção. O poder se configura como uma rede complexa de relações de força que se entrelaçam e se transformam constantemente. Essa rede abrange desde as grandes instituições até as relações interpessoais, as estruturas sociais e o comportamento dos indivíduos.

O Postulado da Localização propõe que o Estado e a esfera pública assumem o papel de centro do poder. No entanto, o poder se exerce através de manobras táticas, como a vigilância, a punição e a normalização. A visão de Foucault sobre o poder rejeita a ideia de um centro fixo ou de uma localização específica. O poder, conforme a leitura de Deleuze, se move constantemente e se adapta às diferentes realidades sociais. Essa

dispersão do poder o torna difuso e infinitesimal, ou seja, presente em todos os cantos da vida social.

O Postulado da Modalidade propõe que o poder se manifesta de duas formas distintas: coerção e consenso. Deleuze questiona esse postulado, argumentando que o poder não apenas mascara a verdade por meio da ideologia, mas também a produz. Isso significa que o poder define o que é considerado verdadeiro e falso na sociedade, na relação às “vontades de verdade” e a percepção sobre isso.

O Postulado da Legalidade propõe que a lei é uma expressão contratual do poder. A lei não é uma regra normativa neutra para regular a vida social em tempos de paz. Ao contrário, é definido como a própria guerra das estratégias de uma determinada correlação de forças. Isso significa que a lei é um instrumento de poder utilizado por grupos dominantes para manter sua hegemonia e controlar a sociedade. A lei não apenas regula o comportamento dos indivíduos, mas também define o que é considerado justo e injusto. Por meio da lei, os grupos dominantes legitimam suas posições de poder e marginalizam aqueles que não se encaixam em seus padrões. A lei se configura como uma rede complexa de normas, práticas e instituições que se entrelaçam e se transformam constantemente. Essa rede abrange desde o sistema jurídico até as leis de trânsito, transpassando as estruturas sociais e o comportamento dos indivíduos.

Foucault (1987) afirma que o objetivo do estudo dessas relações de poder estaria relacionado a

uma história correlativa da alma moderna e de um novo poder de julgar; uma genealogia do atual complexo científico-judiciário onde o poder de punir se apoia, recebe suas justificações e suas regras, estende seus efeitos e mascara sua exorbitante singularidade". (FOUCAULT, 1987, p. 25).

A relação entre a alma moderna, o poder de julgar e o sistema judiciário, associa-se a noção de como o poder de punir se manifesta e se oculta. Essa análise crítica nos auxilia a compreender as dinâmicas que perpassam nossa sociedade e as suas instituições, visto tratar-se de

[...] uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças". (FOUCAULT, 1987, p. 28-29).

A expressão “microfísica do poder” é central aqui. Ela nos leva além das estruturas macroscópicas e a um exame do poder em sua dimensão mais infinitesimal e detalhada. Não se trata apenas das grandes instituições ou sistemas; o poder também se manifesta nos aparelhos que regulam nossas vidas cotidianas. Esses aparelhos podem ser dispositivos tecnológicos, procedimentos burocráticos ou até mesmo práticas sociais. Eles são os pontos de contato em que o poder se insinua em relação às nossas ações, percepções e relações. Não se restringe apenas aos grandes funcionamentos sociais ou políticos, mas também se estende aos próprios corpos individuais. Essa perspectiva permite-nos compreender como o poder se manifesta em nosso cotidiano, como ele se justifica e como mascara sua singularidade, nas interações mais sutis e nos detalhes. É o que observa Foucault, quando avalia que

[...] o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma “apropriação”, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. Temos em suma que admitir que esse poder se exerce mais que se possui, que não é o “privilégio” adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas — efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados”. (Foucault, 1987. p. 29)

Além dessas relações de poder, torna-se necessário compreendermos que os enunciados, nesses movimentos de “vontades de verdade”, passam a configurar uma noção sobre diversos temas, porém como essas noções têm relações intrínsecas com os intermeios dessa microfísica do poder, passam por descontinuidades e continuidades.

Na abordagem arqueológica de Foucault (1969), o tempo histórico é desafiado em sua linearidade e continuidade. Foucault rejeita a concepção tradicional de uma linha reta que conecta eventos históricos de forma uniforme. Em vez disso, ele propõe uma noção de descontinuidade. Essa perspectiva sugere que os eventos históricos não se encaixam perfeitamente, mas são marcados por rupturas e transformações radicais. O tempo é fragmentado, composto por momentos de mudança significativa que alteram o curso da

história. Essas discontinuidades podem ocorrer em diferentes níveis: nas estruturas sociais, nas práticas culturais, nas instituições e até mesmo nos corpos individuais. Ao considerarmos a discontinuidade temporal, devemos questionar as percepções lineares e explorar as complexidades e contradições que se configuram no passado e no presente. Essa abordagem crítica nos ajuda a compreender como as transformações históricas ocorrem e como os eventos se entrelaçam de maneira não linear. Em uma entrevista de 1972 intitulada: “os intelectuais e o poder”, uma conversa entre Gilles Deleuze e Michel Foucault, entendemos que na visão de Foucault:

Esta relação entre o desejo, o poder e o interesse, é ainda pouco conhecida. Foi preciso muito tempo para saber o que era a exploração. E o desejo foi, e ainda é, um grande desconhecido. É possível que as lutas que se realizam agora e as teorias locais, regionais, descontínuas, que estão se elaborando nestas lutas e fazem parte delas, sejam o começo de uma descoberta do modo como se exerce o poder. (Foucault, 1972, p. 6)

A partir dessa perspectiva histórica, o termo “masculinidades”, no plural, é elevado à condição de enunciado. Ele agrega um conjunto de temas, estratégias e posições de sujeito, formando-se ao longo do tempo em uma rede enunciativa. Essa rede é tanto contínua quanto descontínua e dispersa, com elementos que ora se interligam, ora se excluem mutuamente em uma cadeia discursiva. Nessa linha argumentativa, o conceito de discurso mostra-se produtivo, justamente porque, embora os discursos sejam formados por signo, o que fazem “é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (Foucault, 1986, p. 56).

A mídia e os perfis midiáticos desempenham um papel crucial ao abordar o tema das masculinidades. Com frequência, eles amplificam e difundem discursos relacionados às práticas sociais e discursivas que ganham relevância em nossa sociedade. Essa visibilidade contribui para as percepções e compreensões sobre o que significa “ser homem” e como as masculinidades são “subjativadas” no contexto contemporâneo:

“Como suporte de memória, a mídia se apresenta como um poderoso dispositivo para a manutenção do corpo social, para os rearranjos sucessivos, revisão ou deslocamento da memória coletiva de uma sociedade. Essa função pode ser analisada a partir do uso que a mídia faz das imagens e do diálogo estabelecido entre elas e os enunciados verbais” (Navarro, 2006, p. 89).

Tendo em vista que as práticas discursivas da mídia resgatam a memória coletiva da sociedade, compreendemos que, em grande parte, elas também reproduzem a forma como se interpreta um determinado processo social. A transformação das masculinidades está ligada à mudança na percepção social dos indivíduos, bem como às estruturas de poder presentes nas relações sociais e em nossa própria existência.

Nesse contexto, retomamos a pergunta central dessa dissertação: como as descontinuidades e continuidades são enunciadas na prática futebolística contemporânea brasileira? Direcionamos nossa análise a uma seleção de um quadro enunciativo proveniente de diferentes perfis midiáticos. Esses enunciados têm relação com o campo teórico aqui abordado, o qual é desenvolvido durante os capítulos da dissertação.

A análise foucaultiana desses enunciados atravessa noções de como as masculinidades são expressas por meio de diferentes perspectivas, desde a exaltação da violência e da virilidade até à docilização e à perspectiva de gênero. Cada enunciado, por sua vez, carrega consigo relações de poder que se relacionam à percepção da masculinidade e reforçam ou desafiam os estereótipos tradicionais, aproximando-se dos termos de continuidade e descontinuidade.

Ao analisar os enunciados em conjunto, destacamos a multiplicidade e as diferentes concepções de masculinidades, mas também uma certa tendência da manutenção de discursos “retrógrados”, associados ao patriarcalismo. Essas “contradições” presentes nos discursos enunciam a complexa dinâmica das relações de poder que permeiam as masculinidades.

Para darmos continuidade a análise desses termos e noções, destina-se o próximo capítulo à compreensão de que as masculinidades se comportam como um enunciado rizomático no corpus sob investigação, como será especificado mais adiante, são discursivizadas nas relações do homem com suas ramificações.

3. Por uma cartografia das masculinidades e seu aspecto rizomático no corpus sob investigação

Conforme vimos na seção anterior, os conceitos de formação discursiva, enunciado, poder e vontade de verdade estão relacionados à análise dos discursos das masculinidades nos perfis midiáticos. Nesta seção, por meio da análise do quadro enunciativo constituído, argumentamos que a experiência das masculinidades, na prática futebolística contemporânea, se expressa por meio de enunciados com valor de rizoma, sendo discursivizada nas ramificações do homem com “raízes” outras que se interligam, formando a concepção de rizoma.

Nessa seção, propomos uma análise dos discursos sobre as masculinidades em perfis midiáticos selecionados, com foco em sua natureza rizomática. Essa abordagem permite compreender como as ramificações desses discursos se entrelaçam com a relação do homem com as vastas possibilidades de enunciar a masculinidade.

Em um diálogo profícuo entre Foucault (1975) e Deleuze e Guattari (1980), a análise cartográfica emerge como ferramenta poderosa para a percepção de uma história do presente, permitindo-nos tecer uma crítica incisiva do nosso tempo. A cartografia discursiva, nascida da leitura atenta das obras foucaultianas por Deleuze e Guattari, estuda as relações intrínsecas entre o discurso e o mundo que habitamos.

Embora o termo "cartografia" tenha suas raízes na geografia, esses autores o reinterpretam sob a ótica da filosofia da multiplicidade. Essa perspectiva visa identificar e explorar as singularidades de diferentes espaços, tecendo uma dinâmica abrangente da realidade. Na introdução de "Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia", Deleuze e Guattari (1980) enfatizam a necessidade de romper com os dogmas científicos que perseguem uma verdade única e absoluta, abrindo caminho para a filosofia da multiplicidade.

A análise cartográfica, inspirada na filosofia da multiplicidade, propõe-se a mapear a multiplicidade de discursos que permeiam nosso tempo. Ela não se limita a uma mera descrição, mas sim a uma análise crítica e reflexiva das relações de poder que se manifestam nos discursos. “Éramos, sobretudo, como dois riachos que se juntam para formar um terceiro, que seria nós mesmos” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 170-171).

Embora a cartografia rizomática, inspirada na tríade Foucault-Deleuze-Guattari, dialogue com a perspectiva foucaultiana do discurso como fluxo incessante e interligado à sociedade e ao espaço-tempo, é fundamental destacar seu papel na problematização dos conceitos filosóficos e na discussão dos enunciados. Ao nos aprofundarmos em pesquisas

sobre tais conceitos, cabe questionar: sob qual perspectiva, raiz ou ramo estamos nos debruçando? Tomemos como exemplo a "sexualidade", um enunciado amplo e complexo. Considerando sua multiplicidade, essa teoria explora as diversas práticas que sustentam o conjunto de enunciados desse discurso. Indo além, podemos analisar a sexualidade como dispositivo, conforme definido por Foucault (1976), um objeto de descrição enunciativa passível de múltiplas abordagens. A sexualidade não se limita a uma única perspectiva. Ela pode ser vista como um fator histórico, um caso de saúde pública, um tema abordado sob a ótica feminista, ou ainda, como um campo fértil para a discussão das masculinidades em suas diversas nuances. A cartografia rizomática, ao analisar os enunciados, abre caminho para a desconstrução de verdades absolutas e a possibilidade de novas compreensões.

Dessa forma, um enunciado pode ter várias raízes que se entrelaçam e se conectam, chegando ao ponto de permitir a existência de outros discursos associados a essa “camada principal”. A essa complexa “rede”, conferimos o nome de “enunciado rizomático”:

No rizoma, só há multiplicidade – cada indivíduo é uma multiplicidade infinita, a natureza uma multiplicidade de multiplicidades perfeitamente individuada – e o aparecimento eventual de unidades demonstra a ocorrência de uma violência do significante, um golpe realizado por este. As multiplicidades definem-se pelo externo, pela linha de fuga, segundo a qual elas mudam de natureza e se conectam a outras multiplicidades. (Marcondes Filho, 2004, p. 150)

Para nos aprofundarmos nessa noção de rizoma, compreendemos a união ao conceito de arquivo foucaultiano, visto que este configura o sistema que determina o que pode e o que não pode ser dito em uma determinada época, de forma a estabelecer as condições de possibilidade para a emergência de enunciados. Ao regular os discursos em termos de quais são considerados válidos ou verdadeiros. Isso envolve as regras que definem quem pode falar, sobre o quê, e em que contextos. Dessa maneira, a noção de rizoma perpassa a noção de arquivo. Conforme destaca Sargentini (2006):

Entretanto, o conceito de arquivo comporta também uma outra face, uma vez que, diferentemente de uma concepção genérica, não se refere à conservação e manutenção de documentos, refere-se ao nível de uma prática que faz, entre a tradição e o esquecimento, “aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente. É o sistema geral da formação e transformação dos enunciados”. (p. 39)

Foucault (1999) destaca que a análise deve ser baseada na materialidade dos enunciados, também enfatizando a presença de uma lei de raridade que intrinsecamente regula a emergência dos enunciados, sugerindo que nem tudo pode ser dito em qualquer lugar ou por qualquer pessoa. Dessa forma, considera-se que o arquivo, formado a partir da materialidade dos enunciados efetivos, levará à possibilidade de analisar as práticas discursivas de uma sociedade.

Com o intuito de aprofundar a compreensão desse sistema, Deleuze e Guattari (1980) estabeleceram seis princípios que descrevem de maneira aproximada as características do rizoma³:

No cerne do rizoma reside o princípio fundamental da conexão. Essa filosofia propõe que cada ponto dentro dessa estrutura complexa possui a capacidade de se conectar com qualquer outro ponto, sem hierarquias ou restrições. Em contraste com a rigidez da árvore, com suas raízes, tronco e galhos, o rizoma se expande livremente, tecendo uma rede intrincada de relações. Ao aplicar essa ideia a um enunciado mais amplo, emerge um universo de interpretações possíveis. As análises se multiplicam, abrindo portas para múltiplos significados. Essa multiplicidade, no entanto, não se configura como um caos sem sentido, mas sim como uma teia interligada, em que continuidades e descontinuidades se entrelaçam.

O segundo princípio que se destaca é a heterogeneidade. Essa ideia rompe com a visão limitada de que o enunciado se baseia exclusivamente na linguagem. Ao contrário da árvore, com suas raízes linguísticas, o rizoma se desdobra em uma sinfonia de “vozes e significados,” conectando-se a diversas formas de constituição. Cadeias biológicas, políticas, sociais, econômicas e culturais, todas se entrelaçam no tecido do rizoma. Essa multiplicidade enriquece a teia de interpretações, abrindo caminho para análises mais complexas e abrangentes. Um enunciado rizomático, portanto, transcende a mera linguagem, transformando-se em um fragmento vivo e pulsante dentro da composição dos discursos.

No âmago do rizoma, encontramos o terceiro princípio fundamental: a multiplicidade. Essa ideia questiona a visão tradicional do ser e da existência, abrindo caminho para uma compreensão mais complexa e dinâmica dos sujeitos. Deleuze e

³ Na biologia, um rizoma é um tipo de estrutura subterrânea encontrada em certas plantas. É um caule modificado que cresce horizontalmente, geralmente abaixo da superfície do solo, emitindo raízes adventícias e brotos a partir dos nós. Essa estrutura permite que a planta se propague vegetativamente, a partir dos brotos que se desenvolvem ao longo do rizoma.

Guattari propõem que os enunciados não são entidades fixas, mas sim agentes em constante movimento e transformação. Através da objetivação e da subjetivação, processos interligados e dinâmicos, os sujeitos se conectam a diferentes discursos sobre um mesmo enunciado maior

No quarto princípio do rizoma, encontramos a ideia fundamental da ruptura. Essa perspectiva contraria a noção de que o enunciado seria uma estrutura linear e imutável. Ao contrário, o rizoma é um organismo dinâmico e resiliente, capaz de se romper e se reconfigurar em um processo incessante de transformação. O rizoma pode ser rompido em qualquer ponto, mas essa ruptura não significa um fim, porém um novo início. As linhas que o compõem podem se conectar de diferentes maneiras, dando origem a novas formas e significados. Os sujeitos e os enunciados, como elementos do rizoma, também estão em constante transformação. As rupturas no rizoma podem levar a mudanças na forma como os sujeitos se compreendem e como os enunciados são “interpretados”. O tema da sexualidade feminina ilustra com clareza o poder da ruptura no rizoma. Certas discussões sobre esse tema não podiam ser enunciadas no início do século XX, pois eram consideradas inapropriadas em determinadas relações de poder estruturais. No entanto, com o passar do tempo, a sociedade mudou, os discursos enunciativos se romperam e novas raízes do rizoma surgiram, constituindo as descontinuidades e continuidades foucaultianas. Questões como a sexualidade feminina, a saúde sexual e o prazer sexual das mulheres, antes silenciadas, ganharam espaço e visibilidade. Essa mudança demonstra como as rupturas no rizoma podem levar a transformações sociais e culturais profundas.

No quinto princípio do rizoma, encontramos a metáfora da cartografia. Deleuze e Guattari propõem que o rizoma não é um mapa que marca um território predefinido, mas sim um mapa que se constrói a partir da própria exploração do terreno. "O mapa não reproduz um inconsciente fechado em si mesmo, mas o constrói" (1980, p. 22). Cartografar enunciados, segundo esses autores, é uma tarefa fundamental para a compreensão do mundo. Ao estabelecer conexões entre as raízes de um discurso, podemos desvendar a teia de significados que o compõem e entender como ele se relaciona com outros discursos. Essa cartografia nos permite realizarmos uma descrição mais abrangente do tema dos enunciados, levando em consideração suas múltiplas faces e interpretações.

No sexto princípio do rizoma, encontramos a ideia do decalque, que contraria a visão tradicional da criação como um processo de cópia ou reprodução de algo

preexistente. Ao contrário, Deleuze e Guattari propõem que a criação só é possível quando se inicia pelo mapa, ou seja, quando se explora a multiplicidade de conexões e possibilidades que o rizoma oferece. Uma raiz do enunciado, no rizoma, só surge a partir de outra raiz. Isso significa que a criação não é um processo de invenção do zero, mas sim um processo de enunciação a partir de elementos preexistentes. No entanto, esse “movimento” não se limita à mera repetição, mas sim à transformação e à reconfiguração desses elementos.

As masculinidades, longe de serem algo fixo e homogêneo, se configuram, assim, sob nossa ótica, como um enunciado rizomático, isto é, uma teia complexa e interligada de práticas, discursos, valores em constante transformação. Essa multiplicidade enuncia a luta pela vontade de verdade que se desenrola nesse campo, em que diferentes grupos e indivíduos “disputam” e se inserem (n)as relações de poder de definir o que significa – exatamente – ser homem.

Ao analisar as masculinidades como enunciado rizomático, podemos compreender que a ideia de "homem" é frequentemente naturalizada por veículos midiáticos, como se fosse algo imutável e universal. Assim, analisemos a figura a seguir:

Qual é o seu? Estudo aponta três tipos de masculinidade em homens héteros

Participantes da pesquisa responderam a perguntas sobre suas experiências em relacionamentos íntimos; autores do estudo complementaram pesquisa com exposição de fotos online

Por Redação Galileu

15/08/2023 18h10 · Atualizado há 5 meses



Os autores do estudo conseguiram identificar 3 tipos novos de personalidades masculinas — Foto: StockSnap

Fonte: <https://revistagalileu.globo.com/sociedade/noticia/2023/08/qual-e-o-seu-estudo-aponta-tres-tipos-de-masculinidade-em-homens-heteros.ghtml>

No entanto, essa naturalização é uma norma social atravessada pelo poder e pelas vontades de verdade. A perspectiva arqueogenealógica faz um corte no arquivo de nossa época, para compreender as masculinidades. Guiando-nos pela teoria do enunciado, podemos analisar como aquilo que os sujeitos enunciam se conecta com as relações de poder-saber que atravessam suas práticas no que tange à masculinidade.

Compreender as masculinidades como enunciado rizomático nos oferece um ambiente passível de desconstrução em relação à visão tradicional de masculinidade, ao abrir caminho para novas formas de pensar e agir como homens. Dessa maneira, Kimmel e Messner (1989), em sua obra *Men's live* afirmam que:

as masculinidades são frequentemente associadas a atributos negativos, como violência, agressividade e dominação. No entanto, é importante

reconhecer que existem muitas formas diferentes de ser masculino, e que nem todas envolvem esses atributos (Kimmel, M. S., & Messner, M. A. p. 73).

Conforme já adiantado, a análise das publicações dos perfis midiáticos nos conduziu a uma discussão cartográfica e rizomática sobre as masculinidades. Nesse processo, compreendemos que as masculinidades são um campo vasto e multifacetado, com conexões entre diversas perspectivas. O discurso que produz as masculinidades como objeto e referencial é como um tecido composto por múltiplas e diferentes raízes. No entanto, mesmo diante dessa amplitude, a descrição arqueogenealógica deve ser delimitada para atender às urgências do presente. Em outras palavras, devemos nos ater àquilo que se torna visível em determinado contexto, sinalizando possíveis mudanças de comportamento em áreas específicas do saber

Dessa forma, a análise cartográfica e rizomática são ferramentas valiosas para análise das masculinidades e sua teia de significados. Inspirada na geografia, a cartografia mapeia as diversas dimensões das masculinidades, identificando territórios, conexões e fluxos que configuram as experiências masculinas. Através dessa cartografia, as masculinidades se manifestam em diferentes contextos sociais, culturais e históricos, enunciando suas nuances e singularidades. O rizoma nos afasta da visão de masculinidades como estruturas hierárquicas e fixas, aproximando-nos de uma ideia de funcionamento em redes interconectadas em constante transformação. As masculinidades não possuem uma única raiz, mas sim múltiplas raízes que se entrelaçam e se expandem, relacionada às diversas perspectivas que contribuem para seu estabelecimento, incluindo discursos culturais, históricos, individuais e coletivos. Ao combinarmos a cartografia com o rizoma, podemos mapear enunciados midiáticos das masculinidades, compreender os discursos acadêmicos, explorar as experiências pessoais e analisar as práticas sociais que as sustentam. Essa abordagem nos permite compreender as masculinidades na prática futebolística contemporânea brasileira, evitando uma visão simplista e unidimensional. Por meio dessa jornada cartográfica e rizomática, podemos entender as múltiplas camadas que perpassam os enunciados da masculinidade

Assim, na sequência, propomos uma análise aprofundada do discurso em torno de algumas sequências enunciativas relacionadas à prática futebolística contemporânea brasileira e a sua correlação às masculinidades. Por meio da análise de sete publicações de diferentes perfis midiáticos, analisamos enunciados relacionados às práticas discursivas em foco.

A relevância do estudo reside na reflexão sobre a natureza dinâmica da linguagem e sua relação com o poder.

Como visto na seção 2, na visão de Foucault (1971), o poder está disperso no interior das instituições que os homens criaram, isto é, nem todos podem dizer o que querem, da forma que querem e quando querem, há uma série de relações para que isso seja possível. Não é qualquer sujeito que pode entrar na ordem do discurso:

suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1971, p. 8)

A masculinidade, como conceito rizomático, se estende e se conecta de diversas maneiras, atravessando diferentes domínios de conhecimento e práticas sociais. Ela é atravessada por uma rede complexa de discursos, práticas e relações de poder que se entrelaçam mutuamente. Essa fluidez e contingência possibilitam a compreensão de como as noções de masculinidade podem mudar ao longo do tempo e variar em diferentes contextos culturais e sociais.

Longe de ser algo homogêneo e estático, a masculinidade é composta por um mosaico de continuidades e descontinuidades históricas. Essa tessitura complexa dá origem a uma dicotomia de atitudes: por um lado, ações e repertórios que retificam a masculinidade patriarcal, com seus valores tradicionais e hierárquicos; por outro, movimentos de resistência que desafiam essa hegemonia e propõem novas formas de “ser homem”. Para Foucault (1994):

quando se define o exercício do poder como um modo de ação sobre a ação dos outros, quando o caracterizamos pelo “governo” dos homens uns sobre os outros – no sentido mais largo do termo – inclui-se, nesse caso, um elemento importante: a liberdade. O poder não se exerce senão sobre “sujeitos livres” e enquanto são “livres” – entendamos por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades no qual muitas condutas, muitas reações e diversos modos de comportamento podem ter lugar. Onde as determinações estão saturadas, não há relações de poder: a escravidão não é uma relação de poder quando o homem está acorrentado (trata-se, então, de um relação física constrangedora), mas somente quando o homem pode movimentar-se e, no limite, fugir. (FOUCAULT, 1994, p. 237-8)

É esse movimento de fuga que se caracterizaria pela resistência, um modo de enunciar distinto do hegemônico respaldado pelo controle e pelas relações de poder de uma determinada sociedade.

Permeados pelos estudos de Foucault (1976), entendemos que essa dinâmica entre submissão e resistência é orquestrada pelo dispositivo da sexualidade. Esse dispositivo, composto por elementos heterogêneos, responde a urgências históricas específicas e visa controlar as práticas e os corpos dos indivíduos. Através de normas, regras e discursos, ele define o que é considerado sexualmente aceitável e desejável, simultaneamente estigmatizando e marginalizando aquilo que foge desses padrões.

O controle dos corpos se torna crucial nesse processo. O poder se exerce sobre eles por meio de mecanismos disciplinares e regulatórios, ao normalizá-los de acordo com as regras sociais vigentes. Essa vigilância constante, com suas punições e normalizações, visa produzir corpos dóceis e produtivos, submissos à ordem patriarcal.

Para compreendermos melhor essa complexa relação entre masculinidades, dispositivo da sexualidade e poder, bem como articularmos os enunciados em relação à teoria rizomática, apresentamos a análise das primeiras SE's do *corpus*.

SE3 - O Preconceito contra Kaká

Uma das figuras masculinas de atletas consagrados brasileiros que nos vêm facilmente e rapidamente à memória é a de: “Kaká”, Ricardo Izecson dos Santos Leite. O atleta foi consagrado melhor do mundo em 2007, mas, desde as suas primeiras aparições em 1998, quando já fazia parte da seleção brasileira, sofria preconceito devido a sua postura dentro e fora de campo. Uma reportagem publicada também no ano de 2007, pelo jornalista Rodrigo Bueno, da Folha de São Paulo, intitulada “O preconceito contra Kaká”, remete ao fato de que o jogador sofreria preconceito por ser diferente de todos os outros atletas e seguir o “politicamente correto”.

O politicamente correto é a opção que Kaká escolheu. Não tem vergonha de ser bonzinho. Fiel aos seus princípios, decidiu casar virgem, orgulha-se disso. E é sacaneado por isso. No país com maior número de católicos e no país onde está inserido o Vaticano, veste a camisa de outra igreja. E é execrado por isso. Virou um ídolo às avessas para muitos. Não vou aqui excomungar os que abominam a figura do Kaká, os que o vêem como uma ""Sandy de chuteiras", mas às vezes o que leio sobre ele é tão preconceituoso quanto babaca. Vejo loirinho burguês metido a mano, cuja família tem casa na praia e cuja fantasia de torcedor organizado beira o ridículo, tratando Kaká como uma espécie de aberração da bola, para atacá-lo e se ""achar" assim um cara mais do povo (Freud explica). É o cara que ""manja" de futebol, mas vê Kaká só como um atleta obstinado que faz sempre as coisinhas certas. Não pode ser genial porque não chifra a mina grávida, não enche a cara na balada, dorme cedo etc. Quem diz não se importar com o que Romário, o primeiro melhor do mundo brasileiro, faz fora de campo deveria também não se importar com o que Kaká faz fora do futebol. Ou não? Bom, cada um é cada um.

rbueno@folhasp.com.br

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0112200713.htm>

Embora Kaká esteja inteiramente relacionado a uma prática religiosa em suas condutas e práticas discursivas, é interessante notarmos que, por mais de uma década, a figura do “novo homem” em meio ao futebol é alvo de preconceito pelos próprios parceiros jogadores e pela mídia, que enuncia contrária às práticas de novas masculinidades e de um novo sujeito que não cede a condutas heteronormativas. Kaká talvez seja o grande exemplo de um dos primeiros atletas consagrados no Brasil que seguiu e direcionou a uma prática de masculinidades diferentes às tradicionalmente expostas e (re)produzidas pela maioria hegemônica dos jogadores, configurando-se como distinto da formação discursiva a qual estava imposto.

Assim, a partir dessas noções, é importante destacarmos que é necessário que façamos uma arqueologia e genealogia histórica, tal como Foucault em sua “Arqueologia do Saber”, pois assim como o próprio filósofo enuncia, é extremamente complexo que passemos por isso sem abordarmos o viés histórico, afinal a constituição dos sujeitos não se dá apenas pela existência do sujeito em si, mas pela relação com o mundo e o contexto:

“Queria ver como estes problemas de constituição podiam ser resolvidos no interior de uma trama histórica, em vez de remetê-los a um sujeito constituinte. É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. E isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história”. (FOUCAULT, 1998, p. 7).

Retomando a sequência enunciativa, por meio da teoria dos rizomas, notamos que a forma de masculinidade enunciada por Kaká distancia-se de uma outra masculinidade tida, muitas vezes, como retrógrada, engendradora, patriarcalista. Pela teoria do enunciado, entendemos que o enunciado de Rbueno, sob a posição sujeito de jornalista, acerca das masculinidades, encontra no campo associativo um efeito de acúmulo. Nada é completamente novo, o discurso é constituído por descontinuidades e continuidades. O rizoma confere ao discurso um caráter horizontal, polimorfo e sem uma direção definida. Enquanto a árvore é uma organização hierárquica com raiz e centro, o rizoma é um sistema de caules horizontais que se ramifica em múltiplas direções. Ele conecta a multiplicidade por ela mesma, sem pontos fixos ou estruturas rígidas. Portanto, o exercício da função enunciativa no rizoma é aquele que se desenvolve de maneira não linear, sem uma origem única, e permite múltiplas conexões e caminhos possíveis.

Foucault propõe uma análise do enunciado como um "acontecimento discursivo". Isso significa que o enunciado não é apenas uma simples frase ou conjunto de palavras, mas sim um evento que se insere em um contexto histórico e social específico. O enunciado possui uma "raridade" própria, ou seja, ele é único e irrepetível, e se sustenta por meio de um "domínio coerente de descrição", um conjunto de regras e normas que o tornam inteligível e significativo (FOUCAULT, 2016, p. 140). Essa proposta elucida a noção de "acontecimento discursivo", pois dá a dimensão do momento em que um enunciado adquire "status e lugar" no discurso. Isso significa que o enunciado não existe de forma isolada, mas sim em relação a um conjunto de regras e normas que definem sua função, seu público e seus interlocutores (FOUCAULT, 2014). Foucault, pela dimensão do enunciado considera:

Não procedo por dedução linear, mas por círculos concêntricos, e vou ora na direção dos mais exteriores, ora na dos mais interiores: partindo do problema da descontinuidade no discurso e da singularidade do enunciado (tema central), procurei analisar, na periferia, certas formas de agrupamentos enigmáticos; mas os princípios de unificação com que me deparei, e que não são nem gramaticais, nem lógicos, nem psicológicos e que, por conseguinte, não podem referir-se nem a frases, nem a proposições, nem a representações, exigiram que eu voltasse para o centro, ao problema do enunciado e que tentasse elucidar o que é preciso entender por enunciado (Foucault, 2016, p.140).

Quando o jornalista Rbueno enuncia tomando Kaká (o jogador de futebol) como objeto de observação, descrição e comparação, distancia-o da concepção de masculinidade "violenta" e "viril", compondo uma nova forma de se conceber a masculinidade, neste caso mais associada à docilidade. O acontecimento desse enunciado torna possível questionarmos "por que o jogador de futebol Kaká, no enunciado de Rbueno, um jornalista esportivo, ao posicionar-se por meio de suas práticas distante da hegemonia masculina, sofre preconceito?" Ressaltamos que não é Kaka que pratica uma masculinidade positiva, é o enunciador que dele faz um relato e uma descrição do comportamento do jogador que o coloca nessa posição. Portanto, há uma diferença entre o sujeito que fala e o que é falado no enunciado.

Essa prática discursiva atrelada ao Kaká, por intermeio do enunciador Rbueno, no entanto, também está conectada a sua conduta dentro de campo, uma vez que, ao longo de sua carreira profissional de 16 anos, o meia-atacante só teve três expulsões dentro de campo, um número extremamente reduzido se comparado com outros jogadores da mesma posição:

TERCEIRA EXPULSÃO DA CARREIRA



Kaká, você lembra quando tinha sido sua última expulsão?

A última foi pelo São Paulo ainda. Tinha sido expulso duas vezes na carreira, uma contra o Goiás no Morumbi e outra pelo Santos, quando jogava no São Paulo ainda.

O vermelho foi justo?

As imagens vão falar por mim. A Fifa vai ver, quem quiser analisar vai ver. Recebi milhões de mensagens de apoio e a grande maioria era dizendo que foi injusto.

Os marfinenses jogaram sujo?

No começo do jogo houve lances duros, mas sem maldade. Mas no final eles começaram a bater e os lances ficaram mais violentos. Isso não é legal para nós nem para o jogo.

O meia Kaká deixou a vitória contra a Costa do Marfim afirmando que o cartão vermelho que levou foi injusto. "Recebi milhares de mensagens dizendo isso", falou, ao se dirigir para o ônibus. A expulsão, porém, pode ser um bom sinal para a seleção brasileira.

Em Copas do Mundo, o Brasil costuma ser uma equipe disciplinada, mas, nas duas últimas vezes em que teve um jogador expulso, em 1994 (Leonardo) e 2002 (Ronaldinho), a seleção foi campeã. Em comparação, em 1998 e 2006, nenhum vermelho para o Brasil.

Apesar da boa história dos vermelhos brasileiros, a seleção saiu insatisfeita com a maneira como o juiz Stephane Lannoy comandou o jogo. "Não fiquei lá para brigar. Não fiquei no tumulto. As imagens falam mais do que as palavras. Por isso, não vou falar sobre o juiz", disse Kaká. "No fim do jogo, o clima esquentou e algumas jogadas foram mais desleais, posso dizer assim. E isso não fica legal para ninguém. Nem para quem está jogando, nem para quem está assistindo. Mas a Fifa sabe o que fazer com os árbitros", completou o meia.

O goleiro Julio Cesar, que tentou tirar Kaká da confusão após a trombada entre o meia e o marfinense Tioté, defendeu o companheiro e criticou o juiz. "O Kaká está triste porque não fez nada. O jogo se encaminhou para uma situação em que ele [o árbitro] precisava se impor. Acabou expulsando o Kaká. Ele queria controlar o clima quente e acabou tomando uma atitude errada. Mas o importante é que nos classificamos antecipadamente e ele [Kaká] vai poder repousar no terceiro jogo. Quem vai substituí-lo vai poder jogar bem", defendeu o goleiro.

Fonte: <https://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/06/20/kaka-fala-em-expulsao-injusta-ultimos-vermelhos-da-selecao-terminaram-em-titulo.jhtm>

Alguns fatores devem ser analisados na percepção do rizoma e da noção de que o discurso se atrela a continuidades e descontinuidades. Kaká, na posição sujeito de entrevistado, nega ter feito qualquer coisa errada e afirma que a expulsão foi injusta. Ele se baseia no fato de ter recebido "milhares de mensagens de apoio" e de que "as imagens

falam por si mesmas". Essa estratégia discursiva constrói Kaká como vítima de uma injustiça e “deslegitima” a decisão do árbitro.

Júlio Cesar, companheiro de equipe de Kaká, defende o jogador e critica o árbitro. Ele argumenta que Kaká não fez nada de errado e que a expulsão foi desnecessária. Essa defesa reforça a ideia de Kaká como vítima e contribui, ainda, para a deslegitimação do árbitro.

Os jornalistas entrevistam Kaká sobre a expulsão e o que ela significa para a seleção brasileira. As perguntas dos jornalistas direcionam a entrevista para a questão da culpa ou inocência de Kaká e para o impacto da expulsão no desempenho da seleção. Essa abordagem reforça a centralidade da expulsão no discurso sobre o jogo.

Há, aqui, uma demonstração de como o poder e o saber operam na produção da verdade sobre a expulsão. Kaká, como jogador famoso e capitão da seleção brasileira, tem mais poder e legitimidade para discursar a sua vontade de verdade sobre o que aconteceu. Seus colegas de equipe e os jornalistas reproduzem, em grande medida, a versão de Kaká, sobre os eventos.

Vale observar que, por ser, à época um jogador proeminente, Kaká sabe que suas declarações serão repercutidas e poderão servir para futuras postagens voltadas contra si mesmo. Em certa medida, não podemos deixar de aludir ao dispositivo da vigilância e do controle dos corpos, com o nos mostra a teoria do panóptico de Bentham, revisitada por Foucault (1975). O panóptico é um modelo de prisão em que os prisioneiros são constantemente observados, mas não podem ver quem os observa. Como ilustra Foucault,

Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível” (Foucault, 1987, p. 224)

Nessa perspectiva, a entrevista pode ser assim concebida, visto que nela Kaká possa estar ciente de que suas palavras serão analisadas e julgadas por milhões de pessoas.

Apesar disso, compreendemos que o erro de Kaká tem um “peso” maior quando enunciado pela mídia, visto que ele não é um jogador, dadas as práticas discursivas, associado à uma masculinidade “viril” e “violenta”. O cartão vermelho na copa de 2010 passa a ser associado a um descontrole emocional por parte do meia-atacante. A mídia

frequentemente corrobora à propagação de modelos específicos de masculinidade, muitas vezes associados a características como força física, coragem, racionalidade e controle emocional. Essa masculinidade “idealizada”, presente em filmes, séries, anúncios e notícias, serve como uma espécie de referência inconsciente para o comportamento masculino. Kaká, em sua carreira, foi frequentemente apresentado como um símbolo de masculinidade, porém divergente da associada à virilidade e a uma postura ofensiva. Sua prática religiosa, familiar e o seu comportamento, tudo como exemplar, dentro e fora de campo, o colocaram como um “modelo a ser seguido”.⁴No entanto, o erro na copa do mundo de 2010, atribuído pelos comentaristas esportivos, contrariou essa imagem, gerando questionamentos sobre sua masculinidade. A expulsão foi descrita como um momento de descontrole emocional, associando o jogador à "loucura" e à "falta de virilidade". Termos como "descontrole", "irresponsabilidade", "fraqueza" e "impulsividade" foram utilizados no artigo em foco para descrever o que os sujeitos comentarias esportivos configuraram como erro do jogador. Essa linguagem reforçou a ideia de que Kaká não se encaixava nos padrões dessa “suposta masculinidade idealizada”.

Tem-se aí um rizoma da masculinidade associado à docilidade, isto é, assim como enunciado no primeiro artigo, o fato de ser “bonzinho demais” distancia Kaká do enunciado majoritário que está no não-dito: “para ser jogador de futebol é necessário ser viril e violento”. A docilidade de Kaká cria uma ramificação para entendermos que as masculinidades funcionam no plural, não há apenas uma forma de ser homem e de se compreender essas práticas de subjetivação, estas caminham todas juntas, formando os discursos, as práticas discursivas e, inclusive, as condutas.

⁴ Nas notícias a seguir, encontramos exemplos de enunciados que fazem emergir a ideia de Kaká como “santo” ou como “bonzinho” por meio de suas práticas, tanto relacionado ao nível profissional, quanto relacionado ao nível pessoal. As três notícias são um breve exemplo de como a mídia, muitas vezes, corrobora para a percepção dessa imagem da masculinidade enunciada pelo rizoma da docilidade:

1 - <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-coca-cola/de-kaka-a-messi-saiba-quem-sao-os-santinhos-do-futebol,502803052ceed310VgnCLD200000bbceeb0aRCRD.html>.

2 - <https://blogdoneto.blogosfera.uol.com.br/2014/07/07/nada-como-ser-bonzinho-no-futebol/>.

3 - <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2024/04/perfeito-demais-veja-fala-de-ex-mulher-de-kaka-sobre-termino.html>

SE4 – Cafu reclama de mentalidade da nova geração de atletas: ‘Muito mimimi, me preocupa’.

Continuando a análise de nossas sequências enunciativas, notamos que, apesar das masculinidades associadas à docilidade, existem discursos de manutenção de uma masculinidade hegemônica que está correlacionada à uma relação discursiva de “tentativa de retorno”. A análise da segunda sequência enunciativa, baseada em uma reportagem enunciada sob a voz do lateral Marcos Evangelista de Moraes, mais conhecido com Cafú, à luz da teoria foucaultiana, demonstra a complexa relação entre continuidades e rupturas nas masculinidades. O enunciado apresenta elementos que perpetuam algumas características da masculinidade tradicional, como a força, a virilidade e a competitividade. Apesar das descontinuidades presentes na primeira sequência enunciativa, compreendemos agora as continuidades do discurso que estão entre o “ir e vir”. Há uma resistência à ruptura das masculinidades relacionadas à prática futebolística contemporânea nesse conflito de gerações que é enunciada:

Cafu reclama de mentalidade da nova geração de atletas: 'Muito mimimi, me preocupa'

Pentacampeão mundial opinou sobre chegada do VAR no futebol e postura dos jogadores atuais dentro de campo



LANCE!

17 nov 2021 21h19

[ver comentários](#)

- Os caras davam de mão na cara de pau, não tinha VAR, não tinha nada. Um juiz via, outro não via, alguns bandeirinhas não ligavam, às vezes deixavam passar... Hoje está muito 'mimimi'. Hoje você fala: 'ah, vou te pegar!', e o cara chora - disse o ex-atleta.

Fonte: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/cafu-reclama-de-mentalidade-da-nova-geracao-de-atletas-muito-mimimi-me-preocupa.html>

Esses e outros discursos entram em confronto com a ideia de “novas masculinidades”, mas nos permitem uma abrangência discursiva midiática profunda, afinal como observa Navarro (2017):

“[...] o recobrimento do conceito de “novo” homem pelo discurso da mídia produz uma compreensão de que a identidade desses sujeitos pós-modernos rompe com o seu “outro”, ou seja, o “velho” homem. No entanto, vimos que a história se movimenta de forma descontínua entre o arquivo e o devir, o que nos leva a considerar que esse “novo” homem ainda não conseguiu desvencilhar, completamente, sua imagem do tradicional papel de macho, pelo menos não do modo como essa transformação aparece nos discursos da mídia contemporânea.” (NAVARRO, 2017, p. 3)

A descontinuidade na história das masculinidades emerge da resistência ao modelo tradicional, que impõe aos homens a observação de comportamentos tidos como ideais. Essa resistência questiona e rompe com os dispositivos que sustentam as velhas masculinidades, abrindo espaço para novas formas de ser homem.

Um exemplo dessa ruptura é a contestação do enunciado "homem não chora". Essa frase, que por muito tempo definiu a masculinidade como sinônimo de força e racionalidade inabaláveis, ressoa no enunciado de Cafú, uma vez que, ao sofrer uma pressão comum, a prática do choro está sendo associada a algo negativo: “e o cara chora”

A resistência à perspectiva tradicional da masculinidade vai além da simples contestação de frases como "homem não chora". Ela implica um questionamento profundo dos valores e comportamentos que historicamente foram associados à masculinidade, como a repressão das emoções, a tentativa incessante pelo sucesso e a necessidade de demonstrar força física em todas as situações. Disso vem o enunciado de Cafú em uma recuperação do que está na superfície do enunciado, na memória histórica: “os caras davam de mão na cara de pau”.

Para Foucault, três pontos essenciais que funcionam como eixos de pesquisa devem ser caracterizados para o estudo dos enunciados: a formação de "domínios de saber", em que se destaca a importância das práticas sociais nesse processo, pois elas "podem engendrar domínios de saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascer formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos de conhecimento" (FOUCAULT, 2002, p. 8). O segundo eixo: a "análise de discursos", em que se reconhece as pesquisas que se concentram no aspecto linguístico, mas adverte que a análise dos discursos não se limita a isso. Para ele, os "fatos de discursos" também manifestam "jogos estratégicos de ação, de reação, de pergunta e de resposta, de dominação, de esquiva e de luta" (FOUCAULT, 2002, p. 9). Essa análise dos discursos como "jogo estratégico e polêmico" se configura como um segundo eixo

fundamental. E o terceiro, que consiste em uma reelaboração da teoria do sujeito, em que se questiona a noção de um sujeito "definitivo" e "a partir do qual a verdade se dá na história". Em contrapartida, defende a ideia de um sujeito que se constitui "no interior mesmo da história" e que é "a cada instante fundado e refundado pela história" (FOUCAULT, 2002, p. 10).

Diversas pesquisas problematizam e questionam a configuração de uma prática de resistência/desobediência em relação à masculinidade hegemônica. Ceniz e Navarro (2021), ao articularem o enunciado da masculinidade em relação às práticas de desobediência, ancorados em Grós (2018), consideram que

Essa relação de poder e de resistência que, a nosso ver, caracteriza o jogo estratégico da obediência/desobediência deixa observar a possibilidade de deslocamento da humanidade, em seu movimento, contínuo e descontínuo, de abandono daquilo que se tem (re)produzido como hegemônico, ao qual Gros (2018) classifica como "absurdo" e/ou "irracional" na sociedade. A desobediência, sobretudo, não a naturalizada, é a que conclama os sujeitos ao ato de pensar, refletir, criticar e questionar. Ao mesmo tempo, somos interpelados a praticar a obediência, não, obviamente, aquela passiva e carente de reação, mas a que se exerce, mediante um exercício de consciência e de uma existência ética. (Ceniz & Navarro, 2021, p. 11)

Assim, entendemos, que no âmbito do futebol, discursos de manutenção afastam a possibilidade da emergência de enunciados que rompam com a hegemonia, mas destacam a configuração das masculinidades como enunciado rizomático, pois ressoam as continuidades e descontinuidades desse discurso.

O texto publicado pela instituição midiática "Lance", tomado pela posição-sujeito de um ex-jogador, nesse caso, Cafú, apresenta elementos que podem ser interpretados pela perpetuação de algumas características da masculinidade tradicional, como a força, uma vez que o lateral critica a "mentalidade da nova geração de atletas", afirmando que os jogadores de hoje "dão de mão na cara de pau" e "choram" quando são punidos. Esse enunciado exclama uma valorização da força física e da resistência à dor, características tidas como essenciais na masculinidade tradicional. Além disso, a virilidade também entra em jogo, já que Cafú contrasta a "mentalidade da nova geração" com a época em que ele jogava, quando, segundo ele, os jogadores "não reclamavam" e "não choravam". Essa comparação expõe uma valorização da virilidade e do controle emocional, características também associadas à masculinidade tradicional. A alta taxa da

competitividade, em que o jogador afirma que a "nova geração de atletas" tem "medo de perder" e "usa desculpas" quando perde.

A “virilidade” é uma prática social que serve para manter e reforçar a dominação masculina. Ela destaca o sujeito viril como visível, enquanto promove discursos que sustentam padrões de masculinidade a serem seguidos. Bourdieu (2019) descreve a virilidade como uma combinação de capacidade reprodutiva, sexual e social, juntamente com habilidades em combate e uso da violência. Essa definição pode ser entendida como parte de um dispositivo de poder, que se relaciona às condutas dos indivíduos.

As instituições, como a família e a religião, desempenham um papel fundamental na incorporação desse dispositivo nos corpos dos sujeitos. Os esportes, especialmente os de luta, exemplificam como os padrões sociais de virilidade são reforçados, fornecendo um espaço para os homens testarem suas supostas qualidades viris. De acordo com Foucault (1975), as instituições exercem vigilância, normatização e exame sobre os sujeitos, marcando seus corpos e impondo condutas por meio desses mecanismos.

A imagem do ex-jogador da seleção brasileira e a reportagem que a acompanha, publicada no site da Alance! em 17 de novembro de 2021, sob o título "Cafú reclama de mentalidade da nova geração de atletas: 'Muito mimimi, me preocupa'", pode ser entrelaçada com o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari. O discurso de Cafú, criticando a "mentalidade da nova geração de atletas" por "muito mimimi", é uma visão tradicional da masculinidade, calcada na virilidade, na repressão emocional e na resistência à vulnerabilidade. Ao criticar a "nova geração" por "chorar" e "buscar desculpas", Cafú retifica a ideia do homem forte, inabalável, que não se curva diante da dor ou da derrota. Essa visão ignora a complexidade das emoções humanas e a necessidade de expressá-las, elementos essenciais para a saúde mental e o bem-estar. A crítica ao "mimimi" também se aproxima de uma visão limitada da racionalidade, que a coloca como o único modo de lidar com as dificuldades. Essa perspectiva ignora a importância da intuição, da empatia e da sensibilidade, características essenciais para uma vida plena e significativa. É como se, no panorama, estivesse sendo enunciado: para ser homem é necessário ser viril, competitivo e não sentir a derrota. Um traço sentimental da masculinidade estaria sendo retirado a partir desse enunciado, já que, de acordo com o lateral, não se pode “sentir a dor”.

Essa visão pode levar à pressão excessiva, à ansiedade, à insegurança e, claro, à manutenção da masculinidade sob uma visão patriarcal e engendrada. O discurso de Cafú é uma forma de reafirmar a hegemonia da masculinidade tradicional, que mantém o

controle e a dominação sobre outras formas de ser homem. Esse rizoma da masculinidade como sinônimo de virilidade torna-se evidente em enunciados como esse, corroborando para as continuidades discursivas.

SE5 – Abraços marcantes do futebol brasileiro

Além do rizoma da masculinidade como virilidade como visto na seção anterior, outro rizoma que ecoa nas práticas discursivas futebolísticas brasileiras enunciadas em relação à masculinidade na mídia é o da afetividade, muitas vezes, inclusive, produzidos discursivamente pelos mesmos sujeitos em que enunciam à masculinidade como virilidade. Daí advém reforçarmos a noção da masculinidade como rizoma. Diversas são as imagens históricas e marcantes do futebol com grandes abraços e demonstrações de afeto.



Romário e Bebeto, Bebeto e Romário. A dupla de ataque que foi fundamental para acabar com o jejum de 24 anos sem títulos em Copas do Mundo.

Fonte: <https://www.terra.com.br/esportes/paradinha-esportiva/reveja-cinco-abracos-marcantes-do-futebol-brasileiro.f9f0f95f08a1bf053a354f21a5fb78c14npptzyz.html>

Ao longo da história, a sociedade ocidental e globalizada impôs expectativas rígidas à masculinidade, confinando-a em um modelo estreito e limitante. Esse modelo tradicional, enraizado em uma cultura patriarcal, valoriza o controle emocional, reprime a expressão de afeto entre homens e pune qualquer manifestação que ouse desafiar as normas de gênero estabelecidas:

COMPORTAMENTO

Como estereótipos de masculinidade afetam a vida e a saúde dos homens

Entender que ser homem está muito além do estereótipo do machão é o desafio de quem se propõe a pensar sobre o lado saudável da masculinidade

🕒 15 min de leitura

POR NATHAN FERNANDES | EDIÇÃO GIULIANA DE TOLEDO | FOTOS DULLA | STYLING THAIS LUTTI | PRODUÇÃO MAY TANFERRI

26 AGO 2019 - 16H45 | ATUALIZADO EM 27 AGO 2019 - 08H20

Fonte: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Comportamento/noticia/2019/08/como-estereotipos-de-masculinidade-afetam-vida-e-saude-dos-homens.html>

A revista Galileu destaca que “nas ciências sociais, a “caixa” na qual os homens são colocados é conhecida como masculinidade hegemônica, um conceito desenvolvido pela cientista social australiana Raewyn Connell, em 1982. “Ele é entendido como o padrão de práticas (...) que permitem a continuidade do domínio dos homens sobre as mulheres”, escreveram Connell e James Messerschmidt no artigo Masculinidade Hegemônica: Repensando o Conceito.

Segundos os especialistas, essa ideia incorpora a maneira entendida como a mais honrada de ser homem, legitimando ideologicamente esse domínio entre os sexos. Assim como uma lágrima do tipo basal, que é produzida constantemente para manter a íris úmida, protegendo-a de ciscos e poeira, a masculinidade hegemônica cria uma barreira de “proteção” entre os homens e seus próprios sentimentos.

Essa repressão da afetividade entre homens não é apenas uma questão de normas sociais, mas também está intimamente ligada às relações de poder. A sociedade patriarcal, ao longo do tempo, abriu espaço para um sistema em que a dominação masculina é privilegiada e qualquer comportamento que possa ser interpretado como fraco, submisso ou afeminado é desencorajado. A expressão de afeto entre homens, nesse contexto, é vista como uma ameaça à hierarquia de poder existente, desafiando a masculinidade dominante. É nesse contexto que o conceito de "masculinidades", presente na SE5, ganha

relevância. De acordo com Foucault (1975), em *Vigiar e Punir*: “As disciplinas são um tipo de poder que modela os corpos, os comportamentos e as mentes dos indivíduos.” (p. 247). Essas práticas visibilizam um sujeito homem que se equilibra entre continuidades e rupturas. Ao enunciar uma manutenção do discurso, os jogadores corroboram para a ideia da masculinidade hegemônica, mais associada aos rizomas da virilidade.

Como já mencionado em outros momentos, ao invés de um modelo único e imutável, a masculinidade se apresenta como um rizoma, um campo de forças em constante transformação. A afetividade, neste cenário, surge como uma prática discursiva que se distancia da normatividade e do controle dos corpos masculinos. Através da expressão do afeto e do carinho entre homens do mesmo sexo, a masculinidade exposta na afetividade funciona como uma prática de resistência, ao contrariar os valores e as normas tradicionais impostas pela sociedade patriarcal. Na obra de Foucault (1988), a resistência não se configura como um mero opositor ao poder, mas sim como uma atividade da força que se subtrai das estratégias de controle e dominação. Essa força, segundo o filósofo, origina-se de um “fora do poder”, de um espaço de criação e transformação, impulsionando novas formas de vida e desafiando as relações de poder existentes. As resistências, por sua natureza, são mutáveis e dinâmicas, adaptando-se às constantes atualizações do poder. Ao invés de se oporem diretamente às estratégias de controle, elas caracterizam um “tempo novo”, um espaço de liberdade e autonomia para além das amarras do poder. Isso exige uma constante avaliação dos jogos de poder que se desenrolam na atualidade, identificando as brechas e oportunidades para a resistência florescer. Nas páginas finais de *A Vontade de Saber*, Foucault nos apresenta a ascensão do “biopoder”, um modelo de poder que se concentra na gestão da vida. Nesse contexto, a vida se torna o objeto principal do poder, e a resistência, por sua vez, se volta contra essa tentativa de controle. Ao se apropriar da vida como objeto de luta, a resistência se configura como um “vitalismo”, um conjunto de forças que se rebelam contra a dominação e celebram a potência da vida em suas diversas formas.

Essa teoria foucaultiana, portanto, culmina na valorização da vida como força de resistência. A capacidade humana de criar, transformar e se reinventar, inerente à própria condição de ser vivo, se torna a base para a luta contra o poder e a possibilidade de um futuro mais justo e livre. A masculinidade como enunciado rizomático associada à afetividade configura uma proximidade com essas práticas de resistência, uma vez que se relacionam a descontinuidades históricas do discurso sobre o que é ser homem e do que é possível ser dito/enunciado.

A afetividade, tal como enunciada no *corpus* sob investigação, ao possibilitar que haja uma expressão do afeto entre homens, pode abrir espaço para o surgimento de “novas masculinidades”. Masculinidades que valorizam o afeto, a empatia e a vulnerabilidade, rompendo com a rigidez e a repressão do modelo tradicional.

Desse modo, a postagem do blog “terra” funciona como ancoragem discursiva para que o enunciado rizomático “masculinidades homoafetivas” emerja com valor de acontecimento na prática futebolística contemporânea. Conforme expõe Butler (2006) "Foucault nos ensinou que os acontecimentos não são simplesmente fatos que se sucedem no tempo, mas sim irrupções que podem abrir novas possibilidades de pensar e agir." (p. 42)

Para Navarro (2018):

acontecimento não é uma coisa, um objeto consistente, não é substância, acidente, qualidade ou processo. Não é também da ordem dos corpos, mas nem por isso deixa de ter uma materialidade, já que é justamente na materialidade que ele tem efeito e lugar. O acontecimento não apresenta uma unidade material, porque se produz numa dispersão material. Ele é feito de cesuras que dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções (Navarro, 2018, p. 271).

Além do afeto discursivo enunciado pelas imagens que marcam cinco abraços e expressões de afeto entre os jogadores, façamos uma reflexão: “por que continua sendo incomum ver dois amigos trocando afeto genuíno e demonstrando amor diante das pessoas?” A resposta reside na manutenção de uma masculinidade tradicional, um fascinante jogo de descontinuidades e continuidades nas práticas discursivas. Embora a afetividade abra espaço para novas formas de afeto e expressão entre homens, ainda persistem resquícios de masculinidades hegemônicas nessas relações de poder, tais como a heteronormatividade e a virilidade. A heteronormatividade, ao estabelecer a heterossexualidade como norma, configura “expectativas” em torno da masculinidade. Essa imposição dociliza o corpo masculino, limitando a expressão do afeto a padrões específicos e reforçando a repressão emocional. A virilidade, por sua vez, valoriza a força física, a competitividade e o controle emocional. Essa visão tradicional da masculinidade reprime a expressão de vulnerabilidade e afeto, confinando os homens em um modelo rígido e limitante.

A publicação deste perfil midiático nos possibilita realizar uma abordagem da ramificação da masculinidade: a afetividade. Apesar de muitas vezes associada à homossexualidade de forma enviesada por leituras machistas e retrógradas, a afetividade transcende essa visão limitada e emerge como uma prática vibrante que ganha cada vez mais visibilidade nas redes sociais, programas de entrevistas e outros espaços da esfera midiática. Em relação ao exposto, Souza (2020), destaca que

Assim, o futebol no Brasil, como esporte de espetáculo e de contato, exige a performatividade de características conhecidas tipicamente como masculinas, como a virilidade e força (Bandeira, 2010). Dessa forma, pessoas dissidentes desses aspectos podem ser marginalizadas e excluídas desse espaço. Nesse contexto encontram-se, dentre outras, pessoas homossexuais, recorte desse estudo. Rubin (2003) discute que o sistema sexo/gênero serve como um dispositivo para controlar e disciplinar a organização social. Com isso, o mesmo funciona como uma tecnologia que auxilia a subordinação (dentre outros) dos homens homossexuais aos homens heterossexuais., dessa forma, considerando o contexto social das relações de gênero na norma heterossexual e como o futebol pode servir de campo de performatividades, este estudo objetivou analisar a literatura publicada no formato de artigos científicos em português e inglês entre 2012-2018 sobre a homofobia no futebol. Historicamente estabeleceu-se uma norma para controlar as condutas ditas normais, baseada em relações de poder, em que a referência está pautada no homem heterossexual, branco, cristão, urbano e de classe média. Todos aqueles que não se encaixam neste padrão são denominados “outros” e que serão definidos em contraponto ao modelo. A heteronormatividade que se define por uma norma compulsória à heterossexualidade, está apoiada na ligação entre sexo, gênero e expressão da sexualidade (SOUZA, 2020, p. 9).

No documentário *The Mask You Live In* ("A Máscara em Que Você Vive", em português), lançado em 2015, o psicólogo e pesquisador americano William Pollack propõe uma reflexão crítica sobre a masculinidade na sociedade contemporânea. Através de entrevistas com adolescentes e jovens adultos, o documentário explora como a pressão social para se conformar a um modelo rígido e estereotipado de masculinidade leva os garotos a reprimir suas emoções, esconder suas vulnerabilidades e negar sua empatia natural.

Pollack argumenta que essa repressão emocional tem consequências devastadoras para a saúde mental e o bem-estar dos homens. Ao negar seus sentimentos e se envergonhar de suas vulnerabilidades, os garotos se tornam mais propensos à depressão, ansiedade, violência e problemas de relacionamento.

O documentário destaca a importância de romper com essa "máscara da masculinidade" e permitir que os garotos expressem livremente suas emoções, desenvolvam sua empatia e relações saudáveis. Para isso, é fundamental que pais, educadores e a sociedade como um todo reconheçam a necessidade de criar um ambiente mais acolhedor e inclusivo para os garotos, onde eles possam se sentir livres para serem quem realmente são.

A descontinuidade na história das masculinidades se manifesta na resistência à ideia de que os homens devem seguir comportamentos tidos como modelares pelos dispositivos que sustentam as velhas masculinidades. Um exemplo dessa resistência é o questionamento do enunciado "homem não chora". Essa frase, ao impor a repressão das emoções, limita a masculinidade a um modelo rígido e retrógrado. Homens que se permitem chorar desafiam essa norma, demonstrando vulnerabilidade e autenticidade. Outro aspecto da continuidade reside na não demonstração de amor entre pares masculinos, sob o risco de ter sua sexualidade questionada. Essa restrição, muitas vezes disfarçada de tom jocoso, esconde o medo da subversão da masculinidade tradicional pela expressão do afeto entre homens.

Em um movimento de resistência a esse enunciado engendrado, diversos são os jogadores brasileiros que, em suas práticas discursivas, enaltecem a afetividade, fazendo ressoar o rizoma da masculinidade afetiva. Essas ações permitem que suas práticas se distanciem dos dispositivos de poder que negam a esse mesmo corpo enunciar suas emoções, sem o peso da normalização historicamente exaltada.

Em sua obra seminal, "História da Sexualidade" (1976), Michel Foucault propõe uma ruptura radical com a visão tradicional da sexualidade como uma característica fixa e natural do ser humano. Para o filósofo francês, a sexualidade não é algo inato ou essencial, mas sim um enunciado social e histórico, atravessado por instituições sociais, discursos normativos e relações de poder. Essa perspectiva desafia a heteronormatividade, a ideia de que a heterossexualidade é a única forma "normal" e "natural" de orientação sexual. Ao invés de um conceito rígido e imutável, a sexualidade é um campo dinâmico de práticas, discursos e relações de poder. Nessa perspectiva, a afetividade não pode ser vista como algo estático ou uma categoria fixa, mas sim como algo social e histórico em constante transformação. As normas sociais, atravessadas por instituições como a família, a religião e o Estado, desempenham um papel crucial na regulação da sexualidade. Essas normas, muitas vezes baseadas em preconceitos e estereótipos, limitam e restringem a

expressão da sexualidade, marginalizando e patologizando aqueles que não se conformam ao padrão heteronormativo.

A compreensão da masculinidade transcende a ideia de um modelo único e rígido, abrindo caminho para a análise de múltiplas masculinidades, cada qual em um contexto complexo de relações de poder. Kimmel (1998) explora essa multiplicidade, reconhecendo que as masculinidades se configuram em dois campos interligados: nas relações entre homens e mulheres, marcadas pela desigualdade de gênero, e nas relações entre os próprios homens, permeadas por desigualdades interseccionais, como raça, etnia, sexualidade e idade.

Um ponto crucial nessa análise reside na invisibilidade do poder das masculinidades para aqueles que ocupam posições privilegiadas dentro da ordem de gênero. Butler (2003) destaca como as expressões de masculinidade se internalizam na sociedade, tornando-se invisíveis e, conseqüentemente, reproduzidas. Em uma sociedade que exige coerência entre sexo, gênero e desejo/prática heterossexual, as masculinidades que se aproximam mais dessa norma tendem a usufruir de privilégios sociais, muitas vezes imperceptíveis para aqueles que os detêm, em detrimento daqueles que subvertem a norma.

A afetividade entre homens, ao longo da história, quando relacionada ao futebol, foi alvo de repressão e marginalização, sendo considerada uma forma de desvio ou anormalidade em relação às normas heterossexuais dominantes. Essa repressão não se baseia apenas em questões de moralidade, mas também em mecanismos de controle e de disciplina social exercidos pelo poder.

copa do mundo

Demonstrações de afeto proibidas; saiba mais da política LGBTQIA+ do Catar

Fifa ameaça punir jogadores que se manifestarem a favor dos direitos LGBTQIA+ durante os jogos da Copa do Mundo 2022 no Catar; entenda

Fonte:

Conforme destaca o artigo da UOL, escrito por Carolina Fioratti, jornalista e colunista, “A FIFA ameaçou dar cartões amarelos a qualquer jogador que usasse o acessório com as cores do arco-íris.” O objetivo das equipes era demonstrar solidariedade à comunidade LGBTQIA+, que é hostilizada no Catar, país sede da competição.

Nesse sentido, os jogadores são, muitas vezes, limitados no que tange as suas ações e manifestações de carinho uns com os outros, ressoando a teoria do enunciado em relação ao poder, isto é, a ordem do discurso – o que se pode ou não dizer. A composição hegemônica de masculinidade afasta discursos de resistência, no entanto é justamente no calor da competitividade, quando a emoção toma conta, que a afetividade rompe com os enunciados contrários e se manifesta de forma autêntica. Os jogadores, imersos na adrenalina e na união com o time, deixam de lado as repressões e demonstram afeto uns com os outros, possibilitando enunciados e práticas discursivas que desafiam as normas da masculinidade tradicional e hegemônica. Na visão de Souza (2020):

o modo de ser homem, a partir da performance no estádio de futebol é a reprodução da masculinidade da sociedade. A masculinidade tipicamente encontrada nesse esporte é centrada em torno da heterossexualidade e hipermasculinidade, que resulta na subordinação daqueles que não se conformam a esses valores. O homem tido como viril é reconhecido como participante legítimo e “natural” dos rituais e práticas relacionadas ao futebol. Assim, é sugerido que outras expressões de masculinidades que não sejam a tradicional e viril, comumente conhecida como hegemônica, sejam censuradas (Souza, 2020, p. 15)

Inspirada nos estudos pós-estruturalistas de Michel Foucault, Butler (2003) propõe uma crítica radical à noção de gênero como algo fixo e predefinido. Segundo ela, as masculinidades não são entidades estáticas, mas sim performances sociais em constante permanências e rupturas. Através da repetição e imitação de normas e valores hegemônicos, os indivíduos se conformam a determinados modelos de masculinidade.

No contexto do futebol, essa lógica se manifesta de forma contundente, visto que se configura como um palco onde a masculinidade heterossexual viril encontra espaço para ser reforçada e celebrada, excluindo e marginalizando outras formas de expressão de gênero. A enunciação histórica da masculinidade se entrelaça com o próprio delineamento do futebol, determinando práticas específicas dentro do seu contexto.

Mais do que um simples jogo de lazer ou uma partida profissional, o futebol se torna um espaço político onde se configuram relações de poder. A partida de futebol se transforma em um espetáculo de performance de papéis, em que a exaltação e a

subordinação de diferentes masculinidades se tornam elementos centrais (Moura, 2017, p. 15).

SE6 – Precisamos discutir masculinidades no futebol

Na sequência enunciativa anterior, podemos notar que o rizoma da afetividade emerge quando jogadores enunciam afeto entre si em suas práticas discursivas. No entanto, como o discurso é produzido entre continuidades e descontinuidades, um novo rizoma emerge na concepção da masculinidade hegemônica. A violência, muitas vezes mascarada como força, permeia a masculinidade em nossa sociedade. Assim, o ministério da saúde brasileiro em 2008, por meio de uma prática de política nacional de atenção à saúde integral do homem em seus princípios e diretrizes enuncia:

A Política de Atenção Integral à Saúde do Homem deve considerar a heterogeneidade das possibilidades de ser homem. As masculinidades são construídas historicamente e sócio-culturalmente, sendo a significação da masculinidade um processo em permanente construção e transformação. O ser homem, assim como o ser mulher é constituído tanto a partir do masculino como do feminino. Masculino e feminino são modelos culturais de gênero que convivem no imaginário dos homens e das mulheres. Essa consideração é fundamental para a promoção da equidade na atenção a essa população, que deve ser considerada em suas diferenças por idade, condição sócioeconômica, étnico-racial, por local de moradia urbano ou rural, pela situação carcerária, pela deficiência física e/ou mental e pelas orientações sexuais e identidades de gênero não hegemônicas. (Brasil, 2008, p. 7)

Através de discursos e práticas sociais, a ideia de que ser homem significa ser forte, agressivo e dominante é disseminada e internalizada por muitos indivíduos mediante a essa subjetivação. Família, educação, mídia e até mesmo políticas governamentais reforçam essa associação prejudicial entre masculinidade e violência. Ao promover ideais masculinos baseados na competição, na hierarquia e no controle, essas instituições criam um ambiente propício para o desenvolvimento de comportamentos violentos e agressivos, vistos como ferramentas para afirmar e reforçar a masculinidade hegemônica. Observamos como certos comportamentos agressivos e violentos são socialmente valorizados em determinados contextos (futebolísticos), especialmente para homens.

Em algumas culturas ou grupos sociais, historicamente associadas à masculinidade hegemônica, como alguns grupos indígenas (a título de exemplo, os yanomami), o militarismo, a composição histórica do próprio esporte no Brasil, a expectativa é que os homens sejam fisicamente fortes, assertivos e capazes de se impor por meio da força física, mesmo que isso signifique violência. Essa expectativa é reforçada por discursos e práticas sociais que enaltecem a violência como uma característica intrínseca à masculinidade. A violência dentro e fora dos campos, muitas vezes vista como algo normal e até mesmo desejável, contribui para a naturalização da violência na sociedade. É importante lembrar que essas práticas sociais não são imutáveis. Por meio da resistência, da negociação e da subversão, podemos questionar e desafiar essa masculinidade tóxica e hegemônica.



Bruno e Richarlison. Dois pesos brutalmente diferentes para carreiras opostas.

Fonte: <https://medium.com/stick-to-sportz/%C3%A9-urgente-precisamos-discutir-masculinidades-no-futebol-e61e7686037a>

No artigo "É URGENTE: Precisamos discutir Masculinidades no Futebol", publicado na plataforma Medium, o autor explora a complexa relação entre masculinidade, futebol e violência, utilizando a figura dos jogadores Richarlyson e Bruno como exemplos para ilustrar o rizoma da masculinidade tóxica no esporte. A valorização de Richarlyson, jogador conhecido por suas performances extravagantes, por ter assumido, recentemente sua bissexualidade e por desafiar as normas tradicionais da masculinidade no futebol, quando comparada ao goleiro, é mínima em relação no que tange o apoio dos torcedores. As atitudes do jogador podem ser vistas, no campo das resistências, como uma ação que se soma à necessidade de se questionar a ideia de que a masculinidade se define pela força física, agressividade e repressão das emoções.

O sujeito que enuncia no artigo assume posições em relação à postura desses dois jogadores. Uma delas é a posição de sujeito que compara, como podemos observar nos excertos do artigo. Assim, a essa posição de sujeito que compara outra se junta: a de sujeito que avalia a conduta de ambos os jogadores, como está expresso no recorte. A violência brutal e a desumanização da vítima demonstram como a masculinidade tradicional, baseada na dominação e no controle, pode levar a consequências trágicas, como expostas pelos enunciados do artigo do jornalista Rafael Freire:

Esses são só dois de vários exemplos. São casos que eu, como pessoa que acompanha futebol, pude presenciar SÓ NESSA ÚLTIMA DÉCADA. Em cima, Bruno. Mesmo esqueteando a mãe do seu filho e jogando o resto do corpo para os cachorros comerem, voltou da prisão como astro. Foi recebido com uma verdadeira ovação na sua estreia pelo Boa Esporte. Embaixo, Richarlyson. No currículo: 1 Copinha, 3 Brasileiros, 1 Libertadores, 1 Mundial, 3 Estaduais, Seleção Brasileira. Foi excluído da Calçada da Fama pelo time em que jogou por 5 anos. Foi recebido com bombas na sua apresentação no Guarani. A diferença? Bem, aparentemente, o nosso futebol considera mais ofensivo ter supostos trejeitos homossexuais do que ser um assassino condenado. Outro exemplo recente é do goleiro Jean, que após ser preso por agredir a mulher com oito socos, foi contratado pelo Atlético Goianiense. Mas pelo menos não usará a Camisa 24. Porque aí já é demais, né? Não tem espaço pra essas coisas no futebol (Freire, 2020, p. 3).

Ao analisar as figuras de Richarlyson e Bruno, exploramos o rizoma da masculinidade violenta no futebol. Essa masculinidade, caracterizada pela repressão das emoções e, por muitas vezes, pela objetificação das mulheres, é reforçada por diversos

discursos e práticas sociais. O futebol, com sua cultura machista e competitiva, se torna um espaço propício para a perpetuação dessa masculinidade tóxica. Por meio da análise de enunciados como o de Richarlyson e Bruno, questionamos as normas masculinas hegemônicas no esporte.

Para que as mudanças ocorram, é necessário, como conclama Gros, que desobedeçamos:

A desobediência constituiria nosso primeiro estado, nossa natureza talvez, se por “natureza” entendermos o que nos liga às feras e aos lobos. De saída, seríamos refratários à regra. A primeira modernidade lê essa desobediência primitiva como o reino ilimitado das paixões egoístas, o domínio dos instintos brutos, a imperiosa urgência do desejo narcísico. E é para lhes contrapor as mediações pacientes da razão e as regras sociais de interesse comum que é consagrada a parte da disciplina. Trata-se de dominar em nós o animal. A obediência disciplinar é o que em nós faz afirmar-se o princípio de humanidade. (GROS, 2018, p. 17).

Gestos que envolvam afetos e uma maior consciência sobre si mesmo e sobre o sujeito são cada vez mais presentes em nossa sociedade, isso demonstra que a história, as continuidades e discontinuidades têm permitido que pelo menos algumas formas de masculinidades destoem dessa tradição tóxica, violenta e engendradora, mesmo que estas ainda se encontrem presentes em práticas, como a enunciada pela publicação midiática.

SE7 – A seleção dos filhos sem pai

Com o rizoma da violência tendo sido abordado e analisado, expandimos a análise para o rizoma da masculinidade paterna. Como a prática futebolística contemporânea é uma área ampla para a concepção dos enunciados que se relacionam à masculinidade, a noção de que ser homem, muitas vezes, é constituir família e ter filhos ressoa no contexto social brasileiro. No entanto, a seleção brasileira parece constituir uma regularidade discursiva quanto à história de seus membros na última copa do mundo.

SELEÇÃO BRASILEIRA >

A seleção dos filhos sem pai

Seis dos 11 titulares do Brasil na Copa cresceram distantes do pai biológico. Mães como a de Gabriel Jesus tiveram de se desdobrar sozinhas para criar os filhos atletas



Paulinho e Gabriel Jesus passaram a infância longe dos pais.

Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/21/deportes/1529536206_588160.html

O artigo "A seleção dos filhos sem pai" expõe a realidade brasileira em que a ausência do pai biológico é comum, inclusive entre jogadores da Seleção Brasileira, como Gabriel Jesus e Paulinho. Essa realidade, enraizada em um contexto social com 40% (dados que constam no artigo do El País) dos lares chefiados por mulheres e 12 milhões

de famílias sem cônjuges, aumenta a vulnerabilidade social, especialmente para as mulheres negras, que possuem renda média inferior.

Apesar dos desafios, como destaca o artigo a força e a resiliência das mães são pilares na formação de atletas de sucesso, como demonstrado na trajetória desses jogadores.

Porém, a constituição discursiva no que tange à paternidade em relação à prática futebolística contemporânea é também uma regularidade discursiva, uma vez que figuras sociais como Pelé, goleiro Bruno e o atacante Jô⁵, realçam a condição da masculinidade mais associada ao retrógrado ou pelo que, comumente entendemos: velha masculinidade.

⁵ As três figuras mencionadas são exemplos de masculinidades associadas ao hegemônico, especificamente atravessadas pelos seus rizomas (quando exemplificados).

Após DNA positivo, mãe do filho de Jô relata pensão atrasada: 'Péssimo exemplo de pai'

João Gabriel é filho de influenciadora Maiára Quiderolly, com quem Jô traiu a mulher

Por Extra — Rio de Janeiro

20/02/2024 16h11 · Atualizado há 2 meses



Mãe do filho de Jô desabafa que jogador é ausente na vida da criança, de 1 ano — Foto: Reprodução

Fonte: <https://extra.globo.com/famosos/noticia/2024/02/apos-teste-de-dna-mae-de-filho-do-jogador-jo-o-acusa-de-ser-ausente-e-relata-pensao-atrasada-pessimo-exemplo-de-pai.ghtml>

A reportagem "Após DNA positivo, mãe do filho de Jô relata pensão atrasada: 'Péssimo exemplo de pai'", publicada no site Extra, nos faz entendermos as concepções tradicionais de paternidade e compreendermos os impactos que essas concepções geram na sociedade. A reportagem nos apresenta o caso de Jô, jogador de futebol que negou a paternidade de um filho, mas que, após exame de DNA, foi obrigado a reconhecê-la e a pagar pensão alimentícia. Esse caso expõe a normatização da paternidade em relação a uma masculinidade tradicional, que punha o jogador em uma posição de poder e controle sobre a vida da mãe e da criança. De acordo com o artigo:

O ex-atacante do Corinthians realizou no fim do ano passado um teste de DNA para comprovar a paternidade. O resultado deu positivo, conforme a influenciadora mesmo informou no início do ano. Mas Maiara contou que a guerra na justiça contra o jogador ainda continua.

"Os bos que eu fiz, a pedido da minha advogada, acho que foram uns 3, que resolveremos na justiça! Algumas coisas como ligações ameaçando me processar (eu com 9 meses), ofensas, calúnias em matérias e etc.! Fora as pensões atrasadas (risos). Então, tem muita coisa pra rolar", contou. (Extra, 2024)

É uma regularidade discursiva analisarmos os casos em que a paternidade também tem uma certa associação a uma masculinidade mais ligada ao patriarcal ou hegemônico, longe de marcar uma descontinuidade presente nas enunciações discursivas.

Conforme afirma Peruchi, *apud* Toneli (2008):

A paternidade, como individualidade que conserva sua essência nos diferentes contextos, não existe. Ela é objetivada por meios de estratégias de poder complexamente articuladas aos saberes que lhe dão condições de existência. Trata-se aqui de considerar a constituição histórica das articulações saber/poder que fazem a paternidade surgir, mudar ou mesmo se extinguir como objeto. Por outro lado, é também nesse jogo que alguém, numa prática histórica específica, torna-se sujeito, ganha estatuto de pai, ocupa determinada posição e desempenha uma função. (Peruchi *apud* Toneli, 2008, p. 3)

A paternidade vista aqui como um rizoma, pela nossa concepção, está em relação e replica o rizoma da violência, por corolário, visibiliza a ação do dispositivo do patriarcalismo em nossa sociedade. Ser pai é um status que, para o jogador de futebol, parece ser produzido como um reforço da condição de que o abandono é uma regularidade discursiva.

SE8 – Por que o futebol feminino é mais acolhedor para atletas LGBTQIA+

Partindo do rizoma da paternidade, debruçamo-nos para o olhar do rizoma da masculinidade relacionado à sexualidade. Na obra "História da Sexualidade", Michel

Foucault (1976) propõe uma ruptura com a visão tradicional da sexualidade como algo natural e imutável. Para ele, a sexualidade é algo social, atravessada por discursos e instituições que definem o que é "normal" e o que é "desviante". A sexualidade é um campo de práticas, discursos e poder, em diferentes formas de expressão sexual são constantemente negociadas e reguladas. Foucault (1979) atenta-se para a possibilidade de resistência e subversão dessas estruturas de poder, ao enfatizar a importância da autodeterminação e da liberdade individual na expressão da sexualidade, mesmo em face das normas sociais restritivas. Foucault (1976) destacou a evolução histórica na associação do sexo com a verdade nas sociedades ocidentais ao longo dos séculos, especialmente com o advento do cristianismo. Ele analisou como o ato de confessar e realizar exames de consciência tornou-se central na colocação da sexualidade no âmago da existência, transformando-a em um tema examinado, vigiado, confessado e discutido nas sociedades cristãs. Houve uma permissão para discussões sobre sexualidade, mas principalmente com a intenção de proibi-la, o que resultou em uma complexa estrutura de proibições.

Ao invés de se concentrar na sociologia histórica da proibição, Foucault direcionou seus estudos para a história política da produção de "verdades". Ele observou que vivemos em uma sociedade onde discursos considerados verdadeiros são produzidos, gerando poderes específicos. O autor argumentou que as "verdades" relacionadas à sexualidade tornaram-se problemáticas no Ocidente, contribuindo para a repressão sexual. Embora reconhecesse a existência dessa repressão e da miséria sexual, Foucault não explorou a natureza da ideologia predominante e suas consequências para a sexualidade, mas sim identificou o "método" que as produzia. Ele enfatizou que o capitalismo não necessariamente privava a sexualidade, mas acabava por fazê-lo em prol do seu desenvolvimento. Seu foco estava na compreensão dos mecanismos positivos que, ao enunciar a sexualidade de determinada maneira, resultavam em efeitos repressivos e de miséria. Conforme destaca Foucault (1976),

Nós dizemos a sua verdade, decifrando o que dela ele nos diz; e ele nos diz a nossa, liberando o que estava oculto. Foi nesse jogo que se constituiu, lentamente, desde há vários séculos, um saber do sujeito, saber não tanto sobre sua forma, porém daquilo que o cinde; daquilo que o determina, talvez, e sobretudo o faz escapar a si mesmo. Talvez isso pareça inopinado, mas não é estranho quando se pensa na longa história da confissão cristã e judiciária, nos deslocamentos e transformações desta forma de saber-poder, tão básica no Ocidente, que é a confissão: através de círculos cada vez mais fechados, o projeto de

uma ciência do sujeito começou a gravitar em torno da questão do sexo. A causalidade no sujeito, o inconsciente do sujeito, a verdade do sujeito no outro que sabe, o saber, nele, daquilo que ele próprio ignora, tudo isso foi possível desenrolar-se no discurso do sexo. Contudo, não devido a alguma propriedade natural inerente ao próprio sexo, mas em função das táticas de poder que são imanentes a tal discurso. (FOUCAULT, 1976, p. 68)

Assim, a sexualidade está ligada à prática futebolística contemporânea, uma vez que a homossexualidade nessa hegemonia foi atravessada por um acúmulo de enunciados que retomam as discontinuidades e continuidades históricas. Nessa direção, de acordo com Ribeiro (1999),

Foucault enfoca a questão da homossexualidade, ponderando que, em torno de 1870, os psiquiatras passaram a considerá-la como objeto de análise médica, ponto de partida para a introjeção de novas intervenções e controles. Os homossexuais passaram, assim, a ser percebidos como loucos ou doentes do instinto sexual. Antes, eram considerados libertinos ou delinqüentes. Surge, então, a invenção estratégica da "mesma" vontade de verdade. O mesmo acontece com as demais minorias: a mulher, o negro, etc. Os mesmos mecanismos levam à patologização da mulher ao considerar seu sexo frágil, quase doente. Os movimentos feministas aceitam o desafio ao assumirem sua singularidade e suas conseqüências, e reinventam seu próprio tipo de existência partindo dessa sexualidade que as aprisionam para direcionarem-se à outras afirmações. (Ribeiro, 1999, p. 360)

Dessa maneira, jogadores (e jogadoras) que se assumiram homossexuais passam a verbalizar, nessa perspectiva hegemônica do futebol patriarcal, uma prática de resistência ao tradicional:

Por que o futebol feminino é mais acolhedor para atletas LGBTQIA+

Competição disputada na Austrália e na Nova Zelândia com 32 países tem ao menos 95 atletas LGBTQIA+, um recorde, segundo o site Outsports.

Por Sarah Resende

29/07/2023 07h55 · Atualizado há 8 meses



Jogadoras da Austrália, país com mais atletas LGBTQIA+, comemoram vitória sobre a Irlanda na estreia na Copa do Mundo Feminina — Foto: REUTERS/Jaimi Joy

Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/07/29/por-que-o-futebol-feminino-e-mais-acolhedor-para-atletas-lgbtqia.ghtml>

No caso do futebol, o discurso hegemônico define o esporte como um espaço masculino, heterossexual e competitivo. Essa definição, permeada por relações de poder, relaciona-se aos comportamentos esperados dos jogadores e jogadoras e a forma como o futebol é vivenciado e percebido na sociedade. O artigo explora como o futebol feminino, por se distanciar da norma hegemônica, se torna um espaço mais acolhedor para atletas LGBTQIA+. A ausência da pressão machista e homofóbica, presente no futebol masculino, permite que as atletas expressem sua sexualidade livremente e sem medo de represálias. Conforme destaca o artigo:

Para Luiza Aguiar dos Anjos, professora de educação física e pesquisadora do esporte com foco nas relações de gêneros e sexualidade, parte da explicação para isso pode estar no fato de o futebol masculino ser, culturalmente, mais vigiado em comparação ao feminino:

"Se dá muita importância ao futebol masculino historicamente e pouco ao feminino — para valorizar, para dar visibilidade, para dar atenção. E por essa cobrança com relação a masculinidade há muito pouco

espaço para que os homens possam se assumir gay ou até fugir da heteronormatividade."

A sociedade, através de mecanismos como o julgamento social, a mídia e as instituições, atua como um panóptico, vigiando e disciplinando os indivíduos. Essa vigilância constante gera um sistema de autovigilância, em que os próprios indivíduos internalizam as normas sociais e se policiam mutuamente.

O futebol tradicional também se manifesta na objetificação e na instrumentalização do corpo masculino. O corpo do jogador é visto como uma ferramenta para garantir o desempenho físico e a vitória. Essa concepção ignora a dimensão emocional e afetiva do esporte, limitando a expressão de sentimentos e a conexão entre jogadores e jogadoras.

A normatização do futebol tradicional gera diversos impactos na sociedade. A exclusão de jogadores e jogadoras que não se encaixam no modelo idealizado contribui para a homofobia, a discriminação de gênero e a falta de representatividade no esporte.

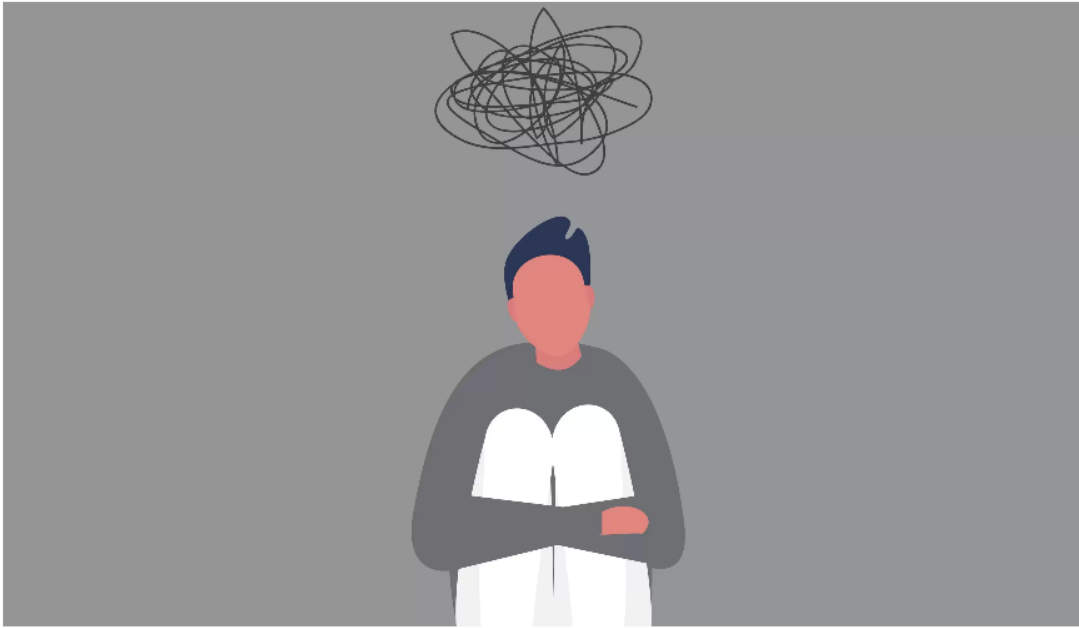
De acordo com o artigo:

"Se dá muita importância ao futebol masculino historicamente e pouco ao feminino — para valorizar, para dar visibilidade, para dar atenção. E por essa cobrança com relação a masculinidade há muito pouco espaço para que os homens possam se assumir gay ou até fugir da heteronormatividade." (p. 1)

Há um controle inserido nessa prática futebolística contemporânea brasileira, uma vez que a taxa de jogadores declaradamente assumidos homossexuais é extremamente inferior quando comparada a do futebol feminino. Existe, neste acúmulo discursivo, uma imposição sobre a sexualidade. O enunciado faz ressoar a concepção de que discursos de continuidade, mais ligados à masculinidade engendradora, relacionam-se à conduta e à percepção dos jogadores em relação às suas masculinidades.

Existe uma pressão social relacionada à condição do que é "ser homem", isso se traduz em taxas como o suicídio e depressão.

Depressão em homens: menos frequente ou apenas menos identificada?



A taxa de suicídio masculino é três vezes maior do que entre as mulheres. Todavia, como que altas taxas de suicídio se encaixam nas evidências de que os homens apresentam muito menos probabilidade de serem diagnosticados com depressão?

Fonte: <https://brazil.progress.im/pt-br/content/depress%C3%A3o-em-homens-menos-frequente-ou- apenas-menos-identificada>

Pelo artigo "Depressão em Homens: Menos Frequente ou Apenas Menos Identificada?", publicado no Progress in Mind Brasil, podemos articular os impactos que essas concepções geram na vida dos homens.

As ideias enunciadas no artigo referem-se a como as normas sociais de masculinidade constroem os homens a esconderem seus sentimentos e evitarem ajuda quando se sentem deprimidos. Essa repressão emocional, muitas vezes internalizada pelos próprios homens, dificulta o reconhecimento dos sintomas da depressão e impede o tratamento adequado. A sociedade, através de mecanismos como o julgamento social, a mídia e as instituições, atua como um panóptico, vigiando e disciplinando os indivíduos.

Essa vigilância constante gera um sistema de autovigilância, em que os próprios homens internalizam as normas sociais de masculinidade e se policiam mutuamente, reprimindo qualquer comportamento que seja considerado "fraco" ou afeminado? "feminino". A masculinidade tradicional também se manifesta na objetificação e na instrumentalização do corpo masculino. O corpo do homem é visto como uma ferramenta para garantir o sucesso profissional, a força física e a dominação social. Essa concepção

ignora a dimensão emocional e afetiva da masculinidade, limitando a expressão de sentimentos e a ajuda em momentos de fragilidade. A normatização da masculinidade tradicional gera diversos impactos negativos na saúde mental dos homens.

A repressão emocional, a dificuldade de procurar por ajuda e o estigma em torno da depressão masculina contribuem para o aumento das taxas de suicídio entre homens, além de outras consequências graves, como o abuso de substâncias, a violência e sintomas depressivos.

No futebol não é diferente, jogadores que têm depressão são muitas vezes afastados da condição de status do que é “ser um homem saudável”, é como se a sexualidade aqui expressa ecoasse as noções de que um homem não pode ser frágil mentalmente e emocionalmente. É preciso ser forte o tempo todo.

Depressão e síndrome de pânico são comuns no futebol, mas só 6 clubes do Brasileiro têm psicólogos atuando com os profissionais



Gabriela Moreira

25 Sep. 2017



Depressão entre jogadores de futebol. O assunto veio à tona com o pedido de **afastamento do jogador Nilmar, do Santos, na semana passada**. Diagnosticado com a doença, não por acaso, mas porque teve acesso a um profissional de psicologia. O caso revela uma exceção no futebol brasileiro. Entre os 20 clubes da série A do Brasileiro, apenas cinco têm psicólogos dedicados exclusivamente ao time profissional.

Fonte: https://www.espn.com.br/blogs/gabrielamoreira/729892_depressao-e-sindrome-de-panico-sao-comuns-no-futebol-mas-so-6-clubes-do-brasileiro-tem-psicologos-atuando-com-os-profissionais

Por meio da análise do artigo, somos levados, novamente, a considerarmos as discontinuidades e continuidades em referências às concepções tradicionais de masculinidade, força mental e sucesso no esporte, e compreendermos os impactos que essas concepções geram na vida dos jogadores. No caso do futebol, o discurso hegemônico define o jogador como forte, resiliente e mentalmente imbatível. O artigo explora como as normas sociais de masculinidade e sucesso no futebol pressionam os jogadores a esconderem suas fragilidades e evitarem auxílio quando se sentem

deprimidos ou ansiosos. Essa repressão emocional, muitas vezes internalizada pelos próprios jogadores, dificulta o reconhecimento dos sintomas da depressão e da síndrome do pânico, e impede o tratamento adequado. A sociedade, por meio de mecanismos como a cobrança por resultados, a pressão da mídia e a crítica dos torcedores, atua como um exercício do controle do poder, ao vigiar e disciplinar os jogadores.

SE9 – Jogadores preferem ver o nascimento dos filhos do que jogar campeonatos e causam espanto,

Partindo da premissa de que o jogador é um “corpo do combate” que deve estar saudável e condizer com aquilo que se espera dele, retomamos o rizoma da paternidade para alçarmo-nos a análise de um outro rizoma: o da eficácia. O rizoma da eficácia está relacionado à noção de que a posição-sujeito jogador deve atender sempre às vitórias, ao sucesso, à demanda da produtividade. Deve correr, se entregar, alçar voos incríveis e fascinantes. A derrota é o estado mínimo em que um jogador deve se encontrar. Para analisarmos as condições desse rizoma, retomamos as leituras de Preciado (2008). Para o autor, o biopoder tradicional, centrado no controle da população e da reprodução, cede lugar a um novo regime de controle: o controle sobre um "complexo tecnovivo conectado". Essa nova realidade, marcada pela interconexão entre corpos e tecnologias, exige uma análise mais profunda das dinâmicas de poder que a permeiam.

Ao invés de um poder exterior que reside fora do corpo, como propõe Foucault, Preciado identifica poderes que habitam nossos próprios corpos. Medicamentos, métodos contraceptivos, próteses e outras tecnologias biomédicas se transformam em ferramentas de controle, nessa relação com a vida e a morte.

Essa nova perspectiva abre caminho para uma crítica radical do biopoder. Ao questionar a docilidade dos corpos dissidentes, Preciado recupera o conceito de *potentia* de Spinoza. Os corpos dissidentes, longe de serem passivos, criam possibilidades de escape e resistência, desafiando as normas e os mecanismos de controle.

No caso do jogador, o corpo está intrínseco à chuteira, isto é, a sua capacidade de fazer gols. Não distante, encontramos uma supervalorização aos jogadores atacantes quando estão no auge. Em comparação, um atacante e um zagueiro têm picos de salários distintos. É como se o “fazer gol” valesse muito mais. Na contramão, isso gera uma pressão sobre essas posições-sujeitos, fazendo ecoar o rizoma da eficácia:

Jogadores preferem ver o nascimento dos filhos do que jogar campeonatos e causam espanto. Em um dos casos, jornalistas ficaram em silêncio...

A revelação foi feita recentemente pelo ex-coordenador da seleção de Tite, Juninho Paulista.

FAMÍLIA • FUTEBOL | 8 de abril de 2024



Fonte: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/jogadores-preferem-ver-o-nascimento-dos-filhos-do-que-jogar-campeonatos-e-causam-espanto-em-um-dos-casos-jornalistas-ficaram-em-silencio#:~:text=A%20equipe%20estava%20nos%20jogos.li%C3%A7%C3%A3o%20de%20valores%20e%20prioridades.>

De acordo com o artigo, postado no portal “Brasil paralelo”,

O zagueiro Gabriel Magalhães é apenas um dos jogadores que foi deixado de fora da seleção brasileira de Tite no ano passado por priorizar o nascimento de sua filha. A informação ficou subentendida a partir de entrevista do ex-coordenador da seleção Juninho Paulista, publicada no Globo Esporte na semana passada. Segundo Juninho, o prestígio de Gabriel na CBF teria caído a partir do momento em que ele pediu dispensa para acompanhar o nascimento da primeira filha. Em 2022, o zagueiro do Arsenal da Inglaterra, Gabriel Magalhães, foi chamado três vezes para a seleção brasileira. O defensor estava em boa fase, atuando como titular em quase toda a campanha do time inglês que terminou como vice-líder do campeonato.

Notemos que a repressão devido ao jogador não ter priorizado a seleção brasileira em prol de assistir o nascimento de sua filha demarca como o rizoma da eficácia tem uma ligação extrema com a concepção de masculinidade, uma vez que é necessário que o jogador somente produza e não priorize suas emoções. O *status* da vitória a qualquer custo deve ser alçado e reforçado ao retomar o rizoma da masculinidade viril e produtiva. A eficácia, aqui, enunciada, está ligada à concepção de como os jogadores estão integrados no dispositivo do patriarcalismo. O enunciado reatualiza a ideia de que: “se você tiver família, mulher ou filhos, é melhor você priorizar o seu trabalho”.

Essa lógica impera sobre as emoções e desejos pessoais, exigindo dos jogadores uma dedicação total ao esporte, priorizando o rendimento e a vitória a qualquer custo. Essa lógica da eficácia está intimamente ligada à enunciação da masculinidade hegemônica no futebol. O "bom jogador" é aquele que se dedica exclusivamente ao esporte, sacrificando outros aspectos da vida, como a família e a paternidade. Essa visão reforça a ideia de que a masculinidade se define pela produtividade e pelo sucesso profissional, relegando outras formas de masculinidade à margem. A recusa de Gabriel em se submeter a essa lógica da eficácia e da masculinidade hegemônica gerou uma resposta repressora por parte da CBF. A queda de prestígio do jogador e a exclusão da seleção demonstram como o poder opera para controlar e disciplinar os corpos dos jogadores, impondo-lhes normas e valores pré-estabelecidos.

SE10: Saúde mental no futebol: “tudo começa na cabeça”, diz Raphael Veiga.

Esse conjunto de raízes que se interconectam dão espaço ao surgimento de uma nova ramificação: a da saúde mental em relação à masculinidade. Haja vista que, perpassados por essa concepção de que o homem não deve expressar os seus sentimentos e deve ser sempre eficaz (rizoma da eficácia), a repressão dessa comunicação e do falar sobre si mesmo e sobre os problemas desenvolvem vastos problemas de saúde mental e depressão. Para aprofundarmo-nos nesse conceito, exploremos a SE10 com a perspectiva do jogador Raphael Veiga entrecruzado pela posição-sujeito das enunciatórias do artigo Camilla Freitas, Rafaela Polo e Sarah Alves Moura, jornalistas.

Equilíbrio

Saúde mental no futebol: 'Tudo começa na cabeça', diz Raphael Veiga

Camilla Freitas, Rafaela Polo e Sarah Alves Moura • De VivaBem, em São Paulo



19/04/2024 04h00



Fonte: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2024/04/19/saude-mental-no-futebol-tudo-comeca-na-cabeca-diz-raphael-veiga.htm>

Na visão foucaultiana, os discursos sobre saúde mental são formas de poder que influenciam como os indivíduos se percebem e são percebidos pela sociedade. No contexto do futebol e da masculinidade, o discurso sobre esse tema é particularmente relevante. Historicamente, a masculinidade foi associada à força, invulnerabilidade e resistência. O futebol, sendo um esporte predominantemente masculino e altamente competitivo, reforça essas normas de masculinidade hegemônica. Os atletas, como Raphael Veiga, estão sob constante vigilância, não apenas em termos de desempenho físico, mas também de comportamento e atitudes. A enunciação sobre saúde mental, posicionada pelo atleta Raphael Veiga, desafia a norma de que os homens devem ser emocionalmente fortes e imunes ao estresse. Ao falar sobre saúde mental, Veiga participa de um discurso que normaliza a vulnerabilidade e a necessidade de cuidado mental, o que pode levar a uma mudança na forma como a masculinidade é percebida. O artigo mostra a posição e o enunciado do jogador:

Tudo começa na cabeça, não só no futebol, mas em todas as áreas da vida. O que pensamos é o que nos governa, por isso temos que cuidar dos nossos pensamentos e crenças. Faço terapia há quase três anos e acho muito importante

No artigo, as jornalistas citam diversos jogadores que já enfrentaram problemas com a saúde mental, como: Richarlison (será retomado nessa dissertação no capítulo sobre formulação de condutas associadas ao choro), Yuri Alberto, o goleiro Sidão, entre outros. Há uma regularidade ao tratarmos de saúde mental relacionada às masculinidades na prática futebolística contemporânea brasileira. O fato da norma vigente não permitir essa expressão, corrobora para a manutenção de uma percepção de masculinidade hegemônica, haja vista que faz ressoar o rizoma da eficácia, na noção de que o homem deve ser sempre uma máquina repleta de conquistas, não podendo sentir ou desabafar.

No contexto da saúde mental e masculinidade no futebol, observamos um arquivo que regula os discursos sobre o que é ser um homem e como os homens devem lidar com questões emocionais e psicológicas.

Faheina (2020), destaca que:

Não se trata de buscar, na opacidade oportuna do discurso, de elementos enunciativos que não aparecem claramente na ordem do discurso investigado. Diferentemente das análises interpretativas que buscam

encontrar, na descrição de determinado discurso um sentido, um valor de verdade que o valide e legitime socialmente, busca-se encontrar, na formação de um discurso, uma “lei de raridade” que institui nos enunciados suas regras de aparecimento, suas condições de apropriação e de sua utilização. (p. 146)

Essa lei de raridade para a qual os discursos se sujeitam, rege-se pelo princípio de que nem tudo é dito, registrado e constituído. Por mais numerosos que sejam os enunciados, eles estão sempre em *deficit*, apresentam-se de maneira lacunar no discurso; razão pela qual os enunciados são descritos no limite da exclusão de outros, o que não significa que devem ser tratados como se estivessem encobrendo outros enunciados ou como se, por trás deles, existisse um discurso não formulado ou contradizente.

No contexto da saúde mental e masculinidade no futebol, observamos um arquivo que regula os discursos sobre o que é ser um homem e como os homens devem lidar com questões emocionais e psicológicas. A "lei de raridade" de Foucault indica que nem tudo pode ser dito por qualquer pessoa em qualquer lugar. A citação de Raphael Veiga — "Tudo começa na cabeça" — sugere um deslocamento gradual das normas tradicionais de masculinidade, que geralmente desconsideram a importância da saúde mental. Veiga, como figura pública e atleta, ocupa uma posição de autoridade que lhe permite abordar o tema, algo que poderia ser considerado raro ou mesmo tabu em contextos passados, em que a vulnerabilidade emocional não era associada à masculinidade. A ênfase de Veiga na saúde mental pode ser vista como parte de uma tecnologia do eu, na noção de que os homens começam a adotar práticas de autocuidado e reflexão mental que eram anteriormente desvalorizadas. Essas tecnologias são, para Foucault aquelas que:

[...] permitem aos indivíduos efetuar por seus próprios meios um certo número de operações sobre seus próprios corpos, seus próprios pensamentos, sua própria conduta e o fazem de modo que se transformam a si mesmos, modificando-se para alcançar certo nível de felicidade, pureza ou poder (Foucault, 1990, p. 48)

Este movimento não apenas muda a percepção individual de saúde mental, mas também impacta coletivamente a construção da masculinidade, permeando continuidades e descontinuidades nesse discurso.

SE11: Seis dos 20 clubes da Série A não têm departamento de psicologia; veja levantamento.

Seis dos 20 clubes da Série A não têm departamento de psicologia; veja levantamento

Em momento no qual a saúde mental ganha espaço no futebol brasileiro, saiba como funciona o trabalho dos psicólogos no dia a dia das equipes

Por Giba Perez e Letícia Marques — Rio de Janeiro (RJ)
06/06/2024 17h00 · Atualizado há 6 dias



Antes vista como tabu, a saúde mental dos jogadores de futebol se tornou um tema fundamental na atualidade. Nos últimos meses, atletas de elite, **como o atacante Richarlison**, e ex-jogadores, como Ronaldo Fenômeno, destacaram a importância do trabalho de psicólogos em suas vidas e carreiras.



Richarlison exalta retorno de ajuda psicológica à Seleção: "Estava no fundo do poço e isso salvou minha vida"

Fonte: <https://ge.globo.com/rj/futebol/noticia/2024/06/06/saude-mental-ganha-espaco-no-futebol-brasileiro-veja-quais-clubes-tem-departamento-de-psicologia.ghtml>

Nessa mesma perspectiva, percebemos como a ausência de psicólogos em clubes da série A pode corroborar para a manutenção da masculinidade hegemônica, uma vez que ao fazer ressoar o rizoma da eficácia, os sujeitos jogadores não têm um meio

disponível para exporem os seus problemas e conversarem sobre os seus sentimentos. Na visão foucaultiana, o poder está profundamente enraizado em discursos e práticas sociais que regulam os corpos e mentes dos indivíduos. No contexto do futebol, a falta de apoio psicológico institucionalizado não apenas perpetua a ideia de que os jogadores devem ser resilientes e invulneráveis, mas também reforça a normalização de um discurso de masculinidade que associa vulnerabilidade a fraqueza. As instituições, incluindo as esportivas, exercem poder através da vigilância e do controle dos corpos e comportamentos. Nos clubes de futebol, a ausência de departamentos de psicologia pode ser vista como uma forma de biopolítica, em que a gestão da saúde mental é negligenciada em prol de um foco exclusivo no desempenho físico e nos resultados. Isso cria um ambiente onde os jogadores são incentivados a reprimir seus sentimentos e não buscar ajuda, perpetuando um ciclo de estresse e sofrimento mental não tratado. Para Foucault, a biopolítica trata de um entendimento particular do autor:

Biopolítica: eu entendia por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças. [...] Tudo isso começou a ser descoberto no século XVIII. Percebe-se, conseqüentemente, que a relação do poder com o sujeito, ou melhor com o indivíduo, não deve ser simplesmente essa forma de sujeição que permite ao poder tomar dos sujeitos bens, riquezas e, eventualmente, seu corpo e seu sangue, mas que o poder deve exercer-se sobre os indivíduos, uma vez que eles constituem uma espécie de entidade biológica que deve ser levada em consideração, se queremos, precisamente, utilizar essa população como máquina para produzir, para produzir riquezas, bens, para produzir outros indivíduos. O descobrimento da população é, ao mesmo tempo que o descobrimento do indivíduo e do corpo adestrável, o outro núcleo tecnológico em torno do qual os procedimentos políticos do ocidente se transformaram” (p. 431)

A crescente conscientização e aceitação da importância da saúde mental no futebol, impulsionada por figuras públicas e estudos sobre o impacto do suporte psicológico, têm o potencial de transformar as práticas institucionais e os discursos sobre masculinidade. Esse movimento pode levar à implementação de departamentos de psicologia em todos os clubes, proporcionando um ambiente em que os jogadores possam abordar e tratar suas questões mentais sem estigmas, corroborando para a descontinuidade do discurso e o distanciamento de uma concepção de masculinidade hegemônica.

A abordagem desse capítulo permitiu a compreensão sobre como as ramificações desses discursos se entrelaçam com a relação do homem com a docilidade, com a afetividade, com a sexualidade, com a virilidade, com a paternidade, com a violência, com a eficácia e com a saúde mental. Uma vez que descrevemos como o dispositivo do patriarcalismo agencia os corpos na prática futebolística contemporânea, na próxima seção, empreendemos uma análise arqueológica do funcionamento do futebol brasileiro. A finalidade é entender como os efeitos de descontinuidades e de continuidades associados aos rizomas, analisados anteriormente, emergem e tornam-se possíveis.

4. Uma Análise Arqueogenealógica Foucaultiana do Funcionamento do Patriarcalismo no Futebol Brasileiro.

O futebol brasileiro, um esporte intrinsecamente conectado à masculinidade, se configura como um campo fértil para a análise arqueogenealógica foucaultiana do patriarcado. Através da ruptura dos discursos, práticas e instituições que sustentam essa estrutura de poder, podemos compreender as estratégias, temas e domínios associados à perpetuação da masculinidade hegemônica no futebol. Entendemos, nessa seção, que o patriarcalismo funciona como um dispositivo que atravessa os enunciados da masculinidade e agencia os corpos na prática futebolística contemporânea.

O futebol é um dos esportes mais populares no mundo e sua história pode ser dividida em cinco períodos distintos: Antiguidade, Idade Média, Escolas Públicas Inglesas, Futebol Moderno e Internacionalização. Conforme afirma (A história do Futebol Moderno começou na Inglaterra em meados do século XIX, mais precisamente no dia 26 de outubro de 1863, quando começou-se a preocupar com a unificação das regras. No Brasil, o futebol passou por fases distintas, como a fase da introdução do futebol no país (1894 – 1904), a fase do amadorismo (1905 – 1933), a fase da democratização e profissionalismo (1933 – 1950), a fase do reconhecimento internacional e comercialização do futebol (1950 – 1970), e a era da modernização do futebol (a partir de 1970). De acordo, com Bagsmo (1994), "o futebol é um jogo de equipe que exige não apenas habilidade técnica e física, mas também uma compreensão tática e uma forte ética de trabalho." (p. 124)

De acordo com Hollanda (2005), as origens do futebol remontam à Inglaterra, onde o esporte foi organizado e regulamentado em 1863, com a fundação da *Football Association*. No entanto, formas ancestrais do esporte já eram praticadas em outros países, como na Itália, onde o Calcio era um ritual de lazer da nobreza na Idade Média. Conforme afirma Hollanda (2005):

“No Brasil, o futebol foi oficialmente introduzido por Charles Miller, descendente de ingleses, que retornou ao país em 1894 com equipamentos e conhecimentos sobre o esporte. Inicialmente proibido a negros, mestiços, mulheres e brancos pobres, o futebol se popularizou a partir dos anos 1920, tornando-se uma paixão nacional e um meio de ascensão social para muitos”. (HOLLANDA, 2005, p. 103)

Hollanda (2005) afirma que, ao longo dos anos, o futebol passou por transformações significativas, sendo pioneiro na profissionalização de atletas e na comercialização de jogos em escala mundial. No entanto, enfrentou desafios como a interferência do Estado, dirigentes amadores administrando uma atividade cada vez mais profissional, campeonatos deficitários e o êxodo de craques para o exterior.

Assim, o futebol evoluiu de um esporte amador e local para uma indústria global do entretenimento, refletindo não apenas mudanças esportivas, mas também sociais, políticas e econômicas ao longo dos anos.

De acordo com a autora,

o Club de Regatas Vasco da Gama, fundado em 1898 no Rio de Janeiro, desempenhou um papel significativo na história do futebol brasileiro em relação à inclusão da população negra. O Vasco foi pioneiro ao permitir a participação de jogadores negros em seus times, desafiando as normas discriminatórias da época (HOLLANDA, 2005, p. 9).

Essa atitude progressista contribuiu para a inclusão social e esportiva de indivíduos negros no cenário esportivo brasileiro. A ascensão do Vasco, especialmente após a conquista do campeonato carioca de 1923, demonstrou que a inclusão da classe mais humilde em seus times não apenas era benéfica do ponto de vista esportivo, mas também social. Essa postura do clube gerou simpatia e apoio de diversos setores da sociedade, incluindo poetas, filósofos e sociólogos.

A conexão entre futebol e política é um tema recorrente na história do esporte, especialmente no contexto brasileiro. O futebol frequentemente foi e é atravessado por questões políticas, sociais e culturais do país. No Brasil, o futebol foi utilizado como uma ferramenta política em diferentes momentos.

Durante o período do Estado Novo no Brasil, sob o governo de Getúlio Vargas, o futebol passou a ser empregado como um instrumento de propaganda e controle social. A aceitação do profissionalismo pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) em troca da manutenção de seu poder ilustra como o governo utilizou o esporte para promover a imagem do país internacionalmente. Além disso, a pressão externa e a obsessão por sucesso esportivo levaram os clubes brasileiros a adotarem o profissionalismo para seus jogadores, marcando uma mudança significativa no futebol nacional. A relação entre futebol e política também pode ser observada em outras partes do mundo, como na União Soviética, Itália, Alemanha e Estados Unidos, em que o esporte foi empregado para fins políticos.

Assim, a conexão entre futebol e política no Brasil e em outras nações destaca a complexidade da relação mútua entre esses dois campos, no sentido de que o esporte pode ser utilizado como uma ferramenta de poder, propaganda e identidade nacional.

Ao longo das décadas de 1970 até os dias atuais, o futebol brasileiro passou por diversas transformações e evoluções em diferentes aspectos. Algumas das principais mudanças e evoluções incluem a profissionalização dos jogadores, a organização e estrutura do esporte, a democratização e a crise financeira durante os anos 1980, a inserção no mercado internacional a partir dos anos 1990 e a modernização com a adoção de tecnologias no campo e na gestão dos clubes. Essas mudanças não são apenas transformações esportivas, mas também sociais, econômicas e políticas que transpassaram o futebol brasileiro e sua posição no cenário global.

A crítica do jornalista Marcos Caetano em 2006 evidencia a concepção de futebol com o passar do tempo. Segundo esse jornalista,

a condição de mais significativa e esfuziante manifestação brasileira, o futebol parece ter o poder de tornar superlativos todos os traços de velhacaria presentes na alma do país. Rouba-se na iniciativa privada? Rouba-se mais ainda no futebol. Sonégam-se impostos? Sonégam-se mais ainda no mundo da bola. Algumas empresas estão quebradas? Os clubes estão ainda mais. Há deputados corruptos? Os deputados-cartolas são ainda mais corruptos. É impressionante a quantidade de escândalos envolvendo os times de futebol. Para cada escândalo empresarial que alguém recorde, sou capaz de lembrar outros dois envolvendo agremiações esportivas – e isso apesar de existirem centenas de empresas para cada clube instalado no Brasil Escolha o crime, pois já vimos de tudo. Todo o código penal foi desafiado pelo mundo do futebol. (...) Até a crônica esportiva faz jabá. Infelizmente, é preciso admitir que para cada Juca Kfourri, para cada Trajano, para cada Tostão, para cada Armando Nogueira existe um jornalista jabazeiro. (...) É óbvio que existem exceções. Mas a dura realidade é que ninguém, nunca, jamais, em tempo algum foi preso por um escândalo futebolístico. (...) Já vi empresário, magistrados e até políticos irem em cana, nem que por umas poucas horas, mas nunca ninguém ligado ao futebol.

A crítica destaca a prevalência de escândalos nos clubes brasileiros, superando até mesmo o setor empresarial. Essa realidade alarmante se conecta ao enraizamento da corrupção no futebol, que se manifesta em diversas formas, desde a manipulação de resultados e a venda de jogadores irregulares até a sonegação de impostos e a lavagem de dinheiro. Um dos pontos mais graves enunciados pelo jornalista é a impunidade dos envolvidos em crimes no futebol. Apesar da quantidade de escândalos, raramente se vê

punições exemplares, como prisões ou condenações justas. Essa falta de responsabilização gera um sentimento de impunidade e contribui para a perpetuação da corrupção no esporte.

Desse modo, compreendemos que a história do patriarcalismo no Brasil associado ao futebol se inicia, portanto, desde a sua constituição. Majoritariamente associado a um objeto político e, inclusive, servindo a isso. Nesse movimento arqueogenealógico, entendemos que na seção anterior, analisamos os rizomas que se conectam à produção do enunciado masculinidades no que tange à prática futebolística contemporânea brasileira. Para progredirmos essas concepções, esta seção se reserva à compreensão do patriarcalismo como dispositivo atuante nesse meio. O conceito de dispositivo para Foucault pauta-se em:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2000, p. 244).

Já na visão, de Deleuze (1996),

É costume a filosofia de Foucault apresentar-se como uma análise de «dispositivos» concretos. Mas o que é um dispositivo? É antes de mais uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objecto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras. Qualquer linha pode ser quebrada – está sujeita a variações de direcção – e pode ser bifurcada, em forma de forquilha – está submetida a derivações. Os objetos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vectores ou tensores. Por isso, as três grandes instâncias que Foucault vai sucessivamente distinguir, Saber, Poder e Subjectividade, não possuem contornos definidos de uma vez por todas; são antes cadeias de variáveis que se destacam uma das outras. É por via de uma crise, sempre, que Foucault descobre uma nova dimensão, uma nova linha. Os grandes pensadores são um tanto sísmicos, não evoluem, procedem por crises, por choques. Pensar em termos de linhas que se movimentam – era a operação de Herman Melville, e havia linhas de pesca, linhas de mergulho, perigosas, mortais até. Há linhas de sedimentação, diz Foucault, mas também há linhas de «fissura», de «fractura». Desenredar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que ele chama de «trabalho de terreno». É preciso instalarmo-nos sobre as

próprias linhas; estas não se detêm apenas na composição de um dispositivo, mas atravessam-no, conduzem-no, do norte ao sul, de este a oeste, em diagonal (DELEUZE, 1996, p. 1)

Pautamo-nos também na concepção de Deleuze (1996) sobre as visibilidades. Para nós, o patriarcalismo age correlacionando-se às condutas sobre o que é ser homem e o *status* de masculinidade no futebol. Sobre visibilidade, o autor define que ela

é feita de linhas de luz que formam figuras variáveis. Inseparáveis de um dispositivo ou de outro – não remete para uma luz em geral que viria iluminar os objetos pré-existentes. Cada dispositivo tem seu regime de luz, uma maneira como cai a luz, se esbate e se propaga, distribuindo o visível e o invisível, fazendo com que nasça ou desapareça o objecto que sem ela não existe. Não é apenas pintura, mas arquitetura também: o «dispositivo prisão» como máquina óptica para ver sem ser visto. Se há uma historicidade dos dispositivos, ela é a dos regimes de luz – mas é também a dos regimes de enunciado. Porque os enunciados, por sua vez, remetem para linhas de enunciação sobre as quais se distribuem as posições diferenciais dos seus elementos. E, se as curvas são elas próprias enunciadas, é por que as enunciações são curvas que distribuem variáveis, e, assim, uma ciência, num dado momento, ou um género literário, ou um estado de direito, ou um movimento social, são definidos precisamente pelos regimes de enunciados a que dão origem. Não são nem sujeitos nem objectos, mas regimes que é necessário definir pelo visível e pelo enunciável, com suas derivações, as suas transformações, as suas mutações. E em cada dispositivo as linhas atravessam limiares em função dos quais são estéticas, científicas, políticas, etc. (p. 2)

A partir dessa perspectiva, o patriarcado pode ser compreendido como um dispositivo social que atua na produção e regulação das relações de gênero, favorecendo a dominação masculina e a subordinação das mulheres. Esse dispositivo se manifesta através de diferentes elementos, tais como: a) normas e valores sociais. A definição dos papéis de gênero e das expectativas esperadas de homens e mulheres é atravessada por um conjunto de normas e valores socialmente e historicamente determinados. Essas normas definem comportamentos, características e responsabilidades atribuídas a cada gênero; b) discursos e enunciações: a dominação masculina é constantemente discursivizada em diversos contextos, como na mídia, na educação e nas relações interpessoais. Isso contribui para a retificação e naturalização da posição patriarcal-viril; c) instituições e práticas: a família, a escola e o Estado desempenham um papel crucial na perpetuação do patriarcado, transmitindo valores e ensinamentos que reforçam a

dominação masculina. Práticas como a divisão sexual do trabalho, a violência contra as mulheres e a negação dos direitos reprodutivos também são frequentemente associadas ao patriarcado.

O dispositivo do patriarcado produz diversos efeitos de poder-saber na sociedade, como o que vimos na relação dos rizomas hegemônicos: virilidade, paternidade e eficácia. A história da composição e da relação da masculinidade ao patriarcado no futebol brasileiro é essencial para compreendermos as condutas e práticas discursivas que os sujeitos constroem em suas existências. O patriarcalismo, assim, é um dispositivo da ordem do visível e do enunciável. Em termos do visível, teríamos a instituição do futebol. Nela, vemos os jogadores, os seus corpos, as suas práticas, os seus lances, os seus dribles, suas táticas, os seus movimentos, as suas orientações em campo. Em termos do enunciável, o dispositivo atua nessa instituição que é o futebol com o seu histórico, produzindo enunciados. Para Deleuze (1986),

o visível não é o enunciável. Falar não é ver. De modo que o entrelaçamento das duas formas é uma verdadeira batalha e só pode ser concebida como abraço, corpo a corpo, luta. No fim das contas, praticamente, não é isso o que interessa a Foucault e o que explica muito do seu estilo? Ou seja: tudo se passa como se para ele se tratasse um pouco de ouvir gritos sob o visível e, inversamente, arrancar das palavras cenas visíveis. Relâmpagos sob as palavras, gritos sob o visível, abraço perpétuo de ambos. (DELEUZE, 1986, p. 4)

Para expandir essa visão, o autor comenta que:

[..] mesmo que se diga, são relações de batalha, o que torna possível o corpo a corpo, como é possível o abraço, visto que ambas as formas são irreduzíveis? A resposta, nesse quarto ponto, não pode ser outra coisa: deve haver uma relação entre as duas formas sem relação, a visível e a enunciável, luz e linguagem. É preciso que haja uma relação entre essas duas formas não relacionadas; logo, a relação só pode vir de outra dimensão, a qual fará surgir a relação na não relação entre as duas formas. Insisto porque será muito importante para nós, mesmo antes de entendermos do que se trata. Não tenho escolha, é preciso que essa outra dimensão seja informal e não estratificada, caso contrário ela não seria uma resposta para o problema. É preciso que essa dimensão seja diferente daquela do saber. (DELEUZE, 1986, p. 6)

Deleuze argumenta que deve existir uma relação entre essas duas formas “sem relação”. Essa não é direta nem evidente, mas necessita de uma "outra dimensão". Esta dimensão emergiria para permitir uma ligação na aparente desconexão entre o visível e o enunciável. A "outra dimensão" mencionada deve ser informal e não estratificada. Em

termos deleuzianos, isso sugere uma dimensão que não está rigidamente organizada ou hierarquizada, uma dimensão de fluidez e multiplicidade. Tal dimensão seria diferente do saber convencional, que tende a categorizar e fixar relações de maneira estática. Essa informalidade permite uma flexibilidade necessária para mediar entre o visível e o enunciável. É aqui que ressaltamos a noção da masculinidade como um enunciado rizomático, visto que, assim como no percorrer dessa pesquisa já exposto, o rizoma é composto por uma multiplicidade de elementos e conexões, sem hierarquia ou ordem fixa. Diante disso, analisemos a sequência enunciativa a seguir que trata sobre os corpos controlados e a resistência em relação ao futebol feminino.

SE12: Futeboleiras: corpos controlados e resistência

Futeboleiras: corpos controlados e resistência

Para o patriarcado, mulheres deveriam praticar esportes de pouco impacto, para manter a beleza e preparar-se para maternidade. Futebol seria “violento demais” para elas. Por isso, igualdade no esporte é batalha importante do feminismo

OUTRASPALAVRAS

FEMINISMOS

por Sara Rauch

Publicação 08/07/2019 às 14:13 - Atualizado
08/07/2019 às 17:00

Fonte: <https://outraspalavras.net/feminismos/futeboleiras-corpos-controlados-e-resistencia/>

O artigo “Futeboleiras: Corpos Controlados e Resistência” publicado no Outras Palavras aborda a relação entre gênero, futebol e controle social. O dispositivo patriarcal ao atuar em um espaço predominantemente masculino, exerce um controle sobre os corpos das mulheres.

Conforme enuncia o artigo, as futeboleiras enfrentam normas rígidas de feminilidade, vestimenta e comportamento nos estádios e campos. O poder, para Foucault, não é apenas repressivo; mas também é contestado e subvertido. Assim, elas resistem ao patriarcado ao ocupar espaços, desafiar estereótipos e reivindicar sua paixão pelo esporte.

A genealogia foucaultiana nos leva a questionar como as relações de gênero foram historicamente possíveis. No futebol, a genealogia associa-se a noção de que o patriarcado se manifesta nas estruturas institucionais, nas publicações midiáticas e nas práticas cotidianas. Foucault, em sua teoria, desnaturaliza o poder, ou seja, questiona sua inevitabilidade. As futeboleiras (em suas práticas) desafiam a naturalização do domínio masculino, reforçando a autonomia sobre os seus corpos e suas paixões.

A pressão por desempenho físico, a objetificação do corpo feminino e a invisibilidade das conquistas das mulheres são exemplos de como essas normas operam para disciplinar e controlar as jogadoras. A feminilidade tradicional no futebol feminino se manifesta na objetificação e na instrumentalização do corpo da jogadora. O corpo é visto como uma ferramenta para garantir o sucesso profissional, a beleza física e a atração do público masculino.

Mas, afinal, como isso afeta a concepção das masculinidades no futebol? No caso da comparação com o futebol feminino, o discurso hegemônico define o esporte como um espaço masculino, relegando as mulheres a posições secundárias e marginalizadas, porém ressaltando a valorização dos homens no que tange o aspecto neocapitalista financeiro. Pelo fato de se ter uma associação ao valor monetário, nota-se que os jogadores de futebol passam a ter privilégios financeiros desde muito cedo na carreira, chegando a alçar valores “orbitantes”, antes mesmo de completarem a maioridade. Esse desejo impulsivo realça-se na sociedade, uma vez que no imaginário coletivo, seja pela memória coletiva, toda criança, intermediada pela concepção da masculinidade associada ao sucesso, sonha em ser jogador, por ser o caminho mais “vanglorioso”. Conforme destaca o CEDECA (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Yves de Roussan):

Esses jovens desportistas apontam dois fatores como os principais responsáveis pela sua adesão à prática do futebol: as brincadeiras de infância e a televisão. No primeiro caso, mencionam tanto brincadeiras de rua, com vizinhos, amigos, irmãos e primos, como experiências de observação e brincadeira com os pais. Além disso, alguns jovens destacam a influência do hábito de assistir a jogos e campeonatos pela televisão. Entre aqueles que já atuam como jogadores das divisões de base, são raros os atletas que descrevem suas trajetórias no futebol como resultado do desejo dos pais. A maioria garante que investe no esporte por desejo próprio. A maior parte dos dirigentes de clubes e todos os treinadores entrevistados confirmam essa declaração, ressaltando que, sem motivação interior, não há desempenho satisfatório dos atletas. (p. 1)

Entendemos, portanto, por uma leitura foucaultiana, que essa noção mora no imaginário social de um acúmulo de enunciados sobre o futebol que está relacionado ao sucesso e à eficácia. Não só o prestígio social e o prestígio financeiro do futebol masculino estão associados à masculinidade, porém a ideia da relação de poder também emerge nesse tópico, visto que por ter dinheiro, fama, uma vida de luxo, isso reforça a ideia de um ressentimento masculino para uns com os outros, no sentido de que há uma criação de uma esfera do poder (em que as mesmas camadas acabam criando um plano exterior de competitividade), isto é, além da competitividade dentro de campo, de um time para outro, há também a própria estrutura do poder entre os times e entre os jogadores, de modo não só a criar uma pressão fortemente associada ao *status* do “líder” ou que popularmente seria denominado como “macho-alfa”, como uma ideia de que é preciso suceder a qualquer custo.

Assim constitui-se o enunciado da jornalista Milly Lacombe sobre a escolha de melhores e piores ser um retrato da masculinidade tóxica no futebol:



Pedrinho, comentarista do Grupo Globo
Imagem: Reprodução/SporTV

Fonte: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/milly-lacombe/2023/01/03/escolha-de-melhores-e-piores-e-retrato-da-masculinidade-toxica-no-futebol.htm#:~:text=O%20macho%2Dalfa%20%C3%A9%20aquele,da%20sujei%C3%A7%C3%A0o%20dos%20outros%20machos.>

De acordo com o artigo de Milly Lacombe, o fato de “Pedrinho”, ex-jogador de futebol e símbolo de uma masculinidade “alfa” ter sido eleito o melhor comentarista de 2022 pelos jogadores do campeonato brasileiro “diz muito sobre o papel da masculinidade tóxica e frágil no futebol”. Casagrande e Ana Thais foram eleitos os piores comentaristas. Não distante, um sujeito que aborda a política em seus comentários e uma mulher. Na visão da jornalista é necessário entendermos:

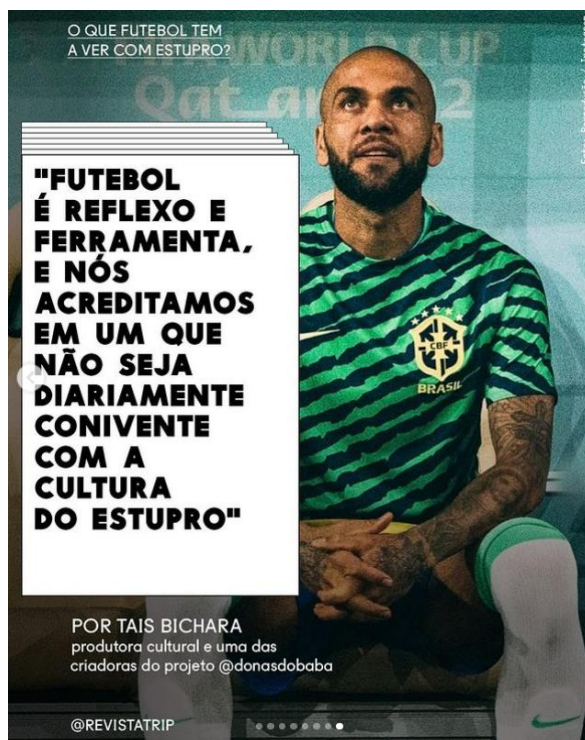
[...] que não estamos falando de Pedrinho, mas do que ele simboliza. Está em Pedrinho a imagem do macho dominante, aquele que é celebrado, reverenciado e amado pelos outros machos da turma. Ter Pedrinho em uma transmissão é ver essa celebração ao vivo. Falam do biceps, da malhação, de como ele está forte, de como os jogadores que estão em campo o adoram, de como é talentoso, de como manda bem, de como sabe o que diz, de como entende do jogo etc etc etc. Pedrinho não passa por uma transmissão sem ser saudado em seu papel de líder másculo, viril, potente, inteligente, invejável.

Isso tudo, associado à constituição social do futebol no Brasil, torna-se um “prato cheio” para um ambiente fértil de masculinidades tóxicas, viris, fálicas e patriarcados. Ao expandir a discursivização, no artigo, a autora enuncia:

É aqui que entra o pensamento da filósofa estadunidense Marilyn Frye sobre a cultura da heterossexualidade: "Dizer que um homem é heterossexual implica somente que ele mantém relações sexuais exclusivamente com o sexo oposto. Tudo ou quase tudo o que é próprio do amor, a maioria dos homens heterossexuais reservam a outros homens. "As pessoas que eles admiram, respeitam, adoram, imitam, idolatram e com quem criam vínculos mais profundos; a quem estão dispostos a ensinar e com quem estão dispostos a aprender. Aqueles cujo respeito, reverência e amor eles desejam, esses são, em sua maioria esmagadora, outros homens. "Em suas relações com mulheres, o que é visto como respeito e gentileza, generosidade ou paternalismo, o que é visto como honra, é a colocação das mulheres em uma redoma. "Das mulheres, eles querem devoção, servitude e sexo. A cultura heterossexual masculina é homoafetiva: ela cultiva o amor pelos homens". Não por acaso, são quase todos adeptos do extremismo bolsonarista, um projeto de sociedade que reproduz esses valores em grau máximo. Também não por acaso, elegem pessoas como Casagrande e Ana Thais como os piores comentaristas. Ao fazerem isso, não estão avaliando o papel profissional de ambos, mas o componente de traição a esse culto à masculinidade tóxica que existe em Casão e a ameaça que Ana Thais representa a esse projeto de sociedade. A masculinidade, antes de qualquer coisa, é um pacto entre homens - e Casão e Ana não fazem parte desse clube. Para nossa sorte. Seria preciso alargar o debate para entender do que se trata.

Essa manutenção da masculinidade tóxica e da masculinidade hegemônica, no entanto, abrem espaço para uma perspectiva da cultura do estupro relacionada ao futebol e a sua prática futebolística contemporânea.

SE13 – O futebol é reflexo e ferramenta e nós acreditamos em um que não seja diariamente conivente com a cultura do estupro



 revistatrip • Seguir


 revistatrip Ex-goleiro Bruno, Robinho, Daniel Alves... a extensa lista de jogadores acusados (ou condenados) por crimes contra mulheres, principalmente os sexuais, é uma das provas de que devemos pensar sobre como o futebol tem, sim, muito a ver com a cultura do estupro. "Quando um jogador é condenado pelo assassinato da mãe de seu filho, outros são condenados por estupro, agressões ou violências e seguem sendo contratados por clubes e idolatrados pelo público, o futebol passa uma mensagem: a segurança e, no fim, a vida das mulheres não é tão importante e intocável quanto a carreira de um homem", escreveu a produtora cultural baiana Tais Bichara (@bichara.tais), em 2020. Uma das criadoras do projeto @donasdobaba, série documental que aborda as diferentes relações entre mulheres e o futebol, ela refletiu sobre como o esporte mais popular do Brasil revela uma sociedade que normaliza comportamentos que encorajam a agressão masculina e apoia a violência de gênero. "Quando outras pessoas, no vestiário, na bancada do programa de TV, na arquibancada, na mesa de bar ou em qualquer lugar diminuem a gravidade dessas situações, dão risada ou fingem que não viram acontecer, a cultura do estupro continua operando e normalizando violências". Arrasta pra conferir essa reflexão.

Foto: Reprodução / Instagram

A cultura do estupro, um conjunto de normas e atitudes que normalizam e perpetuam a violência sexual contra mulheres, se manifesta de diversas formas na sociedade, inclusive no futebol. Embora o esporte em si não seja a causa direta dessa cultura, elementos presentes nele, como o comportamento dos torcedores pode contribuir para a perpetuação dessa cultura nociva.

Cânticos e comentários ofensivos direcionados às mulheres nos estádios de futebol são exemplos de como a cultura do estupro se manifesta nesse contexto. Essas manifestações sexistas objetificam e degradam as mulheres, reforçando a ideia de que elas são objetos a serem dominados e assediados. A cobertura midiática do futebol também pode contribuir para a cultura do estupro. Ao enfatizar a sexualização das jogadoras ou a sua marginalização em relação aos jogadores masculinos, reforça-se a hierarquia de gênero e a dominação masculina, criando um ambiente propício para a violência contra as mulheres.

O visível e o enunciável são atravessados nesses enunciados sobre essas dinâmicas. O visível refere-se aqui ao que pode ser diretamente observado nos estádios e nas transmissões de enunciados midiáticos: os cânticos, os comportamentos dos torcedores, a forma como as jogadoras são filmadas e apresentadas. Essas imagens visíveis correlacionam-se a certos estereótipos e atitudes sexistas. Já o enunciável envolve as narrativas e discursos que circulam ao redor dessas imagens – os comentários dos jornalistas, as falas dos torcedores e as declarações oficiais dos clubes e federações. Esses discursos articulam e reforçam a objetificação e marginalização das mulheres, consolidando a cultura do estupro.

A relação entre o visível e o enunciável, então, é mediada por uma dimensão informal e não estratificada – o rizoma. Nesse contexto, o rizoma pode ser entendido como a rede complexa e interconectada de práticas e discursos que tornam possível a manutenção da cultura do estupro associada ao futebol. Não existe um centro ou hierarquia clara nessa rede; em vez disso, há uma multiplicidade de interações que perpetuam essas dinâmicas opressivas. Assim, isso se manifesta tanto nas imagens visíveis dos estádios, quanto nos discursos enunciáveis da mídia, e a relação entre essas duas formas é mantida por uma teia rizomática de poder e dominação relacionada aos discursos hegemônicos e suas ramificações, como vistas anteriormente.

O caso do jogador Daniel Alves, preso na Espanha por abuso sexual, é um exemplo dessa manutenção da violência no futebol. Esse caso ressoa um lembrete de que a cultura do estupro não se limita aos estádios, mas permeia toda a sociedade. Além disso, está intrinsecamente ligada à masculinidade hegemônica, que valoriza a força, a agressividade e a dominação sobre as mulheres, elementos fortes do aspecto de enunciabilidade dessa instituição, que é o futebol e de como o patriarcalismo o constitui e produz os corpos que nele são legitimados. Essa masculinidade tóxica alimenta a violência sexual e limita as possibilidades de práticas de resistência, pois os homens que se identificam com ela se sentem pressionados a demonstrar "machismo" e "superioridade" através da violência.

Como já observado nesta seção, o futebol é, muitas vezes, um lugar para a manifestação das masculinidades tóxicas e abusivas, as quais ainda se mantêm, mas encontram uma resistência oposta, feita pelos homens que se aproximam com masculinidades hegemônicas, tal como apresentado nos perfis midiáticos em tela. O termo "masculinidades" é utilizado apenas para reforçar a ideia de virilidade quando nos deparamos com o conceito de masculinidades tóxicas ou velhas masculinidades. Nesse contexto, esse termo acaba sendo utilizado para enfatizar e reforçar o poder da virilidade associada ao referido conceito, em uma espécie de fusão do visível com o enunciável dessa formação histórica que é o futebol, no seu entrecruzamento com o patriarcalismo. Ele se torna um instrumento do poder que sustenta normas e estereótipos, limitando a diversidade de experiências e do surgimento/manutenções de outras masculinidades possíveis.

Apesar dessa limitação, surgem discursos de ruptura, uma vez que alguns enunciados sugerem o apagamento da história de Daniel Alves:

SE12 – Daniel Alves é retirado da lista de “lendas” do Barcelona

Na obra de Courtine (1981), o conceito de "memória discursiva" se distingue da memorização psicológica explorada pela psicolinguística. A memória discursiva transcende o âmbito individual, mergulhando na existência histórica do enunciado dentro de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos. Permeados por uma perspectiva foucaultiana, nos estudos sobre esse campo associado/domínio associado,

entende que ao contrário da memória cognitiva, que reside no indivíduo, a memória discursiva se encontra no domínio da ordem social. Sua formulação se dá através da regularização dos sentidos e pela repetição de enunciados em diferentes contextos. Essa repetição gera uma memória que se estabelece socialmente, mesmo que não seja reconhecida como tal pelo sujeito discursivo. Ou seja, a memória discursiva não é um conhecimento consciente, mas sim um produto da sedimentação de enunciados ao longo do tempo. Na visão do filósofo: “aos linguistas que consideram o sujeito-falante como sujeito-origem, pleno e sem memória, as teses sobre existência histórica e material das ideologias lembravam a eles que há sempre já um discurso, ou seja, o enunciável é exterior ao sujeito enunciator” (COURTINE, 1999, p. 18)

Assim, partindo desse conceito, entendemos que a masculinidade passa por esse processo de memória quando resgata na repetição dessas práticas discursivas de sedimentação de enunciados, discursos que estão relacionados à hegemonia, à virilidade, à violência e a eficácia. Aqui, retomemos o dispositivo do patriarcalismo, com sua rede heterogênea de discursos, instituições, leis, medidas administrativas, proposições filosóficas e morais, ou seja, elementos que juntos sustentam e reproduzem certas relações de poder. Assim, o dispositivo se manifesta através das práticas discursivas e visíveis que reforçam a masculinidade hegemônica, como já destacamos durante a seção.

Isso posto, analisemos a sequência enunciativa a seguir em que Daniel Alves é retirado da lista de lendas do Barcelona, clube pelo qual jogou como lateral.

DANIEL ALVES É RETIRADO DA LISTA DE 'LENDAS' DO BARCELONA

Após a condenação por estupro, o jogador Daniel Alves foi retirado da lista de 'lendas' do portal oficial do time catalão

REDAÇÃO PUBLICADO EM 26/02/2024, ÀS 15H47



Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/daniel-alves-e-retirado-da-lista-de-lendas-do-barcelona.phtml>

Após a condenação do jogador Daniel Alves por estupro, diversos foram os enunciados relacionados a uma necessidade de um apagamento histórico em relação à figura do jogador e de seus feitos. Do ponto de vista da arqueologia, a memória é trabalhada a partir do campo associativo e domínio associado.

A memória aqui corresponde a concepção de masculinidade como um rizoma da violência, que diz: o estupro deve ser apagado da história. Para isso, diversos são os enunciados contrários a este que pregam que os feitos do jogador não devem ser apagados, pois não dizem respeito ao lado pessoal do sujeito.

Conforme entrevista concedida pela BBC, segundo Leda Maria da Costa, pesquisadora do futebol: “o caminho talvez não seja simplesmente apagar a memória do jogador, mas mencionar sem fazer homenagem e explicando tanto o papel no time quanto o crime cometido”.

"É difícil desmistificar a imagem do Robinho para quem o viu dar aquele drible contra o Corinthians (em um jogo contra de 2015). Muita gente foi levada a torcer para o Santos por causa do Robinho". Milly Lacombe, jornalista esportiva, assinala que "os clubes precisam desses espaços de memória para que as pessoas se eduquem". De acordo com ela, "apagar totalmente a pessoa também pode ser uma forma de fingir que a violência não existe".

A imagem heroica de Daniel Alves, instaurada ao longo de sua vitoriosa carreira, sofreu um abalo irreversível com a condenação por estupro. A memória heroica, que celebra os feitos dos jogadores e os eleva a um status de ídolos, se confronta com a necessidade de reconhecer e punir crimes graves. Essa ruptura abre caminho para questionar a idolatria no esporte e a naturalização de comportamentos abusivos

O "apagamento histórico" de Daniel Alves marca a relação entre memória, justiça e responsabilidade. A "sugestão" em relação às práticas discursivas de apagar o jogador da história, como se ele nunca tivesse existido, pode silenciar a memória do crime e negar a necessidade de enfrentá-lo.

A memória, nesse caso, não é um espaço passivo de celebração, mas sim um campo de batalha, em que diferentes posições se confrontam e disputam o significado do passado. A memória crítica, que reconhece as contradições da história, constitui-se a partir dessa relação de forças e saber-poder entre o apagar e o manter, ao fazer ressoar as descontinuidades e continuidades do discurso em relação, nesse caso, à masculinidade violenta.

SE15 - "Rodada Tripla": o que é masculinidade?

Apesar do exercício do poder do patriarcado no futebol brasileiro, majoritariamente e historicamente ligado à figura masculina, algumas são as práticas discursivas que se distanciam da masculinidade engendrada e retrógrada. Isso atesta a ideia central dessa dissertação, a de que a masculinidade é um discurso atravessado por continuidades e descontinuidades. Tendo em vista que, conforme afirmam Deleuze e Guattari (1980), os enunciados rizomáticos possuem uma “linha de fuga”, podemos considerar que a masculinidade em suas descontinuidades históricas permite espaços em que é possível se distanciar da hegemonia, o que pode produzir outras formas de ver e de enunciar essa prática, seus jogadores e seus corpos.

No que tange às linhas de fuga de um dispositivo, consideramos as palavras desses autores:

Como se uma linha de fuga, mesmo que começando por um minúsculo riacho, sempre corresse entre os segmentos, escapando de sua centralização, furtando-se à sua totalização. [...]. Diz-se erroneamente (sobretudo no marxismo) que uma sociedade se define por suas contradições. Mas isso só é verdade em grande escala. Do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga, que são moleculares. Sempre vaza ou foge alguma coisa [...]. (DELEUZE e GUATTARRI, 1980, p. 103)

Jornalista do Estadão e autor do livro "BICHA! - Homofobia estrutural no futebol", João Abel lembra que o futebol é sempre posto na "caixinha" social destinada ao sexo masculino. Para o imaginário cultural, há um efeito claro: prevalece a ideia de que o esporte é dos homens masculinizados, o que afeta mulheres, negros e até torcedores LGBT.



Bahia é um dos clubes que trabalha a masculinidade tóxica nas categorias de base — Foto: Divulgação/E. C. Bahia

Fonte: <https://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/rodada-tripla-o-que-e-masculinidade-veja-como-clubes-da-elite-abordam-conceito-na-base.ghtml>

A reportagem "Rodada tripla: o que é masculinidade? Veja como clubes da elite abordam conceito na base", publicada no site do Globo Esporte em 14 de abril de 2024, enuncia formas de descontinuidade da masculinidade em relação à manutenção das formas engendradas e retrógradas destas. O futebol, como um microcosmo da sociedade, reproduz e reforça diversos discursos sobre a masculinidade. A reportagem destaca a iniciativa de alguns clubes brasileiros da Série A em promover debates sobre o tema na categoria de base, desconstrói modelos tradicionais e permite que novas formas de ser homem no esporte sejam possíveis, ou seja, formas outras e mais inclusivas da ordem do

visível e do dizível nas relações de poder-saber que perpassam o futebol, o que pode ser uma forma de instituir outras memórias acerca dessa prática.

Há, ainda, uma menção à crítica à cultura da virilidade, que valoriza a força física e a repressão das emoções. Essa visão tradicional da masculinidade, presente no futebol, pode levar à violência, à agressividade e à supressão da individualidade. Há o destaque da necessidade de questionar a obsessão pelo sucesso e pela competitividade, que muitas vezes leva à pressão excessiva, à ansiedade e à desvalorização do trabalho em equipe. Essa cultura competitiva pode ser prejudicial ao desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens jogadores, como vimos exposto no rizoma da eficácia. A iniciativa dos clubes em promover debates sobre masculinidade abre espaço para o diálogo, a reflexão crítica e o desenvolvimento da empatia. Através dessas ações, os jovens jogadores podem ser encorajados a expressar suas emoções e desenvolverem relações saudáveis.

Essas reflexões ancoram-se, como vimos defendendo, no conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (1980), que nos permite compreender as masculinidades no futebol como um campo de forças em constante transformação. As iniciativas dos clubes, as críticas à cultura da virilidade e a configuração de novas formas, da ordem do visível e do enunciável, de ser homem no esporte marcam as múltiplas linhas de fuga que compõem esse campo. A análise foucaultiana nos permite ir além da reportagem, contextualizando as masculinidades no futebol nas relações de poder que permeiam a sociedade.

O discurso tradicional da masculinidade, presente no futebol, pode ser visto como uma forma de reafirmar a hegemonia de uma classe social, de um grupo étnico ou de uma orientação sexual, perpetuando desigualdades e injustiças. Ao reconhecer as relações de poder que sustentam a masculinidade tradicional no futebol, podemos também identificar as estratégias de resistência e subversão que desafiam esse modelo. Conforme afirma Brito (2021):

O esporte no Brasil, de maneira geral, pode ser considerado uma instituição falocêntrica. A noção derridiana nomeada como falocentrismo articula as unidades do logocentrismo – elemento básico sobre o qual se construiu o pensamento ocidental centrado em uma suposição metafísica da superioridade do logos platônico, isto é, da razão – e falocentrismo, termo proposto pelo psicanalista Jacques Lacan para designar o simbolismo greco-freudiano e o privilégio do Phallus (representação do pênis) como libido (energia sexual) de essência masculina (DERRIDA; Elisabeth ROUDINESCO, 2004). Derrida (2004, p. 349) destaca ainda que “importa reconhecer o poderoso fundamento falocêntrico que condiciona quase toda nossa

herança cultural”. Nesse sentido, as estruturas sociais, interpretadas pelo filósofo como falocêntricas, consideram o significante masculino como ponto de referência e centro da racionalidade que se sustentam pela ideologia patriarcal e sexista de exclusão do feminino, enfatizando o poder hierárquico do sujeito masculino falante, presente, senhor de sua própria razão e que tem o poder de dizer o que é o mundo (BRITO, 2021, p. 3)

Dessa forma, existe uma certa ruptura quando clubes estão investindo em debates e discussões sobre a masculinidade no Brasil. As descontinuidades do discurso são aqui reforçadas por práticas e enunciados dos clubes em relação, na visão deles mesmos, um grave problema social: a ausência de se discutir a hegemonia da masculinidade tóxica. Em sua obra “A arqueologia do saber”, Foucault se propõe a desvendar as camadas discursivas que sustentam as relações de poder na sociedade. Nessa esteira, quando analisamos a iniciativa dos clubes de discutir a masculinidade, podemos identificar uma fissura no discurso patriarcal que permeia o futebol, o que abre espaço para possibilidades de masculinidades distintas a essa.

Nessa mesma linha, a sequência enunciativa seguinte nos faz ressoar a descontinuidade desse discurso que é atravessado pelo dispositivo do patriarcalismo. A masculinidade é mesmo um campo amplo e que nos permite pensar:

SE16 - Meninos anti-machistas

Pautando-nos, ainda, na existência de linhas de fuga Deleuze e Guattari, (1980) encontramos movimentos didáticos e sociais que ensinam aos jogadores, sejam crianças, adolescentes ou até mesmo adultos, as discussões sobre novas formas de masculinidade distantes das hegemônicas (atravessadas por rizomas hegemônicos). É o caso da fundação colégio Vasco da Gama, vinculado ao time de futebol do mesmo nome, que, historicamente, tem uma representatividade muito forte em relação à concepção da masculinidade e futebol:

"Meninos anti-Machistas"

Um dos parceiros do Vasco da Gama é Marcelo Correia, um dos autores e idealizadores da "Coleção MaM Meninos anti-Machistas". No ano passado, ele ministrou um ciclo de encontros com os alunos do colégio do clube.

- Falo com eles abertamente sobre assuntos que são tabu. Quando eles se sentem à vontade começam as mudanças. A gente fala de masculinidade, paternidade, tudo isso desconstruindo a imagem de homem que a sociedade impõe. A gente tipifica as violências, trabalha a sexualidade, fala sobre a cultura do assédio e do estupro - conta Marcelo ao *ge*.



Marcelo com moradores da Barreira do Vasco — Foto: Vasco da Gama

Fonte: <https://ge.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2024/03/25/colegio-do-vasco-aborda-masculinidade-com-alunos-e-leva-temas-atuais-para-debate.ghtml>

De acordo com o entrevistado e professor da escola no movimento social, Marcelo Correia, destaca na reportagem do Globo Esporte que:

[...] o clube busca levar o assunto para fora das salas de aula e, neste mês, Marcelo teve um encontro com a comunidade da Barreira do Vasco em São Januário. Os pais levaram os filhos para uma contação de histórias que aborda o tema da masculinidade.

- Cheguei de unha pintada, girassóis na mão. No começo eles fazem piadas, mas no fim estão todos com as flores na mão e me ajudando a contar a história. Ideia é tirar o garoto desse lugar de preconceito que ele está inserido desde sempre - declara Marcelo, que destaca a importância de preparar os meninos para se posicionar e ajudar a educar familiares e amigos:

- O homem que violenta uma mulher é parte da nossa vida, é alguém da nossa família, é amigo de alguém. Os homens são estimulados a isso desde crianças. Todo menino nasce num rio que já está envenenado. Meu trabalho é de conscientização geral sobre o papel do homem. A criança, muitas vezes, nunca viu um homem falando sobre aquilo. (CORREIA, 2024)

A iniciativa do Colégio do Vasco em abordar a masculinidade com seus alunos se configura como um ponto de inflexão na relação entre educação e novas masculinidades. Sob a lente dos estudos foucaultianos, podemos perceber os enunciados relacionados às descontinuidades e às continuidades presentes na reportagem, desvendando as quebras do discurso patriarcal e as possibilidades de ruptura com essa estrutura de poder. Notemos um rompimento no discurso patriarcal que permeia a educação, que se manifesta na disposição da instituição em questionar a hegemonia da masculinidade tradicional, abrindo espaço para novas possibilidades sobre o que significa ser homem e a constituição da masculinidade, em uma tentativa de reconfigurar uma memória, pelo acesso a enunciados de outros domínios associativos que negam elementos discursivos da masculinidade ancorada no patriarcalismo.

A reportagem destaca a abordagem de temas como violência contra a mulher, homofobia e racismo nas aulas sobre masculinidade. O colégio atende cerca de 140 alunos, a maioria jogadores da base e atletas de outras modalidades. A missão é mudar a cultura, ensinando os meninos a lidar com mulheres e a identificar e repreender condutas inadequadas. Com base em Connell e Messerschmidt (2013), ressaltamos que:

As masculinidades não são entidades fixas encarnadas nos corpos ou nos traços da personalidade dos sujeitos; as masculinidades são configurações normativas de práticas que são realizadas nas relações sociais e, dessa forma, podem se diferenciar e serem reformuladas de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular. (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 250)

De acordo com Rafael Freire, jornalista do portal Medium:

[...] é preciso que haja aqueles e aquelas que questionem a cultura do futebol e seus valores. E é necessário que isso parta de todos os atores sociais possíveis dentro dessa realidade. Que haja mais torcidas como a do [Ceará](#), que praticamente barrou a contratação do goleiro Jean pelo clube. Que nasçam mais democracias contra regimes políticos que venham de encontro ao interesse do povo. Que existam mais [Bahias](#), se posicionando fortemente contra racismo, homofobia, violência doméstica, abuso sexual e abandono paterno. Que propaguem-se inúmeras [torcidas Queer](#) ocupando espaços merecidos e legítimos dentro das Arenas. O trabalho de reconstrução cultural é árduo, mas é preciso, para que a pedagogia do futebol não seja necessariamente tóxica. O esporte tem o potencial de ser transformador e é uma pena ainda não estarmos usando essa transformação de uma maneira saudável. Se podemos ensinar valores à sociedade com o futebol, precisamos mudar o que está vigente.

Respaldados pelo enunciado exposto, torna-se importante abordar as diversas expressões de masculinidade presentes na cultura do futebol, assim como considerar a presença de um ideal alienante sobre os indivíduos e suas concepções de masculinidade. O futebol no Brasil, como o esporte predominante e uma poderosa ferramenta de mobilização cultural e social, desempenha um papel significativo na transmissão de valores, papéis sociais e modos de vida. Iniciativas como essas podem descontinuar o enunciado da masculinidade hegemônica, fortemente enraizado no contexto cultural. Essa possibilidade de extrair enunciados de descontinuidade ao que foi estabelecido como um regime de verdade nos é dada pela ótica foucaultiana, mediante a qual descrevemos o algo a mais, relacionado à possibilidade de condição do enunciado e que o torna irreduzível à língua.

Nessa linha de raciocínio, a configuração de um número de camisa pode ser entendida como um enunciado para analisarmos essa relação de poder sobre as diversas expressões de masculinidades possíveis.

SE15 – Copa do mundo: Seleção Brasileira terá camisa 24 pela primeira vez na história

Ao retomarmos os rizomas abordados na primeira seção, um dos assuntos recentes e que podem ser discutidos na composição de um estudo arqueogenológico é o caso da camisa 24, quando ela é relacionada à seleção brasileira. Historicamente, o número 24 esteve associado à homossexualidade e frequentemente atribuído ao jogo do bicho. Nesse jogo, o número 24 é simbolicamente associado ao termo “veado”, que é uma gíria utilizada, pejorativamente, para se referir a homens gays. Embora o jogo do bicho tenha perdido popularidade, essa conexão persiste como parte da cultura e do imaginário social.

Conforme explicação retirada do blog Iblogay, que é uma página independente e associada a esse lugar de fala,

Por serem os animais distribuídos em ordem alfabética, o veado no jogo do bicho recebeu a numeração '24'. Mas o que poucos sabem é que esse número foi erroneamente colocado ao animal errado, sendo a vaca quem deveria na realidade receber tal enumeração, e o veado ser o último, ou seja, 25. Mas isso não foi um início de uma comparação, pois já havia o fato do veado (um animal gracioso que saltita em delicados gestos) levando os 'comediantes' a assemelharem anteriormente dando assim esta ligação com os GAYs. (Iblogay, 2019)

Desse mesmo blog, selecionamos mais estes dois excertos:

Além das notórias características, sabe-se que os veados costumam ter relações sexuais com parceiros de mesmo sexo. Logo surgiu a “comparação”.

Outras comparações surgem então, aumentando ainda mais a expansão deste borburrinho, que é bastante comum, como por exemplo o suposto som de 24, que para os chamados ‘mentes poluídas’ é muito similar a “vim de quatro” (como sendo uma posição sexual), que se agrava ainda mais ao fato de ser a forma de que estes animais tem de se locomoverem, por ser um quadrúpede. (Iblogay, 2019)

Com base nas noções vistas, entendemos que o número 24, dessa maneira, se constitui, por si só, como um enunciado, visto que carrega toda uma associação de saberes e poderes mediante a sua discursivização. Permeada por toda essa percepção social no

imaginário coletivo, os enunciados e as práticas discursivas que continham a “camisa 24” na seleção ou em clubes eram mínimos, quando não reduzidos a zero:

Copa do Mundo: Seleção Brasileira terá camisa 24 pela primeira vez na história

O número nunca tinha sido utilizado por conta de uma associação homofóbica, que foi contestada pelo presidente da CBF



Camisa da Seleção Brasileira: edição de 2022 conta com gravuras que remetem às onças pintadas brasileiras. (Nike/Divulgação)

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF), confirmou nesta quinta-feira, 10, que um dos jogadores da **Seleção Brasileira de Futebol** irá utilizar a camisa de número 24 na **Copa do Mundo Fifa** no Catar.

Fonte: <https://exame.com/esporte/copa-do-mundo-selecao-brasileira-tera-camisa-24-pela-primeira-vez-na-historia/>

Foi somente em 2022, na última copa do mundo, que a seleção brasileira de futebol aderiu à utilização da camisa número 24. Além disso, o artigo enuncia que apenas 4 dos 20 times brasileiros que estavam na Série A (de maior prestígio) também contêm a camisa 24 em suas relações de uniforme. Essa “movimentação positiva” da seleção brasileira em romper com essa prática discursiva retrógrada, no entanto, fora motivada por uma causa de ação na Justiça contra a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2021. O "Grupo Arco-Íris de Cidadania LGBT" foi à Justiça e entrou com um processo contra a CBF exigindo que Douglas Luiz passasse a usar a camisa 24 ao invés da 25. A ação tramitou nos tribunais durante quase toda a Copa América (um ano antes da copa do

mundo), com um juiz ordenando que a Confederação explicasse por escrito os motivos de nenhum atleta ter sido inscrito com o uniforme 24. Conforme afirma o jornalista Francisco de Laurenttism respaldado pela instituição da ESPN:

“No fim das contas, porém, o processo acabou extinto, e o Brasil encerrou sua participação no torneio sem ter que fazer qualquer alteração em sua numeração.”

Valendo-se dos estudos foucaultianos, destacamos que as sociedades são permeadas por discursos que constroem verdades e normas, na concepção da subjetividade dos indivíduos. No caso do futebol, a heteronormatividade se configura como um discurso dominante, estabelecendo uma associação entre o número 24 e a homossexualidade, ao levar a sua exclusão do universo da Seleção Brasileira. A decisão de utilizar a camisa 24 na Copa do Mundo de 2022 é uma ruptura com essa norma excludente, desafiando o discurso da heteronormatividade e promovendo a visibilidade da comunidade LGBTQIA+. Essa ruptura abre espaço para novas subjetividades, que não se limitam às hegemonias tradicionais de masculinidade e sexualidade no futebol. A decisão da CBF de utilizar a camisa 24 não é, entretanto, um ato neutro, mas uma estratégia de poder que visa reposicionar a instituição em relação à comunidade LGBTQIA+ e à sociedade mais progressista, de modo geral.

Essa realidade faz com que discursos contrários a essa perspectiva hegemônica possam ser estabelecidos e discursivizados, é o caso da SE18, em que um grupo LGBT recorreu na justiça para tornar réu jogador que escolheu a camisa 25, ao invés de jogar com a 24.

SE18 – Grupo LGBT recorre na justiça para tornar réu jogador que escolheu a camisa 25, ao invés de jogar com a 24 na seleção

Não muito distante, encontramos com facilidade discursos e enunciados de manutenção que entram em luta com discursos e enunciados de ruptura. A sequência enunciativa a seguir ilustra três comentários em relação ao tema da sequência enunciativa anterior, isto é, a ação judicial que moveu o grupo de minorias contra à CBF.



Grupo LGBT recorre na Justiça para tornar réu jogador que escolheu a camisa 25, ao invés de jogar com a 24 na seleção

direitonews.com.br | julho 06, 2021

NOTÍCIAS

f t w t in

@DireitoNews

lgbt justica jogador camisa

Fonte: <https://www.direitonews.com.br/2021/07/lgbt-justica-jogador-camisa-24-selecao.html>

O artigo descreve o processo que estava em curso sobre a relação da escolha da CBF em não utilizar a camisa 24 no torneio da Copa América de 2021, ou seja, 1 ano antes da tão aclamada copa do mundo, evento de maior prestígio social no mundo em relação ao futebol. A ação baseou-se no argumento de que o número 24 está historicamente associado à comunidade LGBTQIA+ no Brasil, e que sua ausência no sistema de numeração da seleção nacional era uma forma de discriminação. No entanto, as respostas da grande maioria dos comentários do portal de notícia e que estão públicos foram os seguintes:



cRiPpLe_rOoStEr a.k.a. Kamikaze 07 julho, 2021

É um verdadeiro absurdo o que essa associação tenta fazer, pleiteando o desrespeito às liberdades individuais por meio de um patrulhamento ideológico que nada tem a ver com o direito à vida ou com a dignidade humana. Se no exterior acontece de jogadores muçulmanos se negarem a usar o logotipo de patrocinadores vinculados a jogos de azar, álcool ou qualquer outra atividade ou produto que vá contra a religião deles, toma dimensões ainda mais espúrias essa perseguição deliberada à CBF e aos profissionais envolvidos no setor, e também contra a fé cristã seguida pela imensa maioria dos brasileiros e naturalmente a maioria dos jogadores de futebol brasileiros.

Responder



Plácido Oliveira 07 julho, 2021

"Assim, entende-se que a não utilização da camisa de número 24 na seleção brasileira, pelos motivos histórico-culturais anteriormente expostos, é uma alusão e ou referência que ofende imensamente a comunidade LGBTQIA+ [...]"

Ou seja: se o jogador não se identifica com essa comunidade e não quer usar a camisa que, segundo a própria comunidade, faz alusão a ela, seria uma violação ao princípio da dignidade humana, uma vez que vai de encontro com sua individualidade e liberdades individuais. O que vejo nada mais é do que a militância escancarando seu caráter totalitário. Não querem simplesmente respeito: querem enfiar goela abaixo seu estilo de vida, como numa espécie de vingança opressora. Se isso não é neofascismo, não sei mais o que seria.

Responder



Marcio C. Bruzzi 13 julho, 2021

Espero que o magistrado julgue com técnica, justiça e humanidade, ou seja, mande esse Grupo Arco Íris procurar o pote de ouro no fim do arco íris, por não terem o que fazer. Pior é o Advogado que se presta a peticionar uma aberração dessa. Fosse eu o Juiz, ordenaria que ele vestisse a camisa 23,9. Aguardo o processo, caso necessitem, passo minha qualificação "in box".

Fonte: <https://www.direitonews.com.br/2021/07/lgbt-justica-jogador-camisa-24-selecao.html>

Embora os comentadores se identifiquem de maneira pública, vamos nos referir (nos movimentos de análise) como comentaristas 1, 2 e 3.

O primeiro comentário, escrito pelo comentarista 1, critica a utilização da camisa 24 como uma forma de "militância totalitária" da comunidade LGBTQIA+. Segundo Oliveira, a decisão fere a liberdade individual dos jogadores e impõe um "estilo de vida" à maioria dos brasileiros, que são cristãos e heterossexuais. Podemos observar como esse comentário reforça as normas tradicionais de masculinidade, associando-a à

heterossexualidade, religiosidade e individualismo. A ideia de que a camisa 24 é uma "imposição" à maioria dos brasileiros ressoa a crença em uma masculinidade hegemônica que deve ser protegida de "ameaças" externas. O segundo comentário, escrito pelo comentarista 2, defende a utilização da camisa 24 como forma de promover a representatividade da comunidade LGBTQIA+ no futebol. O autor critica a perseguição à CBF e aos jogadores, argumentando que a camisa 24 não ofende ninguém e que a comunidade LGBTQIA+ também faz parte da sociedade brasileira. A análise foucaultiana desses comentários permite que observemos os efeitos de poder-saber advindos da utilização da camisa 24 da Seleção Brasileira, a saber, um possível ponto de ruptura na discussão sobre masculinidade no futebol brasileiro, visto que comentários se referem às diferentes perspectivas (continuidades e descontinuidades) sobre o que significa ser um homem quando relacionado à prática futebolística contemporânea brasileira.

Já do comentário 3, podemos extrair um discurso excludente e homofóbico, que reforça a ideia de que a camisa 24 é um símbolo da comunidade LGBTQIA+ e, portanto, deve ser evitada, o que contribui, a nosso ver, para tornar visível e enunciável o rizoma da virilidade que atravessa e constitui o corpo do jogador de futebol. Essa associação entre o número e a homossexualidade tem ancoragem histórica em uma enunciação que marginaliza e discrimina pessoas LGBTQIA+. O enunciado também evidencia a presença da masculinidade hegemônica, que define o que significa ser um homem de acordo com normas sociais rígidas e excludentes. Essa masculinidade hegemônica associa a homossexualidade à fraqueza e à falta de masculinidade, reforçando o preconceito e a discriminação.

Nessa seção, discutimos como o dispositivo do patriarcalismo atravessa enunciados referentes às masculinidades no futebol brasileiro. Para isso, traçamos um percurso histórico acerca da concepção do esporte, bem como identificamos práticas discursivas enunciadas pela mídia ou perfis midiáticos que se relacionam a discursos de descontinuidade e de continuidade (por uma visão foucaultiana). Além disso, nos valem de noções de Foucault, Courtine (1981) e Deleuze (1980) para compreender aspectos relacionados, também, às visibilidades e enunciabilidades e ao domínio associado (memória).

Na próxima seção, abordaremos como se exerce o poder-saber do patriarcado em formulação de condutas relacionadas às emoções expressas pelo choro por jogadores do futebol brasileiro e como isso pode ser visto como um elemento de regularidade no processo de descontinuidade e continuidade que estamos investigando nesta dissertação.

5. O Poder-Saber do Patriarcado em Formulação de Condutas Relacionadas ao Choro, como expressão das emoções no Futebol Brasileiro.

Como vimos nas seções anteriores, na sociedade contemporânea, a masculinidade hegemônica impõe um conjunto de normas e expectativas que atravessam os enunciados referentes às masculinidades. Essa masculinidade tradicional é frequentemente associada à força, à racionalidade e à negação da emoção. No entanto, como demonstrado por enunciados anteriormente analisados, essa masculinidade hegemônica apresenta fissuras e pontos de fuga que desafiam as normas rígidas e impositivas. O choro, em particular, é um ato que frequentemente rompe com as normas da masculinidade hegemônica. A vulnerabilidade que ganha visibilidade pelo choro é vista como um sinal de fraqueza, incompatível com a imagem do "homem ideal" (se analisada pelo rizoma da virilidade). O choro masculino, nesse contexto, pode ser interpretado como uma linha de fuga do rizoma do patriarcalismo. Ao expressar suas emoções de forma autêntica, o homem transgrede as normas e expectativas da masculinidade hegemônica, abrindo espaço para novas masculinidades mais saudáveis e inclusivas. Nessa perspectiva, Muller (2021) destaca que:

[...] o choro é uma forma de expressão, mostra o sentimento. Do ponto de vista psicológico, o choro é importante e necessário. É uma forma de descarregar a energia física e emocional. Como um alívio, tira uma dor. Mas ele (choro) também vem pela alegria, pela superação ou conquista. Nem todo choro é ruim. No aspecto social, o choro é voltado para o preconceito, o que é contraditório. Essa ideia faz com que a gente repreenda nosso choro. Mas ele precisa acontecer, é um processo natural. Quando você 'engole o choro', não acontece a descarga emocional. (MULLER, 2021, p. 3)

No campo do futebol brasileiro, o choro é frequentemente associado à fraqueza e à falta de masculinidade, sendo visto como um comportamento inaceitável para os jogadores, especialmente em momentos de derrota ou frustração. Essa visão repressora está enraizada nas estruturas patriarcais da sociedade brasileira, que definem normas rígidas sobre o que significa ser homem e como os homens devem se comportar. Pelos estudos foucaultianos, analisamos como o choro (essa expressão de vulnerabilidade e de fraqueza) no futebol pode estar recoberto por um acúmulo de enunciados de poder-saber

que têm no patriarcado suas condições de possibilidade e de emergência, dando a conhecer, também, quais seus mecanismos de controle e de normalização.

Embora já tenhamos nos detido mais demoradamente no tema, consideramos importante lembrar que o patriarcado, como sistema de poder que privilegia os homens em relação às mulheres, constrói um discurso normativo sobre o que significa ser um homem forte e viril. Nesse discurso, o choro é visto como um sinal de fraqueza emocional e sensibilidade, características que são consideradas incompatíveis com a masculinidade hegemônica.

Isso posto, se voltarmos nosso olhar para o futebol, o polo de poder-saber patriarcal se articula-se com de diversas práticas e discursos que reprimem a manifestação do choro dos jogadores. Além disso, a cultura do futebol masculino muitas vezes incentiva seus atletas a reprimirem suas emoções, o que pode levar a problemas de saúde mental. É importante ressaltar que essa visão repressora do choro não é natural ou biológica, mas sim um elemento que serve para manter o poder do patriarcado.

Considerando os elementos que formam os rizomas hegemônicos de masculinidade, o jogador deve agir e se portar de determinado modo e dizer certas coisas e não outras. Dessa perspectiva, expressar-se, por meio do choro, não porque ganhou, mas porque perdeu, constitui um dos pontos de fuga do rizoma do patriarcalismo. Desse ato, podemos extrair o visível e o enunciável desse corpo que chora: “eu não consigo atender a todos esses predicativos”, ou: “falhei, não fui forte o suficiente, macho o suficiente, para dividir a bola e aguentar os 90 minutos + prorrogação. Não tive o ímpeto todo, futebol exige cálculo, eu falhei e o choro mostra como eu sou vulnerável”.

Compreenderemos, assim, como os enunciados em relação ao choro, quando associados à figura dos jogadores de futebol, passam a configurar condutas e a subjetivar os demais sujeitos nessa prática discursiva, uma vez que há a produção de discursos pejorativos e negativos em relação a esses homens que choram.

SE19 - A hermenêutica do choro

Retomando a introdução da seção, percebemos que a cultura dominante da masculinidade estabelece um conjunto estrito de normas de conduta para os atletas de futebol, exigindo que eles se conformem a um padrão pré-determinado em suas ações, comportamentos e palavras, suprimindo qualquer desvio dessa norma. O ato de chorar, especialmente após uma derrota, é considerado uma violação dessa idealização da masculinidade, uma ruptura com as raízes patriarcais. Quando um jogador chora, seu corpo expressa a impossibilidade de cumprir todas as expectativas impostas sobre ele. O choro se torna um meio de comunicação de sua frustração, através dos sentimentos de fracasso.

Esse enunciado, que associa o ato de chorar à fraqueza, constrói discursos depreciativos e desfavoráveis dirigidos aos jogadores que expressam suas emoções dessa forma. Tais discursos funcionam como instrumentos de controle social, subjugando os jogadores a uma subjetividade relacionada à masculinidade hegemônica.

Esporte

A hermenêutica do choro

Machistas andam envergonhados de nossos chorões. Feministas acham muito fofo que homens feitos assumam desse modo suas fragilidades. Convenhamos: está ficando chato Chorar é bom? Chorar é ruim? Homem chora? Não chora? Pode chorar, mas não na frente das crianças? Reflexo das atuações malucas da seleção brasileira, o futebol propriamente dito tem ocupado pouco espaço [...]

Por Sérgio Rodrigues Atualizado em 6 out 2021, 15h05 - Publicado em 2 jul 2014, 09h28



CONSELHO AO PÉ DO QUILÓ - Está na hora de falar para Thiago Silva e seus companheiros, como Fellipe já fez, que é só um jogo, afinal Ricardo Costa/VEJA

Machistas andam envergonhados de nossos chorões. Feministas acham muito fofo que homens feitos assumam desse modo suas fragilidades. Convenhamos: está ficando chato. Eu seria a última pessoa do mundo a condenar críticas culturais – ou, vá lá, antropológicas – aos assuntos do futebol, mas, nesse caso, acredito ser proveitoso manter o foco no esporte. A seleção brasileira mais chorona de todos os tempos é também, para não entrar numa comparação propriamente qualitativa, a mais inconstante, a mais propensa a ataques de pânico da história. Coincidência? Duvido. É nesse sentido que o estado emocional da equipe merece ser discutido.

Fonte: <https://placar.com.br/esporte/a-hermeneutica-do-choro/>

Para articularmos as análises posteriores, torna-se essencial remetermos a um conceito-chave foucaultiano presente na “A Arqueologia do Saber”. Conforme destacam Voss e Navarro (2013):

[...] sobre a árvore de derivação enunciativa, eis que aparece, então, uma noção de enunciado reitor, como extensão do que se entende a partir da árvore de derivação enunciativa. Os enunciados reitores são, para Foucault, aqueles que se localizam junto à raiz de uma árvore de derivação enunciativa; são os enunciados que regem o funcionamento desta última e que desempenham as regras de uma formação discursiva de modo mais concentrado e abrangente, permitindo, a partir de seu centro organizador, o surgimento de aplicações diversas no desempenho de outros enunciados. (Voss & Navarro, 2013, p. 102)

O enunciado reitor não deve ser visto como a origem de um saber específico, mas como um enunciado se conecta mais intensamente as características de uma formação discursiva em relação a um objeto. Ele atua como uma matriz enunciativa que estabelece os critérios das regras de formação. É a partir desse enunciado que se desenvolve o conceito de série enunciativa: a rede de enunciados que, dentro de diversos contextos discursivos, utilizam as mesmas regras de formação. Assim, de acordo com Foucault (1969), os enunciados reitores são aqueles que:

[...] se referem à definição das estruturas observáveis e do campo de objetos possíveis, que prescrevem as formas de descrição e os códigos perceptivos de que ele pode servir-se, os que fazem aparecerem as possibilidades mais gerais de caracterização e abrem, assim, todo um domínio de conceitos a ser construídos; enfim, os que, constituindo uma escolha estratégica, dão lugar ao maior número de opções ulteriores. (Foucault, 1969, p. 166).

O choro no futebol, como enunciado no artigo, está associado a uma prática discursiva que é formulada por uma conduta de um enunciado reitor: homem não deve chorar. O choro fragiliza, escancara a docilidade e afasta a eficácia. As relações de poder presentes nesse enunciado demarcam que “a seleção mais chorona de todos os tempos é também a mais instável”.

Conforme nos lembra (Foucault, 1982, p. 243) “o poder não se tem, se exerce, se estabelecendo em uma relação entre indivíduos: uma ação em relação à outra ação” Assim, a norma patriarcal contribui para as relações de poder do enunciado referente a Thiago Silva, então capitão da seleção. O fato de o jogador ter chorado em público é visto como um sinal de fraqueza, porém pode ser tomado como um ato dissidente. Ao expressar suas emoções durante aquela partida específica, o atleta enfrenta restrições e discriminações, atribuídas à percepção de "despreparo". Reforçado pelo enunciado midiático, isso pode ser interpretado como uma falta nos "treinamentos psicológicos" fornecidos aos jogadores, especialmente a Thiago Silva, e como uma suposta inadequação pessoal ao papel de capitão.

Neste contexto esportivo, através da repetição de ações e comportamentos ligados à prática discursiva, existem normas que internalizam padrões de masculinidade nos indivíduos que integram essa instituição. Por exemplo, ao encorajar a supressão das emoções e do choro durante os treinos, tais comportamentos podem se tornar naturalizados pelos atletas, fazendo com que isso ressoe nessa relação poder-saber.

A ênfase na necessidade de "raça", "força", "determinação" e "vontade" para alcançar o sucesso em uma partida ou campeonato implica a seleção e aceitação de certos sentimentos e comportamentos, enquanto outros, como "indolência", "fraqueza" e "falta de vigor", são reprimidos. Esta correlação prepara os corpos para uma atuação viril no contexto esportivo e se recua e distancia de descontinuidades, isto é, aproximações a rizomas antihegemônicos.

SE20 – Por que o choro de Neymar nos incomoda mais que sua violência?

Por que o choro de Neymar nos incomoda mais que sua violência?

Nosso herói nacional, um homem, pode bater, xingar e tomar cartão amarelo, só não pode lacrimejar ao fim da partida

Nana Queiroz
26/06/2018 5:28, atualizado 26/06/2018 7:40

Richard Heathcote/Getty Images



Minutos após o fim da partida, a *home* do jornal O Globo já exibia esta manchete: “Não é normal chorar em um segundo jogo de Copa”. Nas conversas do bar onde eu assisti ao embate, as pessoas tiravam sarro das lágrimas de Neymar, assim como de seu “cai-cai”.

Fonte: <https://www.metropoles.com/disse-mina/por-que-o-choro-de-neymar-nos-incomoda-mais-que-sua-violencia>

Relacionada à masculinidade, o choro aqui é questionado pela autora do artigo, Nana Queiroz, pois, em sua visão, o principal ponto a ser articulado na mídia deveria ser a violência exposta pelo jogador da seleção Neymar. Para isso, a autora retoma outra notícia exibida no jornal “O Globo”, na qual a manchete destaca “Não é normal chorar em segundo jogo de Copa”, além das conversas cotidianas em bares que ouvia sobre as ações de Neymar caindo em campo. O principal ponto discutido pelo artigo, portanto, não é o choro do jogador, nem a masculinidade frágil, mas uma reflexão sobre como, com tantas atitudes violentas em campo (xingar outros jogadores, desrespeitar os árbitros e as regras futebolísticas), o choro de Neymar ainda é “problematizado”, De acordo com a autora:

Ao fim e ao cabo, a negativa de admitir que homens têm e devem expressar emoções leva tantos deles a sofrer doenças mentais em silêncio e, muitas vezes, a tirar a própria vida. Cerca de 11 mil pessoas se matam todos os anos no Brasil. Cerca de 80% delas são homens.

A conduta da formulação sobre o enunciado reitor: “homem não chora” é tão expressiva que apaga as práticas discursivas associadas a uma masculinidade antihegemônica. Naturaliza-se a violência. Espanta-se com o choro e a “docilidade”

Isso tange o rizoma da masculinidade viril e violenta que está relacionada à forma como a violência é naturalizada e masculinizada na sociedade brasileira. Homens são encorajados a serem agressivos e a resolver conflitos através da força física, enquanto o choro é visto como um sinal de fraqueza e inferioridade.

A SE 21, dessa maneira, se questiona: o que estamos perdendo, afinal?

SE21 - O que estamos perdendo, afinal?

COPA DO MUNDO

Artigo: O que estamos perdendo, afinal?

AD Ana Dubeux

postado em 11/12/2022 06:00



(crédito: Reprodução/Twitter @zabeleoliver)

O que nós torcedores podemos aprender com a derrota da Seleção Brasileira na Copa do Mundo do Catar? Essa pergunta ficou martelando na minha cabeça depois de ver e ouvir relatos sofridos, sobretudo de crianças e adolescentes, que nunca tiveram a alegria de ver o Brasil erguer a taça de campeão do mundo. O choro é a expressão mais genuína, inclusive da criança que mora em nós, da decepção.

Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniao/2022/12/5058206-artigo-o-que-estamos-perdendo-afinal.html>

Na SE21, percebemos que a autora constrói uma ideia de que a derrota serve de lição para os torcedores brasileiros e para a nação brasileira, no sentido de que esperamos muito dos jogadores, da seleção e a importância dada a isso é muito maior do que a que deveria ser dada. O choro estampado na imagem remete à decepção. Há um contraste entre a "paixão" dos torcedores brasileiros com a "frieza" de torcedores europeus. Essa dicotomia reforça a ideia do torcedor brasileiro como excessivamente emocional e

irracional. Ao associar o choro à decepção, a autora nos remete ao rizoma da “eficácia”, visto que algo tão natural como o choro é escandalizado quando se trata de um jogador. A sua masculinidade é exposta e as linhas de fuga de um corpo que não consegue lidar com a pressão da masculinidade hegemônica se evidencia. O choro é uma fuga ao dispositivo patriarcal que atua sobre os corpos dessas posições-sujeitos. Conforme enuncia a autora do artigo Ana Dubeux:

Talvez o que os europeus tenham aprendido é lidar com suas dores e a não se desestruturar totalmente com elas. Alguns chamam de frieza; os mais modernos, de resiliência. O fato é que eles se protegem e redirecionam rumos com muito mais facilidade.

Já nós, os brasileiros, não sabemos o que fazer com as nossas dores, organizar a bagunça emocional que fica depois das ameaças e erros. Só queremos que desapareça o desconforto, e a forma mais fácil de lidar com isso é descontando a raiva. Lá vem a culpa personificada, a degradação pública, o julgamento, o dedo apontado. Afinal, alguém tem que pagar pela decepção que estamos sentindo.

A dor é legítima; a raiva, também. Mas alimentar esses bichos não resolve nada. Não temos a decência de olhar para os erros, todos eles (do futebol ao racismo; da destruição do meio ambiente à ditadura), em todas as escalas, e aprender. Queremos louvar em um minuto, engrandecer técnico e jogadores como salvadores de uma pátria falida num momento e, no outro, jogá-los na arena para serem comidos por leões.

O que nos falta é maturidade e equilíbrio. Estamos perdendo a oportunidade de aprender. Fazer festa é bom, mas antes da hora é tão somente enaltecer as expectativas. Precisamos fazer tudo com mais seriedade se quisermos conquistar vitórias reais, sólidas, realmente grandiosas, e crescer como nação. Vale para o futebol e para todo o resto.

Ao reforçar e enunciar isso midiaticamente, corrobora-se para a concepção de masculinidades próximas da hegemonia, isto é, continuidades do discurso. O choro como um sinônimo de decepção evidencia a perda máxima. “A frieza do europeu” é algo associado a um discurso ideal, já a emoção brasileira ao desequilíbrio e à falta de maturidade.

De modo a expandirmos essa perspectiva, ressaltamos que, na visão de Butler (2006), “os gêneros são concebidos como relações sociais complexas e dinâmicas, em constante processo de formação e reconfiguração”. Através de uma teia intrincada de discursos, saberes e poderes, esses gêneros relacionam-se “aos corpos através de atos performativos”. Esses atos, reiterados, repetitivos e citacionais, não se limitam a meros

comportamentos, mas sim a performances que constroem e reiteram a inteligibilidade do que significa ser "homem" e "mulher" em uma determinada cultura. Por meio dessa constante reencenação, os gêneros se naturalizam e se internalizam, tornando-se parte da própria subjetividade dos indivíduos. No entanto, essa performatividade não é um processo linear e homogêneo. Tensões, contradições e dissidências permeiam a dinâmica dos gêneros, abrindo espaço para a subversão dos padrões culturais rígidos e limitantes. Através de resistências, reinterpretações e recriações, indivíduos e grupos que desafiam as normas hegemônicas, abrem-se caminhos para novas possibilidades.

Além de visibilizar a vulnerabilidade dos atletas em campo, dadas as derrotas sofridas, a manifestação das emoções pelo ato de chorar pode ser vista, no material de análise, como um processo que se opõe a essa hegemonia da performatividade da eficácia, isto é, ser homem não necessariamente significa atender a todos os requisitos com perfeição.

Além disso, o texto midiático normaliza uma forma específica de torcer, silenciando até mesmo outras formas de vivenciar o futebol e a emoção da competição. Focando no “mais” do enunciado, poderíamos nos perguntar: em qual espaço tornar-se-ia possível a reflexão sobre a pressão sofrida pelos jogadores? E sobre a importância da resiliência e da superação? O texto se concentra na dor imediata da derrota, mas não oferece um espaço para discursivizações relacionadas a novas formas de masculinidade, em que o choro é possível e não algo passível de ser problematizado.

O choro, assim, passa a ser atravessado por uma perspectiva de fracasso, já que, como anuncia a SE22, um dos motivos pelo qual o Brasil não ganhou a copa foi a desestabilização emocional que sofre a seleção brasileira.

SE22 – 11 motivos pelos quais o Brasil não ganhará a copa

Copa do Mundo

Opinião: 11 motivos pelos quais o Brasil não ganhará a Copa

Conforme-se, torcedor: o “hexa” não virá no Catar. Segure a emoção ao ler este texto e entenda por que a comemoração será adiada uma vez mais

Por **Eduardo Tedesco*** Atualizado em 4 out 2022, 18h42 - Publicado em 4 out 2022, 08h59



No chão: Neymar merecia ter ido em 2010; depois foi só frustração Thiago Ribeiro/Getty Images

9) E a Argentina? Não é perfeita, porém ressuscitou seu futebol e vai jogar a “vida” por Messi e por uma nação esfacelada. O país fervilha — na política, na economia e no social — e quase todos por lá almejam uma alegria geral para amenizar tamanho caos. O tricampeonato mundial viria em um momento emblemático para os argentinos. Muitos deles imploram diariamente a “Dios” por essa conquista — e quase tudo indica que ela pode acontecer no final deste ano, mesmo com o favoritismo da seleção francesa na Copa de 2022;

10) Oitavas com Brasil versus Portugal: se esse cruzamento realmente acontecer, a seleção não passará pelos portugueses e estará eliminada do Mundial no Catar. Cristiano Ronaldo e seus companheiros são mais qualificados que o time brasileiro;

11) Neymar: mais uma vez, não conquistará a Copa do Mundo. Ele merecia ter ido em 2010, e não foi. Teve tudo para ser “o cara” em 2014, e ficou machucado antes do “7 x 1”. Teve outra chance em 2018, e fracassou. Em 2022, não será diferente para o pobre-golden boy;

Um lembrete final e necessário: a bandeira nacional não é lenço, nem babador, e deve ser valorizada, cuidada e bem guardada para outros eventos patrióticos. Por favor, enxugue eventuais lágrimas com papel ou toalha!

Fonte: <https://placar.abril.com.br/copa-do-mundo/opinia-11-motivos-pelos-quais-o-brasil-nao-ganhara-a-copa/>

Nesse artigo, notamos que a posição de sujeito autor, Eduardo Tedesco, é a de que o choro exposto pelos jogadores brasileiros é um dos itens para que não seja possível a vitória na copa do mundo de 2022. Percebemos, novamente, como o rizoma da eficácia pode ser retomado, uma vez que a instabilidade emocional dos jogadores remeteria a uma bandeira nacional sendo usada como “lenço” e esse não “deveria ser o ser seu papel”. O choro estampado pela imagem de Neymar caindo no chão é utilizado para uma aproximação a uma outra ideia: a de que a seleção não seria campeã.

Conforme destaca o jornalista:

Um lembrete final e necessário: a bandeira nacional não é lenço, nem babador, e deve ser valorizada, cuidada e bem guardada para outros eventos patrióticos. Por favor, enxugue eventuais lágrimas com papel ou toalha!

O enunciado faz relação com o fato de que o motivo destacado por Tedesco para a derrota da seleção brasileira é a "instabilidade emocional" dos jogadores, evidenciada pelo choro de Neymar, após a eliminação da Copa América de 2021. O autor associa o choro à fraqueza, à falta de controle emocional e à falta de masculinidade, características que são consideradas incompatíveis com a imagem do jogador ideal.

A imagem dos jogadores chorando também pode ser vista como um símbolo da masculinidade hegemônica, que define o que significa ser um homem ideal. Essa masculinidade hegemônica é caracterizada pela força física, pela agressividade e pela repressão das emoções. foca na dor e no sofrimento do jogador, mas ignora outros aspectos da história, como a frustração por ter perdido a Copa do Mundo e o orgulho de ter representado o seu país. Essa visão focada na dor contribui para a manutenção de um discurso que desvaloriza uma masculinidade na qual seja possível sentir e se expressar.

A pressão social/psicológica atribuída à figura do sujeito jogador é algo extremamente existente, o que ressoa os rizomas apresentados em seções anteriores, como o da virilidade; as escolhas discursivas marcam demasiadamente a posição ideológica do autor que enuncia sobre o tema, como nos casos de “o anti-herói” e “a hermenêutica do choro”; as imagens são extremamente importantes para a análise do que é enunciado no texto, o que reafirma a discursividade do tema. As posições axiológicas/ideológicas do texto constituem o enunciado do sujeito-autor e o choro como uma formulação de condutas no futebol brasileiro em relação ao status do que é “ser homem”.

Assim, permeados por esse enunciado reitor, algumas figuras já apresentadas nesse trabalho “ressurgem”, é o caso do jogador Richarlison, que passou por um momento de dificuldade emocional na seleção brasileira e nos faz ressoar vastos rizomas aqui já trabalhados.

SE23 – Choro? Richarlison é flagrado com olhos marejados após ser substituído em goleada da seleção brasileira.

Choro? Richarlison é flagrado com olhos marejados após ser substituído em goleada da seleção brasileira



Fonte: https://www.espn.com.br/futebol/selecao-brasileira/artigo/_/id/12563314/choro-richarlison-e-flagrado-olhos-marejados-apos-ser-substituido-goleada-selecao-brasileira

Recentemente, o atleta Richarlison, após a copa do mundo, sofreu com um mau desempenho em algumas partidas. Naturalmente, a pressão da mídia e dos enunciados críticos em relação ao jogador, fizeram com que ele sentisse as suas habilidades em campo ainda mais afetadas. Posteriormente ao episódio, Richarlison foi visto chorando em um jogo das eliminatórias. O choro foi motivo para que o enunciado associasse o mau jogo a um abalo emocional em relação a sua masculinidade. Richarlison, então, não estaria pronto para servir a seleção pois não condiz com o status do que é ser um homem jogador. A essa objetivação do choro, percebemos que as condutas vão sendo formuladas por regularidades discursivas associadas à condição de “instabilidade emocional”

O choro foi interpretado como uma fraqueza, uma quebra da imagem idealizada do jogador masculino. Richarlison é subjetivado como um jogador que não se encaixa no padrão masculino ideal. Sua habilidade em campo é eclipsada pelo foco no choro.

Essa associação entre o mau desempenho e o choro reforça a ideia de que um jogador não deve demonstrar vulnerabilidade emocional. Essa norma perpetua a objetivação do choro como algo incompatível com a masculinidade. Ao ser objetivado como um jogador que não se encaixa no padrão masculino ideal, Richarlison vê sua

habilidade em campo eclipsada pelo foco no choro. Essa objetivação possibilita condutas futuras dessa posição-sujeito, uma vez que outros jogadores são inseridos na mesma estrutura de poder, em que chorar é sinônimo de ser frágil.

Conforme enuncia a ESPN na notícia da SE21:

A goleada da seleção brasileira na estreia das eliminatórias não foi boa para todos os atletas que estavam em campo. Substituído, Richarlison foi flagrado pela transmissão com os olhos vermelhos e marejados no banco de reservas. No segundo tempo, sua grande chance ocorreu ao receber cruzamento na área, cortar o zagueiro, mas isolar um chute na entrada da pequena área. Aos 24 minutos, acabou sendo substituído para a entrada de Matheus Cunha na seleção brasileira.

Percebemos que, por uma interpretação hegemônica, mesmo com a vitória em campo, o choro de Richarlison enuncia por si só uma “fragilidade emocional” que não é permitida para a condição da posição-sujeito de jogador de futebol. Isso ressoa o rizoma da eficácia, uma vez que não basta ganhar, é preciso atuar demasiadamente bem.

Em seus escritos sobre poder e subjetividade, Foucault (1970) argumenta que “as normas sociais e culturais atuam como dispositivos de poder que regulam o comportamento humano”. Esses dispositivos não apenas impõem limites à ação individual, mas também se relacionam à maneira como as pessoas se percebem e são percebidas pelos outros. Assim, as expectativas em torno da masculinidade no contexto do futebol podem ser vistas como parte de um sistema mais amplo de poder que objetiva certos comportamentos, enquanto marginaliza outros.

Richarlison revela que buscava por “morte” no Google durante depressão

Atacante contou em entrevista sobre o período depressivo que viveu após a Copa de 2022, no Catar



Richarlison chora durante entrevista ao falar sobre depressão
Reprodução/Twitter

Leonardo Gimenez, da Itatiaia

27/03/2024 às 10:41

Compartilhe: [f](#) [X](#) [in](#) [v](#) [F](#)

Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/richarlison-revela-que-buscava-por-morte-no-google-durante-depressao/#:~:text=Atacante%20do%20Tottenham%2C%20da%20Inglaterra,seu%20psicol%C3%B3gico%20fosse%20duramente%20afetado.>

A enunciação de Richarlison de que pesquisava por "morte no Google" durante um período de depressão profunda acende um ramo desse debate sobre a saúde mental dos atletas, a pressão do alto rendimento e a historicidade masculina no futebol.

A masculinidade hegemônica, presente no futebol e na sociedade em geral, valoriza a força, a competitividade e a repressão das emoções. Essa visão limita a expressão da vulnerabilidade e do sofrimento, ao impedir que os jogadores busquem ajuda e apoio quando necessário. O medo de ser rotulado como "fraco" ou "menos homem" os leva a silenciar suas dores, intensificando o sofrimento.

Na a entrevista à rede de reportagens e artigos “ESPN”, Richarlison desabafa:

Antes, eu ia treinar e queria voltar para casa. Eu só queria voltar para o quarto, porque, sei lá, não sei o que estava dando na minha cabeça. Eu cheguei a falar com o meu pai que eu ia desistir. Dá até tristeza de falar

assim, sabe? Só eu sei do que passei depois da Copa do Mundo, descobrindo coisas aqui dentro de casa de pessoas que conviveram comigo por mais de sete anos. É loucura, velho. Chegar para o meu pai, o cara que correu atrás do meu sonho e falar 'Pai, quero desistir' é coisa de louco

A atitude de Richarlison em expor sua luta contra a depressão é um passo importante para quebrar o estigma em torno da saúde mental no futebol e na sociedade. No ato confessional de compartilhar sua experiência, demonstra que a depressão não é sinal de fraqueza, mas sim de um problema de saúde que precisa ser tratado com seriedade e respeito. A confissão do jogador permite que, como analistas, observemos que ele se constitui sujeito de uma prática que circula sobre os cuidados com a saúde mental. Ao se posicionar a partir dessa prática, há uma aproximação disso às discontinuidades em relação à masculinidade.

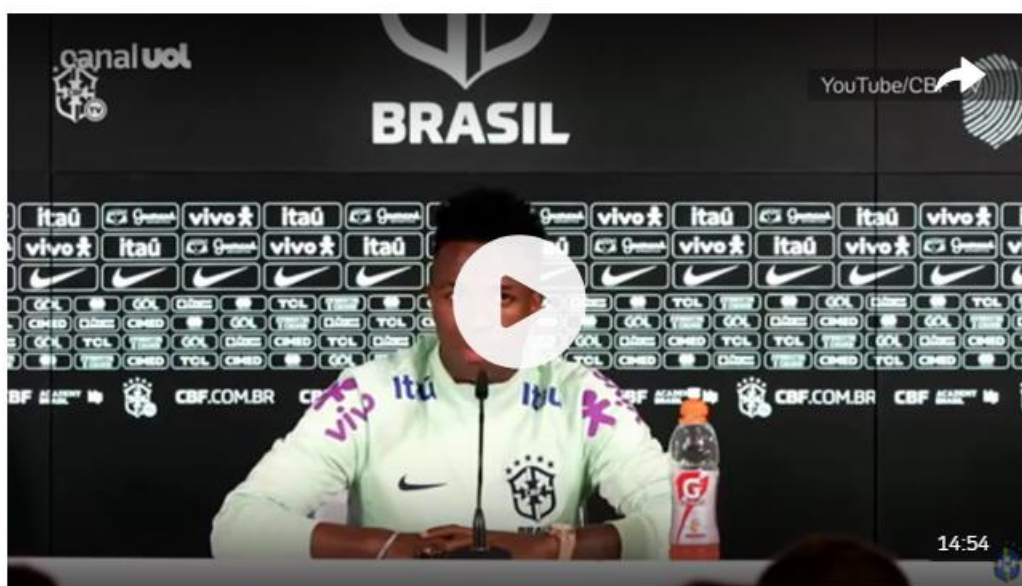
Esse esgotamento emocional, no entanto, pode ser causa para que uma luta antirracista possa “balançar”, como é o caso do enunciado na SE24, “o choro de Vini Jr expõe esgotamento grave e que ninguém conhecia”.

Opinião • Esporte

Choro de Vini Jr expõe esgotamento grave e que ninguém conhecia

Julio Gomes • Colunista do UOL

25/03/2024 14h28



Fonte: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/julio-gomes/2024/03/25/choro-de-vini-jr-expoe-esgotamento-grave-e-que-ninguem-conhecia.htm>

O artigo da coluna UOL refere-se ao choro de Vinicius Jr após uma coletiva de imprensa na CBF quando fora questionado sobre a sua luta antirracista em atuação na Espanha. O atacante sofreu diversos ataques racistas em partidas atuando pelo clube espanhol Real Madrid. Na notícia, Vinicius relata que algumas vezes ele imaginou parar de jogar, pois é muito difícil. O choro do jogador é um estopim motivado à pressão e ao preconceito que vem sofrendo.

A pressão sobre Vinicius Júnior para ser um jogador de sucesso, combinada com o preconceito racial que ele enfrenta, são exemplos de dispositivos de poder em ação. No mundo do futebol, em que o desempenho é fundamental em torno do sucesso esportivo,

os jogadores estão sujeitos a uma disciplina rigorosa que visa normalizar seu comportamento de acordo com as “ordens” estabelecidas. No entanto, o preconceito racial introduz uma dimensão adicional do exercício do poder, tornando a jornada de Vinícius ainda mais difícil e desafiadora. A decisão desse atleta, em se posicionar contra o racismo e expressar sua luta antirracista, é uma forma de resistência dentro do contexto do poder disciplinar. Ao rejeitar o papel de vítima e adotar uma postura ativa de confronto ao racismo, ele desafia as normas e expectativas que lhe são impostas. Essa prática é uma tentativa de reafirmar sua própria agência frente às forças opressivas que tentam controlá-lo.

Conforme enuncia Júlio Gomes, colunista responsável pela redação da matéria,

Em alguns momentos dos 40 minutos de entrevista nesta segunda-feira, Vini deu declarações conflituosas. Como conflituosas são os sentimentos constantes e onipresentes para todos nós, seres humanos. O mesmo cara que admite estar perdendo a vontade de jogar já avisou que não pensa em deixar o Real Madrid- "seria uma vitória dos racistas, é o que eles querem", disse. O mesmo cara que disse se sentir sozinho na luta antirracista na Espanha agradeceu aos outros jogadores espanhóis que mandam mensagens de apoio. O fato é que Vinícius abraçou uma causa que é simplesmente secular, tão complexa que faz transbordar a capacidade de lidar com ela.

É importante destacar que a reação ao choro de Vinícius Júnior também enuncia as normas e expectativas de gênero que permeiam a sociedade. A masculinidade hegemônica valoriza a ideia de ser forte, resiliente e controlado emocionalmente, enquanto qualquer sinal de vulnerabilidade pode ser interpretado como uma falha nessa masculinidade normativa. Isso faz emergir um ambiente em que os homens são desencorajados a expressar emoções consideradas como "fracas", como o choro, e são incentivados a adotar uma postura de bravura e invulnerabilidade.

De um lado, sob a perspectiva da masculinidade hegemônica, o choro de Vinícius é uma prática que tira dele a força da luta, tornando-o frágil e instável, emocionalmente, consequentemente, reduzido do status de ser um jogador que está pronto para vencer. De outro, sob a perspectiva de outras masculinidades, o choro é um estopim, um basta para a pressão que o jogador está sofrendo por conta de ataques raciais. É necessário apoio, suporte, materializando-se, nesse caso, como uma prática de resistência. Conforme Foucault (1970, p. 95) nos lembra, “não há relação de poder sem resistência, sem luta, sem oposição ativa ou potencial”

Entretanto, alguns discursos ainda se relacionam à hegemonia e corroboram para a manutenção da masculinidade tóxica, como podemos flagrar na SE25 enunciada por um ídolo paraguaio “Viadinho, futebol é para homens”.

SE25 – Ídolo do Paraguai sobre choro de Vini Jr: “Viadinho, futebol é para homens”

Ídolo do Paraguai sobre choro de Vini Jr: “Viadinho, futebol é para homens”

José Luis Chilavert fez comentário homofóbico sobre entrevista de atacante brasileiro



Chilavert disputou as Copas do Mundo de 1998 e 2002 pelo Paraguai
Shaun Botterill/Getty Images

Da CNN

Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/ídolo-do-paraguai-sobre-choro-de-vini-jr-viadinho-futebol-e-para-homens/>

O artigo intitulado “Ídolo do Paraguai sobre choro de Vinicius Júnior ‘Viadinho, futebol é para homens’” publicado na CNN Brasil é atravessada por uma perspectiva homofóbica e sexista do ex-goleiro paraguaio José Luis Chilavert em relação ao jogador brasileiro Vinicius Júnior.

Enquanto discursos de resistência emergem nos enunciados da figura de atletas como Vini Jr, com suas lutas antirracistas, jogadores como José Luis Chillavert ao comentarem o choro e a entrevista do atacante, continuam a enunciar discursos de manutenção no que tange às masculinidades. Ao se referir ao enunciado da SE19, o enunciador da SE20 relata que o jogador e ídolo da seleção do Paraguai enuncia

“viadinho, futebol é para homens”, reforçando todas as condutas expostas pela prática de chorar. Notemos que, aqui, a posição de sujeito, assumida por Vinicius Junior, estaria fora da condição precisa para que se possa ser um jogador de futebol viril, másculo e “macho”.

A arqueologia foucaultiana desenterra as condições históricas e sociais que atravessam o discurso. No caso de Chilavert, seu comentário homofóbico mantém a persistência de normas de gênero e masculinidade no mundo do futebol.

O uso da palavra “viadinho” como um insulto marca a formação discursiva que associa a masculinidade ao controle emocional e à ausência de vulnerabilidade. A resistência está presente na voz de Vinicius Júnior, que falou sobre a importância da luta antirracista. Ele desafia a norma de silêncio e estigma em torno das questões sociais. O comentário homofóbico de Chilavert é uma tentativa de reterritorializar a masculinidade. Ao associar o choro à homossexualidade e afirmar que "futebol é para homens", o enunciado reforça as fronteiras do rizoma e silencia as linhas de fuga que o ameaçam.

6. Considerações finais:

Ao longo do trajeto dessa dissertação, a iniciarmos pela primeira seção, fizemos uma introdução na qual estabelecemos os objetivos do trabalho, os percursos teórico-metodológicos, as justificativas e o estado da arte. Dessa forma, notamos que a pesquisa tem uma singularidade nos estudos discursivos e pode abrir margens para ampliarmos essa discussão nesse ambiente majoritariamente respaldado pelo dispositivo do patriarcalismo em relação à prática futebolística contemporânea (fim do século XX a 2024, nosso recorte temporal).

Na segunda seção, realizamos um percurso teórico-metodológico que serviu como um fundamento para trilharmos os movimentos de análise discursiva das sequências enunciativas. Nos pautamos em três conceitos fundamentais foucaultianos, que nos serviram de alicerce e base, sendo estes: o enunciado, as formulações discursivas e o poder.

Na terceira seção, em que foram analisadas as sequências enunciativas 3 a 11 (SE3 à SE11), a análise do enunciado das masculinidades como um rizoma, se desenvolvendo pelas raízes da: docilidade, virilidade, afetividade, violência, paternidade, sexualidade, eficácia e saúde mental, explorou a discursivização do termo "masculinidades" em um contexto específico: a prática futebolística contemporânea. Ao adentrarmos nesses enunciados, identificamos regularidades relacionadas a complexa tessitura das masculinidades na sociedade contemporânea. A história está conectada aos sujeitos, em uma dialética entre o universal e o individual, as concepções sociais que nos atravessam. As masculinidades, longe de serem entidades estáticas e imutáveis, se manifestam como um rizoma vibrante, tecendo conexões em múltiplas direções, livres de hierarquias rígidas e enraizadas em um passado imutável.

Essa natureza rizomática das masculinidades se manifesta em sua multifacetada essência, desafiando a homogeneização e a padronização. Não se trata de categorias fixas e imutáveis, mas sim de um mosaico em constante mutação, por um conjunto de elementos dinâmicos, como normas sociais, papéis de gênero, experiências individuais, culturais e produções subjetivas.

Em meio às sequências enunciativas analisadas notamos ramos da masculinidade plural, reforçando a ideia das continuidades e descontinuidades foucaultianas, o que

configura novas perspectivas sobre a masculinidade através da enunciativa midiática. A docilidade, afetividade, sexualidade, a virilidade, a violência, a paternidade, a eficácia e a saúde mental emergiram como pontos de rizomas, expondo as relações complexas e multifacetadas do homem com essas ramificações.

A análise enunciativa das publicações nos permitiu compreender regularidades discursivas dos textos associadas a elementos das formações discursivas que sustentam o tema das "masculinidades". Entre as principais regularidades, podemos destacar:

1. A masculinidade relacionada ao social e ao histórico, no sentido de que as experiências dos sujeitos nesse campo não são inatas e imutáveis, mas sim socialmente atravessadas pelos discursos, práticas e instituições. Elas se manifestam de acordo com o contexto histórico, social e cultural, perpassando as percepções e as expectativas em torno da masculinidade. Essa pluralidade é pautada na ideia de que não existe uma única masculinidade hegemônica e universal, mas sim uma multiplicidade de expressões e vivências masculinas. E se manifesta nas diversas formas de ser homem, desafiando estereótipos e concepções tradicionais.

2. A relação entre masculinidade e poder, visto que a masculinidade está, sob nossa ótica, associada ao poder e à dominação, o que pode levar à marginalização de outras formas de ser homem e à perpetuação de desigualdades sociais. Essa relação entre masculinidade e poder exige uma análise crítica e reflexiva.

3. A necessidade de rupturas das masculinidades, em que se torna fundamental questionar as normas e valores masculinos tradicionais que podem ser prejudiciais aos homens e à sociedade. O rompimento com as formas hegemônicas abre caminho para a emergência de uma masculinidade distinta a do patriarcado, possibilitando pluralidades masculinas e associando-as a um possível movimento progressista.

Na quarta seção dessa pesquisa, em que foram analisadas às sequências enunciativas onze a dezoito, sob o objetivo de realizar uma análise arqueológica do funcionamento do patriarcalismo no que tange à prática futebolística contemporânea intrinsecamente conectada à masculinidade no Brasil (descrição de estratégias, temas, domínios associados, regras de formação etc), pudemos compreender melhor os objetos de formação do discurso associado às masculinidades relacionados ao futebol brasileiro. Há um intrincado sistema de estratégias, temas, domínios e regras de formação que atravessam a prática futebolística contemporânea e a masculinidade de forma histórica. Desde os seus primórdios, pudemos notar que as masculinidades no futebol estiveram associadas às práticas políticas e hegemônicas do patriarcado. Esse percurso teórico nos

permitiu perceber como, muitas vezes, o discurso dominante está enraizado nas estruturas do futebol, perpetuando desigualdades de gênero e limitando as expressões da masculinidade. No entanto, foi possível notar as descontinuidades e rupturas desse discurso em alguns enunciados e práticas discursivas. A utilização da camisa 24, movimentos sociais que decidem discutir as masculinidades em categoria de base, pressões sociais contra ações e discursos machistas corroboram para a aparição do acontecimento, nesse caso, sendo enunciado como novas formas que emergem acerca do que é “ser homem”.

Isso reforça, sobretudo, as continuidades e descontinuidades relacionadas ao tema e, de certa forma, também se interligam à constituição do enunciado rizomático, já que não existe apenas uma forma de masculinidade, mas diversas.

Na quinta seção, em que foram reunidas as sequências enunciativas de dezenove à vinte e cinco, analisamos a manifestação do choro, como uma emoção que atravessa o discurso dos jogadores ou do modo como eles são vistos pela imprensa. Como destacado na seção, o choro é frequentemente associado à fraqueza e à falta de masculinidade, sendo visto como um comportamento inaceitável para os jogadores, especialmente em momentos de derrota ou frustração. Essa visão repressora do choro está enraizada nas estruturas patriarcais da sociedade brasileira, que definem normas rígidas sobre o que significa ser homem e como os homens devem se comportar. Com base no campo teórico-metodológico adotado, concluímos que essa forma de expressão das emoções no futebol é um efeito do poder-saber do patriarcado, que opera através de mecanismos de controle e de normalização. O patriarcado, como sistema de poder, constrói um discurso normativo sobre o que significa ser um homem forte e viril. Nesse discurso, o choro é visto como um sinal de fraqueza emocional e sensibilidade, características que são consideradas incompatíveis com a masculinidade hegemônica.

Dessa forma, o choro torna-se uma conduta que é formulada pelo enunciado reitor no status de que: realmente, homem não pode chorar. O choro, visto como um sinal de fraqueza e fragilidade, é frequentemente associado à feminilidade, que, no contexto patriarcal, é considerada inferior à masculinidade. Ao reprimir o choro, o patriarcado mantém o controle sobre os corpos e as emoções dos homens, reforçando a ideia de que a masculinidade ideal é forte, estática e inabalável.

O poder-saber patriarcal se manifesta através de diversas ferramentas, como a mídia, a educação e o esporte (nesse caso, o futebol). Por meio delas, são enunciados normas e valores (dispositivos de controle) que reforçam a masculinidade hegemônica e

reprimem a expressão das emoções. Em relação ao futebol brasileiro, a repressão do choro se tornou enunciada por diversas práticas, como críticas aos jogadores que choram em campo, piadas e comentários depreciativos, e a pressão para que os jogadores demonstrem "força" e "controle emocional" em todas as situações. Toda essa composição discursiva corrobora a manutenção de discursos hegemônicos, no que tange à masculinidade associada ao retrogrado e à toxicidade. Acreditamos que esse trabalho com o choro é inovador e nos leva a compreendê-lo como um próprio enunciado. Quando associado à masculinidade, o choro pode ser entendido pela noção de arquivo, visto que carrega uma série de “pesos” passados em sua construção discursiva. Por que homem não chora? É essa a pergunta. Ao chorar, constitui-se uma masculinidade que é atravessada pelo discurso hegemônico do enunciado-reitor: “homem não chora”. Assim, o choro é uma prática de esgotamento dessa saúde mental do sujeito jogador, como se o corpo mesmo dissesse: eu não aguento não chorar.

Contudo, ao longo dessa dissertação, analisamos como diversas possibilidades de masculinidades emergem em relação ao futebol brasileiro, explorando suas raízes rizomáticas, as estratégias do patriarcado e a discursivização do choro como símbolo de fragilidade. Ao entendermos as descontinuidades e continuidades presentes nos enunciados sobre a masculinidade, compreendemos que esta é múltipla, pois há diversas formas de masculinidades, que estão conectadas entre si pelos rizomas do discurso e interpeladas pelo dispositivo do patriarcalismo, que, por sua vez, formula condutas e práticas discursivas atreladas ao *status* do que é “ser jogador masculino”

Fazer uma análise discursiva dessa dinástica do poder, que envolve homens, futebol, virilidade e experiências dissidentes da norma é um trazer à tona as possibilidades de resistência para que possamos ter uma sociedade mais justa, inclusiva e plural. O questionamento feito sobre as normas e os valores patriarcais, associados ao tema da masculinidade no futebol nacional, pode abrir caminho para seja viável um esporte mais democrático, em que todos possam participar e se expressar livremente, sem se submeterem às amarras da masculinidade hegemônica. Além disso, todo esse percurso nos remete às teorias foucaultianas, corroborando a ideia de que o discurso é algo histórico, produzido mediante rupturas e permanências enunciativas.

7. Referências

- AZEVEDO, Sara. **Formação discursiva e discurso em Michel Foucault**. 2013.
- ALVARENGA, L. **Bibliometria e arqueologia do saber de Michel Foucault: traços de identidade teórico-metodológica**. Ciência da Informação (1999)
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: ____, Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277-326.
- BARBOSA, Pedro Luiz Navarro. **O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente**. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.
- BARONAS, Roberto. **A língua nas malhas do poder**. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da pós modernidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. **Vida Líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística**. Trad. Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/ USP, 1979.
- COUTINE, Jean-jacques. **“Analyse Du discours politique”**. Languages, n62, juin, 1981
- COURTINE, Jean-jacques. **Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública**. Tradução de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.
- CROVE, André Luis; MIOTELLO, Valdemir. **A quarta onda: observações sobre a revolução da informação**. In: TASSO, Ismara (org.). Estudos do Texto e do Discurso: Interfaces entre língua(gens), identidade e memória. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- _____. **Teoria da linguagem e lingüística geral: cinco estudos**. 2 ed. Trad. Agostinho Dias Carneiro; rev. téc. Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs 1: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34/1995, 4ª reimpressão, 2006.

DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Ed. Vega – Passagens. Lisboa. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeir. 1996.

DUBEUX, Ana. **O que estamos perdendo, afinal?** Correio Braziliense. Brasília, 11 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniaio/2022/12/5058206-artigo-o-que-estamos-perdendo-afinal.html>. Acesso em: 21 dez. 2022.

FAHEINA, Evelyn Fernandes Azevedo. **O pensamento arqueológico de Michel Foucault sobre materialidade e referencial**. Conjectura: filos. e Educ., Caxias do Sul, v. 25, e020001, 2020.

FERNANDES, Claudemar Alves. **(Re) Tratos Discursivos do Sem-Terra**. Uberlândia: EDUFU, 2007.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Interação Social e Formação Discursiva no Movimento de Luta pela Terra**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2001. (mimeo).

FERNANDES, Cleudemar Alves **Os sujeitos e os discursos na História**. In: FERNANDES, Cleudemar Alves et al. Sujeito, Identidade e Memória. Uberlândia: EDUFU, 2004 (Linguística in Focus) (p. 108-119).

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

FOUCAULT, Michel **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 4ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel **“Estratégia poder-saber”**. Coleção Ditos& Escritos, v. IV. MOTTA, Manoel de Barros da (org.). Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 223-240.

G1. **Por que o futebol feminino é mais acolhedor para atletas LGBTQIA+**. G1 Globo, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/07/29/por-que-o-futebol-feminino-e-mais-acolhedor-para-atletas-lgbtqia.ghtml>. Acesso em: 29 jul. 2023

GE. **Rodada Tripla: o que é masculinidade?** Veja como clubes da elite abordam o conceito na base. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie->

a/noticia/rodada-tripla-o-que-e-masculinidade-veja-como-clubes-da-elite-abordam-conceito-na-base.ghtml. Acesso em: 29 jul. 2023

GRÓS F. **Desobedecer**. São Paulo, SP: Ubu. 2018

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. d. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HOLLANDA, C. B. **O futebol no imaginário da intelectualidade brasileira de inícios do século XX: o embate teórico entre Lima Barreto e Coelho Netto**. Enfoques (Rio de Janeiro), v. 4, p. 1-14, 2005.

Kimmel, M. S., & Messner, M. A. (2001). **Men's lives** (6th ed.). Boston, MA: Allyn & Bacon.

KOCH, Ingedore. G.V. **A inter-ação pela linguagem**. 10º ed. São Paulo: Contexto. 2006.

Miller, J. **The passion of Michel Foucault: Illuminating the dark corners of modern life**. New York: Vintage Books. 2003

NAVARRO, Pedro. **O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD**. IN: NAVARRO, Pedro (org.) Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. **O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História**. IN: SARGENTINI, Vanice e NAVARRO-BARBOSA, Pedro. (org.) **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004. ERUCCHI, _____. **A Noção de Formação Discursiva: uma relação estreita com o corpus em Análise do Discurso**. Porto Alegre: UFRGS/II SEAD. CD-ROM, 31/10 a 04/11/2005. (p.1-6).

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual** Tradução de Helena Lopes Braga, PedroFeijó e Daniel Lourenço. Lisboa: Edições Unipop, 2015.

OESTERREICHER, Wulf. **Autonomização do texto e recontextualização. Dos Problemas fundamentais das ciências textuais**. Mimeo, 1999.

QUEIROZ, Ana. **Por que o choro de Neymar nos incomoda mais que sua violência?** São Paulo, 26 de junho de 2018. Disponível: <https://www.metropoles.com/dissemina/por-que-o-choro-de-neymar-nos-incomoda-mais-que-sua-violencia>. Acesso em: 21 dez. 2022.

- ROJO, R. **Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas.** In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos e debates.* São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.
- ROJO, R. **Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao trivium?** In.: SIGNORINI, Inês (Org). [Re] discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola, 2008. p. 73-108.
- RODRIGUES, Sérgio. **A hermenêutica do choro.** Revista Placar. São Paulo, 02 de julho de 2014. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/esporte/a-hermeneutica-do-choro/>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- TEDESCO, Eduardo. **Opinião: 11 motivos pelos quais o Brasil não ganhará a Copa.** São Paulo, 04 de outubro de 20022. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/copa-do-mundo/opiniao-11-motivos-pelos-quais-o-brasil-nao-ganhara-a-copa/>. Acesso em: 21 dez. 2022.
- TONELI, Juliana, Maria Juracy Filgueiras. **Aspectos políticos da normalização da paternidade pelo discurso jurídico brasileiro.** Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 8, n. 15, p. 139-156, jun. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519549X200800010010&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 23 abr. 2024.